

Ana Cláudia Pinto Bastos

FAZER, EU FAÇO!

**Topicalização de constituintes verbais
em português brasileiro**

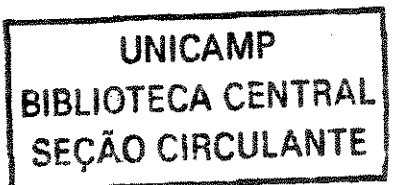
Dissertação apresentada ao Departamento
de Lingüística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Estudos da Linguagem

2001



505902002

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
V.	B297f
T.	47543
P.	837/02
C	☒
PRECOS	R\$ 11,00
DATA	06-02-02
N.º CPD	

CM00163093-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

B297f	Bastos, Ana Cláudia Pinto Fazer, eu faço! : topicalização de constituintes verbais em português brasileiro / Ana Cláudia Pinto Bastos. - - Campinas, SP: [s.n.], 2001. Orientador: Jairo Morais Nunes Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Língua portuguesa - Sintaxe. 2. Língua portuguesa - Verbos. 3. Língua portuguesa - Gramática gerativa. I. Nunes, Jairo Morais. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	--

BANCA EXAMINADORA

Jairo Morais Nunes
Prof. Dr. Jairo Morais Nunes (IEL/UNICAMP)

Orientador

Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves(IEL/UNICAMP)

Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC)

Profa. Dra. Evani Viotti (USP/UNICAMP)

Suplente

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Ana Claudia Vinto

Rastos

e aprovada pela Comissão Julgadora em
27/11/2001.

Jairo Morais Nunes

Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.

Clarice Lispector

DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação aos meus amados Henock Pinto (in
memorian) e Pedro Bastos (in memorian): avôhai !*

AGRADECIMENTOS

Por estar certa de que, sozinha, este percurso teria sido mais longo, mais árduo e talvez até impossível, sou grata às seguintes pessoas e instituições:

- ✓ *à Universidade Brasileira – pública, gratuita e de qualidade – pela minha formação de graduação e pós-graduação e pelo incentivo à iniciação científica, com destaque ao Clube de Ciências da UFPa e ao Programa de Iniciação Científica;*
- ✓ *à CAPES (PICD) pelo auxílio financeiro, concedido em forma de Bolsa de Mestrado;*
- ✓ *ao meu orientador Jairo Nunes pela paciência sem limites com que me orientou nesta pesquisa; pelo incentivo constante desde que iniciei meus estudos de gramática gerativa; e pela lucidez e visão crítica que permearam todo o processo de orientação, mesmo quando este se deu via Internet. Estou certa de que os bons frutos colhidos ao final desse processo são também frutos de sua impressionante dedicação como professor e orientador;*
- ✓ *à Charlotte Galves pelos comentários e sugestões feitos às versões de minha dissertação apresentadas no exame de qualificação e na defesa de tese;*
- ✓ *a Carlos Mito pela leitura minuciosa e pelas questões instigantes levantadas na defesa de tese;*
- ✓ *à Evani Viotti pelas muitas sugestões feitas no exame de qualificação;*
- ✓ *à Mary Kato pelos comentários feitos a várias versões deste trabalho e pelas palavras de incentivo;*

- ✓ *A Ester Duclos pelo incentivo indispensável e pelo otimismo;*
- ✓ *à “comunidade” paraense que acompanhou muitas fases deste trabalho: Silvia Cunha, Concy e Rodrigo, Amélia e Andrés, Patrícia Garcia, Ana Cleide, Marco e Afonso pelo companheirismo e apoio;*
- ✓ *aos amigos e colegas da Unicamp: Ana Paula, Marina Augusto, Maria Clara, Telma, Alba, Norma, Zenaide, Irê e Sílvia, Cristina (Crys), Angélica e Flávia pelas sugestões, conselhos e apoio;*
- ✓ *a Alice e Laiane pelo muito que me ensinaram sobre delicadeza, guache e dança;*
- ✓ *a Silvia e Mário Harada pela prova de solidariedade, amizade e desprendimento e pelo auxílio indispensável na formatação e resgate dos originais perdidos;*
- ✓ *a Cristina Ximenes, Cynthia e Marcello pelo companheirismo, cumplicidade e torcida;*
- ✓ *à minha família: Ana, André, Cássia, Thiago, Victória, Markus e Maria José pelas orações e pelo apoio emocional;*
- ✓ *a Alberto Guerreiro pelo empenho em não me deixar esquecer que há vida além da sintaxe;*
- ✓ *à Raquel Lopes e à sua querida família pelo abrigo, acolhimento e solidariedade nos momentos de revisão e impressão finais;*
- ✓ *finalmente, a Morpheus pela inspiração com que me agraciou;*

RESUMO

O objetivo desta dissertação é descrever e analisar construções de português brasileiro que são caracterizadas por duas instâncias do mesmo verbo na mesma sentença, como mostrado abaixo:

- (1) **Fazer**, eu **fiz** o bolo.
- (2) **Fazer** o bolo, eu **fiz** (mas...)
- (3) **Fazer** bolo, eu sempre **faço**.

Nessas construções, há, na periferia esquerda, uma instância verbal, que está na forma infinitiva e uma outra instância na posição regular dos verbos em português.

A principal proposta desta dissertação é que essas construções com duas instâncias de um dado verbo sejam casos de topicalização de constituintes verbais e que esses casos devem ser classificados em três subtipos de acordo com suas propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas.

No primeiro capítulo, examino as estruturas de foco-pressuposição e tópico-comentário e argumento que uma análise em termos de topicalização de constituintes verbais é a mais adequada. O segundo capítulo trata de dois efeitos semântico-pragmáticos relacionados às sentenças coordenadas adversativas que podem seguir essas construções: o efeito de contrastividade e o efeito-*mas*. No terceiro capítulo, descrevo as propriedades sintáticas que distinguem os três tipos de topicalização de constituintes verbais. Finalmente, o quarto capítulo propõe uma explicação para a ocorrência de duas instâncias verbais, utilizando a teoria de movimento por cópia (Chomsky 1993; Nunes 1995, 1999, 2000).

ABSTRACT

The aim of this thesis is to describe and analyze constructions in Brazilian Portuguese that are characterized by two instances of the same verb in the same sentence, as shown below:

(1) **Fazer**, eu **fiz** o bolo.

'As for making, I did the cake.'

(2) **Fazer** o bolo, eu **fiz** (mas...)

'As for making the cake, I did it (but...).'

(3) **Fazer** bolo, eu sempre **faço**.

'As for making cake, I make it always.'

In these constructions, there is a verbal instance in the left periphery, which is in the infinitival form, and another one in normal position of verbs in Portuguese.

The main proposal of this thesis is that these constructions with two instances of a given verb are cases of VP-topicalization and that they may be classified in three subtypes, according to their syntactic and semantic-pragmatic properties.

In first chapter, I examine the focus-presupposition and topic-comment structures of these constructions and argue that an analysis in terms of VP-topicalization is the most adequate. The second chapter deals with two semantic-pragmatic effects, related to adversative coordinate clauses that can follow these constructions: the contrastiveness effect and the *but*-effect. In the third chapter, I describe the syntactic properties that distinguish the three types of VP-topicalization. Finally, the fourth chapter proposes an explanation for the occurrence of the two verbal instances, using the copy theory of movement (Chomsky 1993; Nunes 1995, 1999, 2000).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
0.1 APRESENTAÇÃO	1
0.2 PANORAMA TRANSLINGÜÍSTICO.....	3
0.3 PROPOSTA CENTRAL E CLASSIFICAÇÃO.....	10
0.3.1 Categoria sintática na periferia sintática	10
0.3.2 Tipo de geração sintática.....	11
0.3.3 Efeito de contrastividade e efeito- <i>mas</i>	15
0.4 OBJETIVOS	16
0.5 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	17
CAPÍTULO 1	19
TÓPICO E FOCO EM CONSTRUÇÕES COM DUAS INSTÂNCIAS VERBAIS	19
1.1 APRESENTAÇÃO.....	19
1.2 O ESTATUTO DA INFORMAÇÃO	20
1.2.1 Teste com elemento interrogativo.....	22
1.2.2 Teste com elemento focalizado	29
1.2.3 Teste com constituinte negativo	33
1.2.4 Conclusão parcial.....	35

1.3	PROPOSTA DE FORMALIZAÇÃO	36
1.3.1	A Estrutura da Asserção.....	36
1.3.2	Topicalização de verbo (Tipo 1)	39
1.3.3	Topicalização de constituinte verbal (Tipos 2 e 3)	41
1.3.4	Questões residuais.....	43
1.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
CAPÍTULO 2		47
	A ORAÇÃO COORDENADA ADVERSATIVA.....	47
2.1	APRESENTAÇÃO.....	47
2.2	EFEITO DE CONTRASTIVIDADE	48
2.2.1	Contexto e contraste	48
2.2.2	A proposta.....	51
2.2.3	Casos gerais com conjunção.....	52
2.2.4	O caso dos adjuntos.....	54
2.2.5	Conclusão parcial.....	57
2.3	O EFEITO-MAS	58
2.3.1	Cancelamento do efeito- <i>mas</i>	58
2.3.2	Implicaturas conversacionais.....	60
2.3.3	Conclusões parciais	67
2.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68

CAPÍTULO 3	71
O CONSTITUINTE VERBAL NA PERIFERIA ESQUERDA	71
3.1 APRESENTAÇÃO.....	71
3.2 TIPO DE GERAÇÃO SINTÁTICA	72
3.2.1 Efeitos de ilha sintática.....	72
3.2.2 Leitura genérica e imperfectividade	74
3.2.3 Pro-forma verbal no comentário	78
3.2.4 Casos marginais com verbos não-eventivos	82
3.2.5 Conclusões parciais	84
3.3 CATEGORIA SINTÁTICA NA PERIFERIA ESQUERDA	84
3.3.1 Geração por movimento	85
3.3.1.1 Tipo 1: movimento apenas do verbo.....	86
3.3.1.2 Tipo 2: movimento de vP	86
3.3.2 Geração na base.....	92
3.3.3 Recapitulação das propostas	94
3.4 POSIÇÃO SINTÁTICA NA PERIFERIA ESQUERDA	95
3.4.1 Periferia esquerda segundo Rizzi (1997).....	95
3.4.2 A proposta.....	98
3.4.3 Relação antecedente-resumptivo	98
3.4.4 Compatibilidade com quantificação	100

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
CAPÍTULO 4	103
AS DUAS INSTÂNCIAS VERBAIS	103
4.1 APRESENTAÇÃO.....	103
4.2 DERIVAÇÃO SINTÁTICA	104
4.2.1 Topicalização gerada na base (Tipo 3).....	104
4.2.2 Topicalização gerada por movimento	106
4.2.2.1 Teoria de movimento por cópia	107
4.2.2.2 Topicalização por movimento de verbo (Tipo 1)	111
4.2.2.3 Topicalização por movimento de vP (Tipo 2).....	114
4.3 MORFOLOGIA FLEXIONAL VERBAL	118
4.3.1 Hipótese Minimalista-lexicalista.....	118
4.3.2 Atribuição da Flexão.....	120
4.3.3 Morfologia Distribuída.....	122
4.3.4 Proposta.....	123
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
CONCLUSÃO	129
BIBLIOGRAFIA.....	137

LISTA DE QUADROS E REPRESENTAÇÕES ARBÓREAS

INTRODUÇÃO

I) Tipos x Critérios	15
----------------------------	----

CAPÍTULO 3

I) Estrutura de verbos bitransitivos	87
II) VP movido para TopP.....	88
III) Antes do movimento de vP.....	89
IV) Depois do movimento de vP.....	90
V) Movimento de TP	91
VI) Gerado na base: bitransitivo.....	93
VII) vP gerado na base	94
VIII) Estrutura da Periferia Esquerda.....	96
IX) Articulação tópico-comentário.....	97
X) Articulação foco-suposição.....	97

CAPÍTULO 4

I) Topicalização por geração na base	105
II) Movimento de remanescente em Nunes (2000)	110
III) Clivagem de predicados em vata.....	112

IV) Topicalização por movimento de núcleo	113
V) Clivagem de predicados em japonês/coreano	115
VI) Topicalização de vP em português.....	116
VII) Hipótese de checagem de traços e o Tipo 1.....	119
VIII) Hipótese de checagem de traços e o Tipo 2.....	120
IX) Hipótese de atribuição da flexão e o tipo 1	121
X) Hipótese de atribuição da flexão e o tipo 2	122
XI) Localização da estrutura morfológica	123
XII) Sentença sem dupla ocorrência verbal.....	125

INTRODUÇÃO

0.1 APRESENTAÇÃO

Esta dissertação descreve e analisa construções de português brasileiro caracterizadas pela ocorrência de duas instâncias do mesmo verbo na mesma sentença, conforme vemos abaixo:

- (1) **Fazer**, eu **faço**!
- (2) Chuviscou um pouco, mas **chover**, não **choveu**.
- (3) **Correr**, a Maria sempre **corria** no fim da tarde.
- (4) **Temperar**, o João **temperou** o peixe (não a carne).
- (5) **Emprestar** a caneta para Maria, o João **emprestou** (mas...)
- (6) **Tentar** fazer ioga rigorosamente todos os dias, eu **tentei** (mas...)

Podemos ver que, em todos os exemplos, há uma primeira instância do verbo na forma infinitiva e há uma segunda instância flexionada. A primeira instância do verbo é parte do constituinte verbal que se encontra na periferia sintática esquerda, ao passo que a segunda instância está na posição regular dos

verbos em português. Exemplos como os de (1)-(6) correspondem ao seguinte esquema geral em (7) abaixo¹:

(7) [verbo infinitivo (...)] [(...) verbo finito (...)]

Na literatura consultada, há poucas referências a este tipo de construção em português brasileiro (Ilari 1986, Castro 1994 e Koch 1997) e, até o presente momento, não tenho conhecimento de nenhum estudo que descreva e analise detalhadamente o conjunto de propriedades sintáticas, semântico-pragmáticas e morfológicas que essas construções apresentam. A fim de proceder à descrição e análise das construções com duas instâncias verbais em português brasileiro, adotei a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, 1986a) em sua versão mais recente conhecida como Programa Minimalista (Chomsky 1993, 1995). Foi utilizada a metodologia de praxe em estudos desta natureza, a saber,

¹ A segunda instância verbal pode também aparecer em uma forma não-finita do verbo:

- (i) Correr, eu vou **correr** no fim da tarde.
 - (ii) Correr, eu tenho **corrido** no fim da tarde.
 - (iii) Correr, eu estou **correndo** no fim da tarde.
- Entretanto, a primeira instância verbal aparece sempre na forma infinitiva. Como mostram os exemplos abaixo, outras formas não-finitas do verbo não são possíveis nesses casos.
- (iv) **Correr**, eu sempre corria no fim da tarde.
 - (v) ***Corrido**, eu sempre corria no fim da tarde.
 - (vi) ***Correndo**, eu sempre corria no fim da tarde.

Essa discussão será retomada na seção 2.4.1. Para os fins desta apresentação, utilizarei o esquema geral mostrado em (7), que captura os casos mais gerais de construções com duas instâncias verbais.

foram aplicados testes lingüísticos de aceitabilidade² e adicionalmente foram utilizados julgamentos disponíveis na literatura lingüística.

0.2 PANORAMA TRANSLINGÜÍSTICO

Várias línguas do mundo possuem construções sintáticas caracterizadas pela ocorrência de duas instâncias verbais na mesma sentença, conforme podemos ver nos exemplos abaixo, em que as duas instâncias verbais aparecem em negrito.

- (8) Haitiano (Larson e Lefebvre 1991:249)³
Se **tande** Jan **tande** vòlè a.
It-is hear John hear thief DET
'It is hear the thief that John did (not, e.g. see)'
- (9) Vata (Koopman 1984:38)
le à **le** sàká.
eat we eat rice
'We are really EATING rice.' ou 'We are EATING rice.'
- (10) Japonês e Coreano (respectivamente) (Nishiyama e Cho 1997:463)⁴
a. John-ga computer-o **kat-ta**-koto-wa **kat-ta**.
-Nom -Acc-buy-T-koto-Con buy-T
b. John-i computer-lul sa-ss-ki-nun sa-ss-ta.
-Nom -Acc-buy-T-ki-Con buy-T-M
Ambos: 'Indeed, John bought a computer, (but...)'

² Os testes foram aplicados a brasileiros provenientes de vários estados, dentre eles, Bahia, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e também do Distrito Federal. Não foram aplicados testes lingüísticos a falantes de português europeu, por essa razão, ao longo desta dissertação, quando eu me referir a português, deve-se entender sempre português brasileiro, salvo indicação contrária.

³ DET = determinante

⁴ T = Tempo Con = Partícula contrastiva M = modo

- (11) Yiddish (Källgren e Prince 1989:48 e 53)⁵
leyenen **leyent** er dos bukh yetst.
 read-INF reads he the book now
 'As for reading, he's reading the book now.'
- (12) Russo (Abels 2000:2)⁶
čitat' (to) Ivan eë čitaet', no ničego ne ponimajet.
 read-INF (TO) Ivan her read-3sg but nothing not understand-3sg
 'Ivan does read it (the book), but he doesn't understand a thing.'
- (13) Iorubá (Dekydtpotter 1992:119)⁷
Fífún ní Tolú **fún** mí ní ìgbá.
 giving NI Tolu gave me case calabash
 'Tolu GAVE me the calabash.'

Nas construções em (8)-(13), como nas construções encontradas em português, há uma instância verbal em posição periférica na sentença. Quanto ao estatuto semântico-pragmático, elementos em posição periférica nas línguas correspondem à informação velha, pressuposta ou à informação nova, não-pressuposta. O estatuto da informação é utilizado como um critério para definir se o elemento periférico desempenha a função de tópico (informação pressuposta) ou a de foco (informação não-pressuposta)⁸. De acordo com a literatura consultada (Prince 1981/1998, Koopman 1984, Källgren e Prince 1989, Lumsden e Lefebvre 1990, Larson e Lefebvre 1991, Dekydtpotter 1992, Nishiyama e Cho 1997 e Abels 2000), há línguas em que as construções com duas instâncias verbais são analisadas como topicalização e há línguas em que essas

⁵ INF = infinitivo.

⁶ TO = partícula opcional.

⁷ NI = cópula que segue os elementos focalizados nesta língua.

⁸ Posteriores refinamentos serão feitos a essa distinção entre tópico e foco nas seções 1.2 e 3.4.

construções são analisadas como clivagem de predicados (*predicate clefting constructions*), como vemos nos seguintes exemplos.

- (14) Topicalização verbal em yiddish (Källgren e Prince 1989:48)

leyenen **leyent** er dos bukh yetst.
read-INF reads he the book now
'As for reading, he's reading the book now.'

- (15) Clivagem de predicados em haitiano (Larson e Lefebvre 1991:249)

Se fè Jan fè tab.
partícula (it-is) make John made table
'It is make tables that John did (not, e.g. paint).'

Em (14), a construção com duas ocorrências do mesmo verbo em yiddish é analisada como topicalização, porque o verbo [*leyenen*] possui o estatuto de informação pressuposta nesses casos e porque essas construções compartilham propriedades sintáticas com as demais construções topicalizadas dessa língua. Em (15), a construção com duas instâncias verbais em haitiano é analisada como clivagem de predicados, pois o verbo [*fè*] corresponde à informação não-pressuposta, contrastiva, além de estar acompanhado da partícula [*se*] que ocorre nos demais casos de clivagem encontrados nessa língua.

Considerando que as construções com duas instâncias verbais podem corresponder a topicalização ou a focalização de constituintes verbais (clivagem) nas demais línguas, a primeira pergunta que se coloca para a análise do português brasileiro é a seguinte: as construções com duas instâncias verbais correspondem a topicalização ou focalização nessa língua?

Uma outra propriedade que caracteriza as construções com duas instâncias do mesmo verbo é que, em todas as línguas a que tive acesso, essas

construções estão sujeitas a efeitos de ilhas sintáticas, o que evidencia que são geradas por movimento⁹. A título de exemplo, apresento em (16) dados da língua vata, estudada por Koopman (1984).

(16) a. Construções com movimento “longo” (Koopman, 1984: 159)

yE n gugu na àbà pà wl na n yE ngÚa yé è
 see you think NA Aba throw voice NA you saw them PART Q
 ‘Do you think that Aba announced that you SAW them?’

b. Restrição sobre NP complexo

*taka [s n wà [NP fôtô` [s mUmÚ [s n tàkà 6Ô àbà [NPe]_i]]]]
 show you like picture ITIT you showed REL Aba

Em (16a) podemos perceber que a ocorrência mais alta do verbo pode estar na sentença matriz, fato que Koopman chama de movimento “longo” e, em (16b), vemos que a extração verbal está sujeita a restrição sobre NP complexo. Uma vez que as construções com duas instâncias verbais em outras línguas são geradas por movimento, pode ser levantada a seguinte questão: as construções com duas instâncias verbais em português brasileiro são geradas na base ou por movimento para a periferia sintática esquerda?

Quanto à categoria que está se movendo, também parece haver variação translingüística. A maior parte das línguas a que tive acesso não permite o complemento junto ao verbo na periferia esquerda, o que leva muitos autores a

⁹ Matos (1992) discute construções com duas instâncias verbais em português europeu, propondo que os constituintes à esquerda são gerados na base e não por movimento. Discutirei os dados apresentados por ela na seção 3.2.2.

propôr que nestes casos apenas o verbo se move¹⁰. Exceções são providas pelas análises de Dekydtspotter (1992) para o iorubá e de Abels (2000) para o russo¹¹.

(17) Iorubá (Dekydtspotter 1992:119)

a. *Fífún* ni Tolú *fún* mi ní ìgbá.
giving NI Tolu gave me case calabash
'Tolu GAVE me the calabash.'

b. *Fífún* mi ni Tolú *fún* mi ní ìgbá.
giving me NI Tolu gave me case calabash
'Tolu GAVE ME the calabash.'

(18) Russo (Abels 2000: nota 2)

a. *dumat'* o *ženit'be* to on *dumaet*, ...
think about marriage to he thinks, ...

b. *čitat'* *knigu* to on *čitaet*, ...
read book to he reads, ...

Dekydtspotter mostra que é possível ter o complemento acompanhando o verbo em sentenças do iorubá, conforme o dado em (17), e Abels afirma que alguns falantes de russo consideram as sentenças em (18) plenamente aceitáveis. À luz desses fatos, outra pergunta que se coloca é esta: qual categoria está na periferia sintática em construções com duas instâncias verbais?

Uma última questão translingüística está relacionada a aspectos morfológicos das duas instâncias verbais que aparecem nas línguas. Há línguas em que as duas ocorrências são idênticas, conforme mostram os exemplos de (19)-(20) e há línguas em que as duas ocorrências são distintas quanto à flexão

¹⁰ Compartilham da análise de movimento apenas do verbo Koopman (1994) para o vata, Nunes (2000) também para o vata, Källgren e Prince (1989) para o yiddish, dentre outros.

¹¹ Embora o haitiano também não permita complementos junto ao verbo que está à esquerda, Larson e Lefebvre (1991) analisam os dados desta língua como movimento do predicado em LF.

verbal, conforme os exemplos de (21)-(23).

(19) Haitiano (Larson e Lefebvre 1991:249)

- a. Se **achte** Jan **achte** flè.
It-is buy John buy flowers
'It is buy flowers that John did (not, e.g. steal).'
- b. Se **gade** Jan **gade** television an.
It-is watch John watch television DET
'It is watch television that John did (not, e.g. fix).'
- c. Se **tande** Jan **tande** vòlè a.
It-is hear John hear thief DET (not, e.g. see)
'It is hear the thief that John did (not, e.g. see)'

(20) Vata (Koopman 1984:38)¹²

- a. le à le sàká.
eat we eat rice
'We are really EATING rice' ou 'we are EATING rice.'
- b. li Ò da sàká li.
eat s/he PERF-AUX rice eat
'S/He has EATEN rice.'
- c. li Ò li sàká
eat s/he ate rice
'S/He ATE rice.'

(21) Yiddish (Källgren e Prince 1989:48 e 53)

- a. **leyen** **leyent** er dos bukh yetst.
read-INF reads he the book now
'As for reading, he's reading the book now.'
- b. **veys-n** **veys-t** er gornit.
know-INF knows he nothing
'As for knowing, he knows nothing.'
- c. **bin-en** **bin** ikh yetst a kabtsn.
am-INF am I now a pauper
'As for being, I'm now a pauper.'

¹² PERF-AUX = auxiliar de tempo perfeito

(22) Iorubá (Dekydtspotter 1992:119)

a. **Fífún** ni Tolú **fún** mi ní ìgbá.
giving NI Tolu gave me case calabash
'Tolu GAVE me the calabash.'

b. **Sísanra** ni Tolú **sanra**, kò ga.
Being fat NI Tolu is fat, not tall
'Tolu is FAT, not tall.'

c. **Dídara** ni Tolú **dára**.
Being nice NI Tolu is nice
'It is nice that Tolu is.'

(23) Russo (Abels, 2000: 2)

a. **čitat'** (to) Ivan eě **čitaet'**, no ničego ne ponimajet.
read-INF (TO) Ivan her reads but nothing not understand-'
'Ivan does read it (the book), but he doesn't understand a thing.'

b. **rasti** to Marina **rastët**, no často boleet.
grow-INF TO Marina grows, but often be ill-3SG
'Marina does grow, but she is ill a lot.'

c. **dumat'** cto Chomsky genij (to) on **dumaet** no znat' ne znaet.
think-INF that Chomsky genius TO he thinks but known-INF not knows.
'He does think that Chomsky is a genius, but he doesn't know for sure.'

Como já sabemos, português brasileiro pode ser incluído no segundo conjunto de línguas acima, a saber, no conjunto de línguas em que as duas ocorrências são distintas quanto à flexão verbal. A pergunta que surge com esses dados é: por que as duas instâncias verbais são distintas quanto à flexão?

Embora esta dissertação seja dedicada às construções com duas instâncias verbais em português brasileiro, pretendo estabelecer um diálogo com esses estudos sobre topicalização e clivagem de predicados em outras línguas do mundo. Assim, as principais perguntas que norteiam os capítulos seguintes foram levantadas a partir desse conjunto geral de características apontadas acima.

0.3 PROPOSTA CENTRAL E CLASSIFICAÇÃO

A proposta central desta dissertação é que as construções com duas instâncias verbais são casos de topicalização de constituintes verbais e podem ser classificadas em três subtipos de acordo com suas propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas.

Nesta apresentação preliminar, considerarei dois critérios sintáticos que permitem identificar tipos de topicalização de constituintes verbais: a categoria sintática na periferia esquerda e o tipo de geração sintática. A combinação destes critérios permite distinguir três tipos de topicalização de constituintes verbais. Além disso, destacarei duas propriedades semânticas que são comuns a vários casos de topicalização de constituintes verbais: o efeito de contrastividade e o efeito-*mas*.

0.3.1 Categoria sintática na periferia sintática

Nesta seção podemos identificar dois tipos de construção com duas instâncias do verbo dependendo se a instância que aparece na periferia esquerda está ou não acompanhada de seus complementos¹³:

- (24) Tipo 1: Periferia esquerda = [verbo infinitivo]
a. **Emprestar**, o João emprestou a caneta para a Maria.
b. **Vender**, o João só vende livros usados.

¹³ Na seção 3.3, apresentarei os resultados de testes sintáticos que permitem identificar com mais exatidão a categoria que se encontra à esquerda, isto é, que permitem precisar se o que temos na periferia sintática é um verbo, um VP ou um vP (nos casos em que o verbo projeta vP) ou outro constituinte.

- (25) Tipo 2: Periferia sintática = [verbo infinitivo + argumentos]
a. **Emprestar a caneta para a Maria**, o João emprestou, mas ele já pediu de volta.
b. **Vender carro**, o João vende, mas não por um bom preço.

No caso de construções como as de (24), o verbo infinitivo está sozinho na periferia esquerda e é separado do restante da sentença por uma “entonação de vírgula”. Já em construções como (25), o verbo está acompanhado de seus argumentos e a “entonação de vírgula” separa o constituinte verbal à esquerda do resto da sentença.

Um fato notável é que o argumento externo nunca acompanha o verbo infinitivo em nenhum dos casos estudados¹⁴.

- (26) Tipo 1:
a. * **O João emprestar**, emprestou a caneta para a Maria.
b. * **O João vender**, só vende livros usados.
- (27) Tipo 2:
a. * **O João emprestar a caneta para a Maria**, emprestou (mas...)
b. * **O João vender carro**, vende (mas...).

0.3.2 Tipo de geração sintática

Outro critério importante para caracterizar os tipos de construções com duas instâncias verbais é o tipo de geração sintática. Tomemos alguns exemplos

¹⁴ Como português é uma língua que permite objeto nulo, há casos em que não é possível precisar, sem a aplicação de testes mais elaborados, qual a categoria que está na periferia sintática:

- (i) a. Fazer, eu faço!
b. Emprestar, o João emprestou.
c. Vender, o João vende.

Verbos com objetos nulos, como mostram os exemplos em (i), constituem-se em um conjunto ambíguo, já que nesses casos, o(s) argumento(s) nulo(s) pode(m) estar ou não acompanhando o verbo infinitivo.

já considerando a distinção preliminar entre Tipo 1 (só verbo à esquerda) e Tipo 2 (verbo e argumentos internos à esquerda).

(28) Tipo 1

- a. [**Emprestar**] o João emprestou a caneta para a Maria.
- b. [**Vender**] o João vendeu a casa.

(29) Tipo 2

- a. [**Emprestar a caneta para a Maria**] o João emprestou (mas...)
- b. [**Vender casa**] o João vende (mas...)

Considerando os constituintes entre colchetes à esquerda, a questão que se coloca é saber se eles são gerados nessa posição periférica ou se eles se moveram para essa posição. A fim de se obter essa informação, foram aplicados testes clássicos para identificação de movimento sintático, a saber, testes utilizando configurações sintáticas das quais é impossível extrair constituintes (ilhas sintáticas), como orações relativas, por exemplo. Observemos os conjuntos de dados abaixo:

(30) Configuração sem ilha sintática

Tipo 1

- a. **Emprestar**, o Pedro disse que o João emprestou a caneta para a Maria.
- b. **Vender**, o Pedro disse que o João vendeu a casa.

(31) Configuração sem ilha sintática

Tipo 2

- c. **Emprestar a caneta para a Maria**, o Pedro disse que o João emprestou (mas...)
- d. **Vender casa**, o Pedro disse que o João vende (mas...)

As sentenças em (30) e (31) evidenciam que o constituinte à esquerda pode figurar na periferia sintática da sentença matriz de uma construção sem ilha

sintática. Ao comparar as sentenças em (30) com as sentenças em (32) abaixo, obtemos os seguintes resultados.

(32) Configuração com oração relativa

Tipo 1:

a. ***Emprestar**, eu conheço o aluno que emprestou a caneta para a Maria (não para o Pedro).

b. ***Vender**, eu tenho um amigo que vendeu a casa (não o apartamento).

Os resultados obtidos em (32a) e (32b) mostram que as sentenças do Tipo 1 não podem figurar na periferia sintática da sentença matriz de uma construção com ilha sintática; esse resultado nos leva à conclusão de que as sentenças do Tipo 1 são geradas por movimento sintático.

Quanto às sentenças do Tipo 2, os resultados aparentemente não são uniformes:

(33) Configuração com oração relativa

a. *** Emprestar a caneta para a Maria**, eu conheço o aluno que emprestou (mas...)

b. **Vender carro**, eu tenho um amigo que vende (mas...)

A inaceitabilidade de (33a) mostra que o constituinte verbal em negrito não pode figurar na periferia sintática da sentença matriz de uma construção com ilha sintática e que, portanto, deve ser gerado por movimento. Entretanto, o constituinte verbal em negrito em (33b) pode livremente ocorrer na sentença matriz de uma construção com ilha sintática e isto indica que é gerado na base, e não por movimento sintático.¹⁵

¹⁵ Agradeço a Evani Viotti (c.p.) que me chamou a atenção para casos de construções com duas instâncias verbais que não estão sujeitos a restrições de ilhas sintáticas.

Para os fins desta apresentação preliminar, vou tomar apenas os casos mais característicos de geração na base: são os casos caracterizados por NPs nus junto ao verbo infinitivo em sentenças com aspecto imperfectivo, como vemos abaixo.

- (34) Configuração com oração relativa
- a. Emprestar **caneta**, eu tenho [um colega que nunca empresta].
 - b. Doar **roupa** pra **orfanato**, eu conheci [uma senhora que sempre doava no Natal].
 - c. Precisar de **ajuda**, eu conheço [muita gente que precisa, mas não pede].
 - d. Varrer **casa**, eu tenho [uma amiga que varre três vezes por semana].

Seguindo Saraiva (1997), estou assumindo que NPs nus são formados pelo nome comum (núcleo), em sua forma básica, sem determinante e sem marca de plural, como os destacados nas sentenças em (34). A inaceitabilidade dos exemplos em (35) abaixo mostra que a geração na base de constituintes verbais não é possível quando os argumentos internos que acompanham o verbo são plenos; para estes casos, a única possibilidade é a geração por movimento.

- (35) a. * Emprestar **os disquetes**, eu briguei com [o colega que emprestou] (mas...)
b. * Doar **o sofá velho** para **o asilo**, eu entrevistei [a senhora que doou] (mas...)
c. * Precisar **do microscópio**, eu conversei com [o aluno que precisou] (mas...)
d. * Varrer **a nave da igreja**, eu conversei com [a pessoa que varreu] (mas...)

Esta seção mostrou que, adotando o critério de tipo de geração sintática, é necessário distinguir um terceiro tipo de construções com duas instâncias verbais: um tipo que é gerado na base. Temos, então, o seguinte quadro:

I) Tipos x Critérios

	Categoria sintática	Tipo de geração sintática
Tipo 1	só verbo	por movimento
Tipo 2	verbo + argumentos plenos	por movimento
Tipo 3	verbo + NPs nus	na base

0.3.3 Efeito de contrastividade e efeito-mas

Observemos os seguintes conjuntos de sentenças:

- (36) a. Emprestar, o João emprestou *a caneta para a Maria*.
b. Fazer, o João fez *só os exercícios*.
- (37) a. Emprestar a caneta para a Maria, o João emprestou, *mas ele já pediu de volta*.
b. Fazer os exercícios, o João fez, *mas não acertou nenhum*.

Em sentenças como as de (36), os argumentos estão acompanhando o verbo flexionado e o foco sentencial recai sobre os argumentos internos¹⁶. Estas construções parecem completas em si mesmas quando comparadas a sentenças como as de (37), que são seguidas por uma sentença coordenada que as “completa”. Essas sentenças coordenadas estabelecem um certo *efeito de contrastividade*, possuindo, entretanto, propriedades distintas dos casos de focalização contrastiva (ver cap. 2 para refinamentos posteriores).

Se a sentença coordenada não está explícita, isto gera uma expectativa adversativa, algo como um *mas* implícito que será aqui chamado de *efeito-mas*.

¹⁶ Em (36a), o foco recai sobre o par <a caneta, para a Maria> não violando, portanto, a restrição de que há apenas um foco por sentença.

- (38) a. Emprestar a caneta para a Maria, o João emprestou (**mas** ...)
b. Fazer os exercícios, o João fez (**mas** ...)

Quando algum constituinte fora da periferia sintática é focalizado, o efeito-*mas* desaparece, como vemos abaixo:

- (39) a. Emprestar a caneta para a Maria, foi O JOÃO que emprestou.
b. Fazer os exercícios, foi O JOÃO que fez.

Esses dados sugerem que há uma distribuição complementar entre o efeito-*mas* e a presença de um constituinte que possa receber o foco da sentença.

0.4 OBJETIVOS

Uma vez apresentados o objeto de estudo, a orientação teórica e a proposta central de análise, traço os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever as estruturas de tópico-comentário e de foco-suposição das construções com duas instâncias verbais, enfatizando o estatuto informacional do constituinte verbal à esquerda;
2. Capturar em representações abstratas as propriedades semântico-pragmáticas encontradas;
3. Explicar como surgem o efeito de contrastividade e o efeito-*mas*, que estão relacionados às sentenças coordenadas que podem seguir as construções com duas instâncias do mesmo verbo;
4. Explicar por que o efeito-*mas* é anulado na presença de um constituinte focalizado;

5. Descrever as propriedades sintáticas do constituinte à esquerda, tais como seu tipo de geração sintática, sua categoria sintática e a projeção sintática que ocupa na periferia esquerda;
6. Propor derivações sintáticas capazes de explicar por que há duas instâncias verbais nos casos de topicalização de constituintes verbais; e
7. Explicar por que as duas instâncias verbais são distintas quanto à flexão.

0.5 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O primeiro capítulo se ocupará das questões relacionadas aos objetivos 1 e 2. Nele serão examinadas propriedades semântico-pragmáticas das construções com duas instâncias verbais em português brasileiro, a fim de demonstrar que uma análise em termos de topicalização de constituintes verbais é a mais adequada para este fenômeno. Para isso, considero o estatuto da informação do constituinte à esquerda e procuro estabelecer como se articulam as oposições foco-suposição e tópico-comentário nos tipos considerados até aqui. Finalmente, proponho representações abstratas para capturar as propriedades encontradas.

O segundo capítulo, também de cunho semântico-pragmático, tratará das coordenadas adversativas que podem seguir as construções com duas instâncias do mesmo verbo. Tratarei, primeiramente, do efeito de contrastividade que surge quando as coordenadas adversativa estão explícitas, mostrando diferenças entre esse tipo de contrastividade e a contrastividade que está relacionada aos casos de focalização contrastiva. Em seguida, tratarei do efeito-

mas que surge quando as sentenças coordenadas adversativas estão implícitas. A fim de explicar por que o efeito-*mas* é anulado na presença de um constituinte focalizado, utilizarei a noção de *implicaturas conversacionais* de Grice (1975).

No terceiro capítulo, será feita a descrição das propriedades sintáticas que permitem classificar as construções com duas instâncias verbais em três subtipos. Primeiramente, tratarei do tipo de geração sintática do constituinte verbal à esquerda. Em seguida, apresentarei várias diferenças entre os Tipos 1 e 2, gerados por movimento sintático, e o Tipo 3, gerado na base. Também investigarei qual categoria se encontra na periferia sintática, apresentando diferenças entre o Tipo 1 (apenas o verbo) e os Tipos 2 e 3 (verbo e argumentos). Finalmente, na última seção, examinarei evidências sintáticas para a topicalização de constituintes verbais.

O quarto capítulo se ocupará das questões relacionadas aos objetivos 5 e 6, isto é, explicar como surgem as duas instâncias verbais. Inicialmente, tratarei da proposta de derivação sintática para a topicalização gerada na base; em seguida, apresentarei a proposta de derivação para a topicalização gerada por movimento, propondo que os Tipos 1 e 2 são casos de realização fonética de cópias verbais múltiplas. Finalmente discutirei hipóteses sobre o funcionamento da morfologia flexional verbal na Teoria de Princípios e Parâmetros a fim de explicar por que as duas instâncias verbais são distintas quanto à flexão.

CAPÍTULO 1

TÓPICO E FOCO EM CONSTRUÇÕES COM DUAS INSTÂNCIAS VERBAIS

1.1 APRESENTAÇÃO

Duas noções desempenham papel fundamental nesta dissertação: tópico e foco. Neste capítulo, atentarei para as propriedades semântico-pragmáticas capazes de distinguir estes dois fenômenos, que geralmente (mas não necessariamente) estão relacionados à periferia sintática esquerda.

Não é minha intenção aqui fazer uma revisão da extensa literatura sobre estas noções. Para os fins deste capítulo, utilizarei a caracterização de Rizzi (1997) para as articulações tópico-comentário e foco-suposição e a proposta de Zubizarreta (1998) de que essas duas articulações devam ser capturadas em uma representação abstrata pós-LF, denominada *Estrutura da Asserção*.

Duas questões norteiam as discussões que serão travadas nas seções seguintes:

- Qual o estatuto da informação do constituinte verbal que aparece na periferia sintática em construções com duas instâncias verbais?
- Como codificar em representações abstratas as propriedades encontradas?

Na seção 1.2, considero o estatuto da informação do constituinte à esquerda e procuro estabelecer como se articulam as oposições foco-suposição e tópico-comentário nos tipos de construções com duas instâncias verbais considerados até aqui. Na seção 1.3, utilizo a noção de Estrutura da Asserção de Zubizarreta (1998) para capturar as propriedades semântico-pragmáticas das construções com topicalização de constituintes verbais, sugerindo extensões que lançam mão da noção de evento, no sentido de Davidson (1967).

1.2 O ESTATUTO DA INFORMAÇÃO

Um constituinte pode ser interpretado dentro de um determinado discurso como informação nova, não-suposição ou como informação velha, suposição. O estatuto da informação é utilizado como critério na distinção entre topicalização e focalização de constituintes, especialmente, quando estes fenômenos envolvem a periferia sintática. Tomemos dois exemplos de Rizzi (1997:285) para clarificar esta distinção:

- (1) Your book, you should give t to Paul (not to Bill)
 seu livro, você deve dar t para Paul (não para Bill)

- (2) YOUR BOOK, you should give t to Paul (not mine)
 seu livro, você deve dar t para Paul (não o meu)

Apesar de muito semelhantes, as sentenças em (1) e (2) são bastante diferentes do ponto de vista de sua interpretação. Segundo Rizzi, a construção em inglês em (1) é um caso de Topicalização. O tópico é o elemento mais à esquerda, [*your book*], e está separado do resto da sentença por uma “entonação de vírgula”; esse elemento normalmente expressa informação velha, mas que, de algum modo, é útil e saliente no discurso. O comentário é uma sentença aberta, predicada do tópico e, normalmente, introduz informação nova. No caso da sentença em (1), a informação nova é contrastiva e está expressa pelo constituinte [*to Paul*] que está dentro do comentário.

Já na sentença em (2), o constituinte [*your book*], que está à esquerda, carrega o acento de foco e introduz informação nova, enquanto a sentença aberta expressa contextualmente informação dada, conhecimento que o falante pressupõe ser compartilhado com o ouvinte.

Podemos explicitar estas relações do seguinte modo:

- (3) [Tópico *your book*] [Comentário *you should give t to Paul*] (not to Bill)
 seu livro você deve dar t para Paul (não para Bill)
- (4) [Foco *YOUR BOOK*] [Pressuposição *you should give t to Paul*] (not mine)
 seu livro você deve dar t para Paul (não o meu)

À luz dessa distinção entre tópico e foco nos casos em que esses fenômenos envolvem a periferia sintática, pode-se colocar a seguinte questão: em

sentenças como as em (5) abaixo, o constituinte verbal à esquerda corresponde à informação nova, focalizada ou à informação pressuposta, topicalizada?

- (5) a. Tipo 1: **[Vender]** o João vendeu as sementes de girassol.
b. Tipo 2: **[Vender as sementes de girassol]** o João vendeu (mas...)
c. Tipo 3: **[Vender semente]** o João vende no verão.

A fim de responder a esta questão, foram aplicados três testes: dois de pergunta e resposta, seguindo Zubizarreta (1998), que distingue foco apresentacional (*presentational focus*) de foco contrastivo (*contrastive focus*) e um teste adicional para foco contrastivo que envolve o alinhamento do elemento contrastado. Vejamos os resultados.

1.2.1 Teste com elemento interrogativo

Esse teste é utilizado para a identificação do *foco apresentacional* (*presentational focus*) da sentença, no sentido de Zubizarreta (1998). Segundo Zubizarreta, uma sentença como (6) abaixo, sem uma proeminência acentual específica, é ambígua quanto a sua Estrutura de Foco, isto é, quanto ao modo como se distribuem o foco e a pressuposição.

- (6) [John [ate [the pie]]]
'O João comeu a torta'

A fim de identificar o foco apresentacional de uma sentença como (6), Zubizarreta aplica testes de pergunta e resposta. Nos exemplos abaixo adaptados de Zubizarreta (1998:3), o elemento que corresponde ao foco apresentacional é

marcado com o diacrítico F¹ e recebe o acento segundo a Regra de Acento Nuclear (Nuclear Stress Rule).

- (7) a. QC: What happened?
'O que aconteceu?'
b. [_F John [_F ate [_F the pie]]]
'O João comeu a torta'
- (8) a. QC: What did John do?
'O que o João fez?'
b. [John [_F ate [_F the pie]]]
'O João comeu a torta'
- (9) a. QC: What did John do with the pie?
'O que o João fez com a torta?'
b. [John [[_F ate][_F the pie]]]
'O João comeu a torta'
- (10) a. QC: What did John eat?
'O que o João comeu?'
b. [John [ate[_F the pie]]]
'O João comeu a torta'

Esses exemplos mostram que, através da utilização de testes de pergunta e resposta, é possível identificar o foco apresentacional da sentença *John ate the pie*. O foco apresentacional é a parte na resposta que substitui o elemento interrogativo da questão contextualizadora (QC). As sentenças acima são exemplos de foco apresentacional *in situ*. A título de exemplo, vamos ver dois casos de sentenças com focalização de DPs à esquerda em português.

- (11) Foco à esquerda
a. QC: O que o João vendeu?
b. [_F As sementes de girassol] ele vendeu.

¹ Reservarei o uso de letras maiúsculas para os casos de foco contrastivo, seguindo Zubizarreta (1998).

- (12) Clivagem
- a. QC: O que o João vendeu?
 - b. Foram/ Foi [_F as sementes de girassol] que ele vendeu.

Os exemplos em (11) e (12) mostram que esses testes de pergunta e resposta são igualmente eficazes para a identificação de foco apresentacional quando o elemento focalizado está na periferia sintática ou quando a sentença é clivada. Vamos verificar, então, como se comportam as construções com duas instâncias verbais em português quando aplicamos testes semelhantes a esses.

Tomemos como modelo o par de sentenças abaixo, em que (13) é uma pergunta que contextualiza os casos em que o foco recai sobre toda a sentença e (13b) é uma resposta adequada a este contexto.

- (13) a. QC: O que aconteceu?
- b. [_F O João vendeu as sementes de girassol]

Se nas construções com duas instâncias verbais em português, o foco recai sobre toda a sentença, então essas construções devem aceitar uma QC como (13a) como contexto lingüístico adequado. Ao contrário, se nessas construções o foco não recai sobre toda a sentença, então elas não devem aceitar a QC como (13a) como contexto lingüístico adequado. Consideremos alguns exemplos²:

- (14) a. QC: O que aconteceu?
- b. Tipo 1: # [Vender] o João vendeu as sementes de girassol.
- (15) a. QC: O que aconteceu?
- b. Tipo 2: # [Vender as sementes de girassol] o João vendeu (mas...)

² O “#” significa que a sentença não é uma resposta adequada para a QC que a introduz, embora possa ser aceitável em outro contexto.

- (16) a. QC: O que aconteceu?
b. Tipo 3: # [Vender semente] o João vendeu no verão passado.

A inadequação das sentenças em (14b), (15b) e (16b) à QC indica que o foco dessas construções não recai sobre toda a sentença.

Consideremos agora os seguintes casos:

- (17) a. QC: O que o João fez com as sementes de girassol?
b. Ele [_F vendeu] as sementes de girassol
- (18) a. QC: O que o João fez?
b. Ele [_F vendeu as sementes de girassol]

A pergunta em (17a) é um contexto adequado para os casos em que o foco recai apenas sobre o verbo e (18a) é um contexto adequado para as sentenças em que o foco recai sobre o verbo e seus argumentos internos. Ao aplicar testes usando essas QCs, podem ser feitas as seguintes previsões. Se os constituintes verbais à esquerda nas construções com duas instâncias verbais correspondem ao foco apresentacional, então as QCs em (17a) e (18a) devem funcionar como contextos adequados para essas construções; se os constituintes verbais à esquerda não correspondem ao foco apresentacional, então as QCs em (17a) e (18a) não devem funcionar como contextos adequados para esses casos. Os resultados obtidos são os seguintes:

- (19) a. QC: O que o João fez com as sementes de girassol?
b. Tipo 1: # [Vender] ele vendeu as sementes de girassol.
- (20) a. QC: O que o João fez?
b. Tipo 2: # [Vender as sementes de girassol] ele vendeu (mas...)

- (21) a. QC: O que o João faz?
b. Tipo 3: # [Vender semente] ele vende no verão.

Como vimos nos testes acima, a pergunta que contextualiza os casos em que o foco recai apenas sobre o verbo não funciona como um contexto adequado para as construções do Tipo 1 e a pergunta que contextualiza os casos em que o foco recai sobre o verbo e seus argumentos internos não funciona como um contexto adequado para as construções do Tipo 2, nem para as construções do Tipo 3.

Esses resultados seguramente descartam as seguintes possibilidades:

- a) que o verbo à esquerda em construções do Tipo 1 corresponda ao foco apresentacional da sentença e b) que os constituintes verbais à esquerda em construções dos Tipos 2 e 3 correspondam ao foco apresentacional da sentença. Surge então a pergunta de qual constituinte corresponde ao foco apresentacional destas sentenças. Os dados de (22)-(23) trazem uma luz para essa questão.

- (22) a. QC: O que o João vendeu?
b. Tipo 1: Vender, ele vendeu [_F as sementes de girassol].
- (23) a. QC: Quem vendeu as sementes de girassol?
Tipo 1:
b. Vender, foi [_F o João] que vendeu as sementes de girassol.
c. Vender, [_F o João] vendeu as sementes de girassol.

Na construção do Tipo 1 em (22b), vemos que o constituinte [*as sementes de girassol*] corresponde ao foco apresentacional, já que é o constituinte que substitui o elemento interrogativo da pergunta na resposta e, nas construções em (23b) e (23c), o constituinte [*o João*] corresponde ao foco apresentacional. Isso

mostra que nas construções com duas instâncias verbais o foco deve recair sobre um constituinte fora da periferia sintática.

Com relação às construções do Tipo 2, temos o seguinte:

- (24) a. QC: O que o João vendeu?
b. Tipo 2: # Vender as sementes de girassol, ele vendeu (mas...)
- (25) a. QC: Quem vendeu as sementes de girassol?
b. Tipo 2: Vender as sementes de girassol, [F o João] vendeu.

Na construção do Tipo 2 em (24b), o resultado do teste indica que a pergunta que contextualiza os casos em que o argumento interno corresponde ao foco apresentacional também não é adequada como contexto para as construções do Tipo 2. Nesse caso, não há nenhum outro elemento candidato a ser o foco da sentença, já que os testes anteriores descartaram a possibilidade de que o constituinte verbal seja o foco e de que toda a sentença seja focalizada, vou considerar provisoriamente que esses são casos de construções sem foco³. Em (25b), vemos que o foco apresentacional corresponde ao constituinte [o João], pois ele substitui o elemento interrogativo da pergunta na resposta. Esses resultados mostram que, em construções do Tipo 2, ou a sentença não possui um elemento focalizado ou o foco apresentacional corresponde ao argumento externo. Esta idéia será desenvolvida no capítulo 2, em que mostrarei que há uma

³ Na seção 3.2, tratarei as duas instâncias verbais dos Tipos 1 e 2 como cópias e demonstrarei que elas são elementos não-distintos. Já que o constituinte verbal à esquerda em (24b) é encabeçado por uma dessas instâncias verbais, estou assumindo que a instância mais baixa torna-se nula para efeitos de focalização.

distribuição complementar entre a presença de um elemento focalizado e o efeito-*mas*.

Passemos, então, às construções do Tipo 3.

- (26) a. QC: O que o João vende?
b. Tipo 3: # Vender semente, ele vende no verão.
- (27) a. Em que época o João vende semente?
b. Tipo 3: Vender semente, ele vende [_F no verão].
- (28) a. Quem vende semente no verão?
b. Tipo 3: Vender semente, [_F o João] vende no verão.

Semelhantemente ao que ocorre com as construções do Tipo 2, a inadequação de (26b) indica que a pergunta que contextualiza os casos em que o argumento interno corresponde ao foco apresentacional, não é adequada para o Tipo 3. Em (27b), o constituinte [*no verão*] corresponde ao foco apresentacional, já que é o constituinte que substitui o elemento interrogativo da pergunta na resposta. Em (28b), vemos que o constituinte [*o João*] substitui o elemento interrogativo da pergunta na resposta e, portanto, corresponde ao foco apresentacional.

Em resumo, esta seção mostrou que os constituintes verbais à esquerda não correspondem ao foco apresentacional em nenhum dos três tipos de construções com duas instâncias verbais em português. Além disso, mostrou também que outros constituintes que estão claramente fora da periferia esquerda podem corresponder ao foco apresentacional. Esses resultados parciais são favoráveis à proposta central de análise desta dissertação de que essas

construções devam ser analisadas como topicalização de constituintes verbais e não como focalização de constituintes verbais.

Vamos agora ver os resultados de testes para outro tipo de foco, a saber, para o foco contrastivo.

1.2.2 Teste com elemento focalizado

O teste com elemento focalizado é utilizado para a identificação do foco contrastivo (*contrastive focus*). Trata-se também de um teste de pergunta e resposta; nesse caso, o foco contrastivo é a parte na resposta (destacado em caixa alta) que substitui o elemento focalizado (destacado em *itálico*) da questão contextualizadora (QC). Os exemplos abaixo contêm casos de focalização de verbo ou constituinte verbal *in situ*.

- (29) a. QC: O João *alugou a casa*?
b. Não. Ele VENDEU a casa.
- (30) a. QC: O João *alugou a casa*?
b. Não. Ele VENDEU O APARTAMENTO.
- (31) a. QC: O João *aluga apartamento*?
b. Não. Ele VENDE CASA.

Seguindo Zubizarreta (1998), esse tipo de foco tem dois efeitos: a) nega um valor anteriormente estabelecido e b) introduz um novo valor alternativo na resposta. Nos exemplos acima, as QCs possuem valores já definidos para os constituintes [*alugou*], [*alugou a casa*] e [*aluga casa*], respectivamente em (29a), (30a) e (31a). O foco contrastivo das sentenças em (29b), (30b) e (31b) introduz

um valor alternativo que é, respectivamente, igual a [vendeu], [vendeu o apartamento] e [vende casa].

Antes de aplicarmos os testes às construções com duplicação verbal em português, cabe mostrar que esses testes são adequados para os outros casos de focalização contrastiva, além da focalização *in situ*. A título de exemplo, vejamos dois tipos de focalização de DPs.

(32) Foco à esquerda

- a. QC: O João vendeu a casa?
- b. Não. O APARTAMENTO, ele vendeu.

(33) Clivagem

- a. QC: O João vendeu a casa?
- b. Não. Foi O APARTAMENTO que ele vendeu.

Vejamos agora a aplicação desses testes às construções com duas instâncias verbais em português.

- (34) a. QC: O João *alugou* a casa?
b. Tipo 1: # Vender, ele vendeu a casa.

O par em (34) mostra que a pergunta que contextualiza as sentenças com focalização do verbo não é um contexto adequado para as construções do Tipo 1, em que o verbo figura sozinho na periferia sintática. Quanto às construções dos Tipos 2 e 3, os resultados são semelhantes. As perguntas que contextualizam os casos em que o foco contrastivo corresponde ao verbo e seus argumentos internos não funciona como um contexto adequado para as construções do Tipo 2, nem para as construções do Tipo 3.

- (35) a. QC: O João *alugou a casa*?
b. Tipo 2: Não. # Vender o apartamento, ele vendeu.
- (36) a. QC: O João *aluga apartamento*?
b. Tipo 3: Não. # Vender casa, ele vende.

Os resultados acima seguramente descartam, portanto, a possibilidade de o verbo à esquerda em construções do Tipo 1 corresponder ao foco contrastivo da sentença e de os constituintes verbais à esquerda em construções dos Tipos 2 e 3 corresponderem ao foco contrastivo da sentença.

Vimos na seção anterior que outros constituintes que estão claramente fora da periferia esquerda podem corresponder ao foco apresentacional das construções com duas instâncias verbais. Resultados semelhantes são encontrados com relação ao foco contrastivo, como podemos ver nos exemplos abaixo.

- (37) a. QC: O João vendeu a casa?
b. Tipo 1: Vender, ele vendeu O APARTAMENTO.
- (38) a. QC: O Pedro vendeu a casa?
Tipo 1:
b. Vender, foi O JOÃO que vendeu a casa.
c. Vender, O JOÃO vendeu a casa.

Nas construções do Tipo 1 em (37) e (38), vemos que os constituintes *O APARTAMENTO* e *O JOÃO* correspondem, respectivamente, ao foco contrastivo, já que são os constituintes que substituem na resposta o elemento focalizado da pergunta. Note que um paradigma bastante semelhante foi encontrado para o foco apresentacional na seção anterior.

Com relação às construções do Tipo 2, temos o seguinte:

- (39) a. QC: o João vendeu a casa?
b. Tipo 2: # Vender O APARTAMENTO, ele vendeu (mas...)
- (40) a. QC: O *Pedro* vendeu a casa?
b. Tipo 2: Vender a casa, O JOÃO vendeu.

Na construção do Tipo 2 em (39b), o teste indica que a pergunta que contextualiza os casos em que o argumento interno corresponde ao foco contrastivo, também não é adequada como contexto para as construções do Tipo 2. Esse resultado mostra que argumentos internos que acompanham o verbo na periferia esquerda não podem corresponder ao foco contrastivo. Em (40b), vemos que o foco contrastivo corresponde ao constituinte O JOÃO, pois ele é o novo valor atribuído na resposta ao constituinte o *Pedro* introduzido pela pergunta. Isso significa que argumentos externos do verbo, que se encontram fora da periferia esquerda, podem ser focalizados contrastivamente.

Com relação às construções do Tipo 3, temos o seguinte:

- (41) a. QC: O João aluga casa?
b. Tipo 3: # Alugar APARTAMENTO, ele aluga.
- (42) a. QC: O João aluga casa *nos fins de semana*?
b. Tipo 3: Alugar casa, ele aluga NAS FÉRIAS.
- (43) a. QC: O *Pedro* aluga casa nos fins de semana?
b. Tipo 3: Alugar casa, O JOÃO aluga nos fins de semana.

Em (41b), o teste indica que a pergunta que contextualiza os casos em que o argumento interno corresponde ao foco contrastivo não é adequada para o Tipo 3

e que, portanto, o elemento APARTAMENTO que acompanha o verbo não pode ser o foco dessa sentença. Por outro lado, em (42b) e (43b), os constituintes NAS FÉRIAS e O JOÃO podem corresponder ao foco contrastivo das sentenças. Esse resultado soma-se às evidências apresentadas até aqui de que apenas constituintes que estejam fora da periferia esquerda podem corresponder ao foco contrastivo.

Resumindo os resultados obtidos, essa seção mostrou que os constituintes verbais à esquerda também não correspondem ao foco contrastivo das construções com duas instâncias verbais em português. Além disso, mostrou também que outros constituintes que estão claramente fora da periferia esquerda podem corresponder ao foco contrastivo. Resta-nos apenas conhecer os resultados de um último teste para foco contrastivo.

1.2.3 Teste com constituinte negativo

Outro teste comumente encontrado na literatura para identificar o foco contrastivo de uma sentença consiste em alinhar o constituinte que está sendo negado imediatamente à direita do constituinte focalizado contrastivamente. Alguns exemplos com focalização de verbo e de constituintes verbais *in situ* são os seguintes:

(44) O João VENDEU, e não *alugou*, a casa.

(45) O João VENDEU O APARTAMENTO, e não *alugou a casa*.

(46) O João VENDE CASA, e não *aluga apartamento*.

No exemplo acima, os constituintes focalizados contrastivamente VENDEU, VENDEU O APARTAMENTO e VENDE CASA, respectivamente em (44), (45) e (46), permitem que o constituinte com o qual contrastam seja alinhado à sua direita na forma de negação de constituinte. Esses testes também são adequados para os outros casos de focalização contrastiva, além da focalização *in situ*, como vemos nos dois casos abaixo.

(47) Foco à esquerda
O APARTAMENTO, e não *a casa*, o João vendeu.

(48) Clivagem
Foi O APARTAMENTO, e não *a casa*, que o João vendeu.

Os resultados de testes semelhantes aplicados às construções com duas instâncias verbais são os seguintes:

(49) Tipo 1
VENDER (*e não *alugar*), o João vendeu a casa.

(50) Tipo 2
VENDER O APARTAMENTO (*e não *alugar a casa*), o João vendeu.

(51) Tipo 3
VENDER CASA (*e não *alugar apartamento*), o João vende.

Em (49), (50) e (51), os constituintes VENDER, VENDER O APARTAMENTO e VENDER CASA não permitem que os constituintes [*e não alugar*], [*e não alugar a casa*] e [*e não alugar apartamento*] possam ser alinhados

à sua direita. Essa assimetria replica os resultados encontrados na seção anterior, reforçando a minha proposta de que os constituintes verbais à esquerda não correspondem ao foco contrastivo das construções com duas instâncias verbais em português.

1.2.4 *Conclusão parcial*

Os resultados apresentados nas seções precedentes descartam a possibilidade de os constituintes verbais na periferia esquerda corresponderem ao foco sentencial. O primeiro tipo de evidência examinada mostrou que esses constituintes não possuem as mesmas propriedades que os elementos focalizados, uma vez que não podem ser introduzidos pelos mesmos contextos adequados a outros casos de topicalização em português. Outro tipo de evidência examinada é que, fora da periferia sintática, é possível ter um constituinte focalizado em todos os três tipos de construções com duas instâncias verbais.

Uma vez que os constituintes verbais à esquerda nessas construções não possuem o estatuto de informação nova ou de informação nova contrastiva, parece ser mais adequado analisá-los como constituintes topicalizados⁴. De fato, eles se enquadram na descrição de Rizzi (1997) para tópico, já apresentada anteriormente: eles expressam informação velha e estão separados do resto da

⁴ Numa primeira abordagem, levando em consideração algumas simetrias com construções similares em outras línguas, analisei essas construções em termos de clivagem de predicados (Bastos 2000, 2001a). A aplicação de testes semântico-pragmáticos mais acurados me levou a reanalisá-las em termos de topicalização.

sentença por uma “entonação de vírgula”; além disso, o resto da sentença (o comentário) introduz a informação nova.

1.3 PROPOSTA DE FORMALIZAÇÃO

O objetivo desta seção é apresentar uma proposta de análise que capture as principais propriedades das construções com topicalização de constituintes verbais em representações abstratas, denominadas de Estrutura da Asserção, seguindo Zubizarreta (1998).

1.3.1 A Estrutura da Asserção

A Estrutura da Asserção de uma sentença, tal qual definida por Zubizarreta (1998:4), é uma representação abstrata pós-LF que captura aspectos gramaticalmente relevantes da estrutura sentencial como a oposição foco-pressuposição e a oposição tópico-comentário. Tomemos uma sentença como *O João comeu a torta*, que pode ambígua quanto ao constituinte que pode ser focalizado. Algumas possibilidades de foco apresentacional são as seguintes:

- (52) a. O João [_F comeu a torta]
 b. O João comeu [_F a torta]
 c. O João [_F comeu] a torta.

Zubizarreta sugere que a estrutura sentencial de foco deve ser representada “no contexto”, ou seja, considerando pares pergunta-resposta, a pressuposição fornecida pela questão contextualizadora, explícita ou implícita,

deve fazer parte da Estrutura da Asserção da resposta. Em (53)-(55), veremos como Zubizarreta captura o foco apresentacional.

- (53) a. QC: o que o João fez?
b. [O João [_F comeu [a torta]]]

Estrutura da Asserção:

A₁: Existe um x, tal que o João fez x

A₂: o x, tal que x o João_i fez x, =[ele_i [comeu a torta]]

- (54) a. QC: o que o João fez com a torta?
b. [O João [[_F comeu] [a torta]]]

Estrutura da Asserção:

A₁: Existe um x, tal que o João fez x com a torta

A₂: o x, tal que o João_i fez x com a torta_k =[ele_i [comeu Ø_k]

- (55) a. QC: o que o João comeu?
b. [O João [comeu [_F a torta]]]

Estrutura da Asserção:

A₁: Existe um x, tal que o João comeu x

A₂: o x, tal que o João comeu x, =[a torta]

Como vimos acima, a Estrutura da Asserção é composta por duas asserções ordenadas. A primeira asserção (A₁) corresponde à pressuposição existencial provida pela questão contextualizadora, explícita ou implícita. A segunda asserção (A₂) corresponde a uma relação de igualdade entre uma variável definida e um valor e é a asserção principal da declaração.

Utilizando a Estrutura da Asserção, Zubizarreta representa também o foco contrastivo. Diferentemente do tipo anterior, esse atribui um novo valor a uma variável, negando um valor anteriormente estabelecido.

- (56) a. QC: O João está usando uma blusa azul hoje?
 b. Não. O João está usando uma blusa VERMELHA hoje.

Estrutura da asserção:

A₁: Existe um x, tal que o João está usando x

A₂: Não é o caso de que o x (tal que o João está usando x) = uma blusa azul & o x,
 (tal que o João está usando x) = uma blusa vermelha

Zubizarreta defende também que a Estrutura da Asserção é o lugar natural para codificar a oposição tópico-comentário. Para tanto, ela assume a proposta de Reinhart (1982) de que a partição da sentença em tópico-comentário é representada em termos de predicação, onde o tópico é o sujeito proposicional e o comentário é o predicado proposicional na relação de predicação. Como ilustração dessa proposta, Zubizarreta apresenta o exemplo em (57), em que *the beans* é o tópico da sentença.

- (57) a. QC: What about the beans? Who ate them?
 'O que houve com os feijões? Quem comeu eles?'
 [_F Fred] ate the beans.
 'O Fred comeu os feijões'.

Estrutura da Asserção:

A₁: the beans_y / there is an x, such that x ate y

A₂: the beans_y / the x (such that x ate y) = Fred

Esta proposta pode facilmente ser aplicada aos casos mais gerais de topicalização de DPs em português, em que o tópico da sentença é marcado explicitamente à esquerda, na periferia sintática.

- (58) a. QC: Para quem a Maria comprou os lírios?
 b. Os lírios, a Maria comprou [_F para o João]

Estrutura da Asserção

A₁: Os lírios_y / existe um x, tal que a Maria comprou y para x

A₂: Os lírios_y / o x (tal que a Maria comprou y para x) = o João

A Estrutura da Asserção acima captura as articulações tópico-comentário e foco-suposição. Entretanto, a questão de capturar em representações abstratas a relação tópico-comentário torna-se bastante intrigante quando atentamos para casos de topicalização de constituintes verbais, como os encontrados em português, já que, pela definição, o tópico é o sujeito proposicional e o comentário é o predicado proposicional na relação de predicação. A pergunta que se coloca é: como capturar em representações abstratas a relação tópico-comentário, quando o tópico é um constituinte verbal? As seções seguintes se ocuparão exatamente deste problema.

1.3.2 Topicalização de verbo (Tipo 1)

Minha proposta de formalização para o tipo de topicalização que envolve apenas o verbo é que o que está sendo topicalizado é o *evento*, no sentido de Davidson (1967). Consideremos um exemplo adaptado de Davidson (1967:118).

- (59) Shem kicked Shaun
'Shem chutou Shaun'

O predicado de (59) acima é tradicionalmente analisado como um predicado de dois lugares argumentais. Davidson (1967), no entanto, propõe que esse tipo de predicado possui uma forma lógica semelhante a seguinte:

- (60) $(\exists x)$ (kicked (Shem, Shaun, x))
Leia-se: There is an event x such that x is a kicking of Shaun by Shem
'Há um evento x tal que x é 'o chutar' de Shaun por Shem'.

Como vemos na forma lógica em (60) acima, há três posições argumentais e não apenas duas. A posição argumental extra corresponde ao evento x e é igual a [*a kicking*]⁵.

Combinando essa idéia de evento como argumento de um predicado à proposta de Estrutura da Asserção, obtemos o seguinte para a topicalização do Tipo 1:

(61) Tipo 1

Vender, o João vendeu [_F as sementes de girassol].

Estrutura da asserção:

A₁: vender_e / ($\exists x$) tal que (vendeu (o João, x , e))

A₂: vender_e / x (tal que (vendeu (o João, x , e))) = as sementes de girassol

Uma evidência favorável a essa hipótese é que a topicalização dos seguintes verbos não é aceitável em construções com duas instâncias verbais em português:

- (62) a. * Ser, o João é inteligente.
b. * Estar, o João está bêbado.
c. * Parecer, o João parece cansado.

Verbos como *ser*, *estar* e *parecer* nessas sentenças não são verbos eventivos, não possuindo, portanto, um lugar extra para o argumento evento. Pela análise que proponho, a explicação é bem simples. Em construções com duas

⁵ O que Davidson afirma exatamente é que predicados de verbos de ação possuem uma posição extra para o evento. Para ele, verbos de ação são aqueles que dizem “o que alguém fez”. Para os fins da discussão desta dissertação, será assumida uma oposição entre verbos eventivos, que possuem uma posição extra em sua forma lógica, e verbos de estado que não possuem tal posição. Essa distinção é mais ampla que a proposta original de Davidson, pois assume que verbos como *morrer*, por exemplo, que não dizem “o que alguém fez”, também possuem um lugar extra para o evento numa sentença como *O João morreu*: ($\exists x$) (morreu (o João, x)).

instâncias verbais em português, há topicalização de eventos, como os verbos em (62) não possuem uma posição argumental extra para o evento, a topicalização não pode se dar.

1.3.3 Topicalização de constituinte verbal (Tipos 2 e 3)

Para os tipos de topicalização que envolvem um constituinte verbal, a proposta é basicamente a mesma. Consideremos primeiro um exemplo de topicalização de constituintes verbais do Tipo 2 e a Estrutura da Asserção que proponho para esses casos.

(63) Tipo 2

Vender as sementes de girassol, [_F o João] vendeu.

Estrutura da asserção:

A1: vender_e as sementes de girassol_y / ($\exists x$) tal que (vendeu (x, y, e))

A2: vender_e as sementes de girassol_y / x (tal que (vendeu (x, y, e))) = o João

Seguindo a proposta de Davidson (1967), um verbo como *vendeu* possui três “lugares”: um para o argumento interno, outro para o argumento externo e outro para o evento. No exemplo em (63), dois argumentos estão topicalizados na periferia sintática: o evento [*vender*] e o argumento [*as sementes de girassol*]; enquanto isso, no comentário, o argumento [*o João*] corresponde ao foco sentencial, nesse caso, ao foco apresentacional. Minha proposta é que topicalizações do tipo 2 devem ser analisadas como casos de tópicos múltiplos, mais especificamente, de topicalização múltipla de argumentos. Voltaremos a

esse ponto na seção 3.4.4 para defender que o movimento do constituinte verbal é um dos recursos de que o português dispõe para topicalizar vários argumentos.

Quanto à topicalização de constituintes verbais do Tipo 3, vamos considerar os casos em que o verbo está acompanhado de um NP nu. Um exemplo é provido por (64).

(64) Tipo 3

Vender semente, [_F o João] vende.

A₁: vender semente_e / (∃x) tal que (vende (x, e))

A₂: vender semente_e / x (tal que (vende (x, e))) = o João

Para a análise desses casos, estou assumindo a proposta de Saraiva (1997) de que NPs nus objetos se incorporam semântica e sintaticamente (mas não morfologicamente) ao verbo precedente. Saraiva demonstra que, em português, há um processo sistemático de incorporação do SN nu objeto de tal modo que V + SN são interpretados como um todo semântico, em que o objeto possui uma função classificatória em relação à ação ou processo expressos pelo verbo. Minha proposta para casos como (64) é a de que o que é topicalizado é um evento complexo [*vender semente*].

Finalmente, quanto à restrição sobre verbos não-eventivos, ela também atua sobre as construções com topicalização de constituintes verbais. Há, porém, uma nítida gradação nestes casos:

(65) Topicalização de verbo (Tipo 1)

a. * Ser, o João é inteligente.

b. * Estar, o João está bêbado.

c. * Parecer, o João parece cansado.

(66) Topicalização de constituinte verbal (Tipo 3)⁶

- a. ?? Ser inteligente, o João é....
- b. *? Estar bêbado, o João está...
- c. ? Parecer cansado, o João parece...

(67) Constituinte adjetival na periferia sintática

- a. Inteligente, o João é....
- b. Bêbado, o João está...
- c. Cansado, o João parece...

Como já sabemos, a topicalização de verbos não-eventivos é inaceitável; já a topicalização de constituintes verbais com verbo não-eventivo é apenas marginal. Note que, quando comparamos, as construções com topicalização de constituintes verbais com construções com adjetivos na periferia sintática, vemos que essas são plenamente aceitáveis ao contrário daquelas. Voltaremos a estes dados na seção 3.2.4 que trata do tipo de geração sintática, para mostrar que estes casos marginais são gerados na base. Por ora, vou tomar a marginalidade deles como evidência de que construções com duas instâncias verbais em português envolvem topicalização de eventos, o que descarta a possibilidade de verbos não-eventivos poderem participar desses processos.

1.3.4 Questões residuais

No sistema apresentado até aqui, o foco é um componente fundamental da Estrutura da Asserção. Nos casos de foco apresentacional, A_1 pressupõe a existência de uma variável e A_2 atribui um valor a essa variável, que é a

⁶ Veremos na seção 3.2.4 que esses casos não são gerados por movimento sintático. Por essa razão estou considerando que se trata de topicalização do Tipo 3 e não do Tipo 2.

informação nova carregada pela sentença. Nos casos de foco contrastivo, A_1 estabelece um valor que será negado e substituído em A_2 . Entretanto, a descrição das propriedades semântico-pragmáticas, feita nesse capítulo, mostrou que há casos em que aparentemente nenhuma informação nova é assinalada. Sobretudo, a topicalização de constituintes verbais dos Tipos 2 e 3 (mas também a do Tipo 1) em certos contextos de pergunta do tipo sim-não parecem não possuir um elemento focalizado em seu comentário, como exemplificam (68) e (69):

(68) Tipo 2:

- a. QC: O João socorreu as vítimas da enchente?
- b. [Tópico Socorrer as vítimas da enchente] [Comentário ele socorreu] (mas...)
[Pressuposição Socorrer as vítimas da enchente, ele socorreu] (mas...)

(69) Tipo 3:

- a. QC: O João pratica capoeira e judô?
- b. [Tópico Praticar capoeira] [Comentário ele pratica]
[Pressuposição Praticar capoeira, ele pratica]

Vou manter a proposta de formalização feita para os demais casos, em que o foco é um componente essencial da estrutura semântico-pragmática das sentenças, deixando em aberto a formalização para casos como (68) e (69). No capítulo 2 dessa dissertação, retornarei a essa questão sob um prisma diferente: a ausência de um elemento focalizado, nesses casos, resulta da exploração de uma máxima griceana, tendo por objetivo a formação de uma implicatura conversacional, no sentido de Grice (1975).

1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo foram consideradas as propriedades semântico-pragmáticas das construções com duas instâncias verbais em português, a fim de demonstrar que essas construções são casos de topicalização de constituintes verbais. Considerando os três tipos apresentados na introdução, foi feita uma descrição de como se articulam as oposições tópico-comentário e foco-suposição.

(70) Articulação Tópico-Comentário

Tipo 1: [Tópico vender] [Comentário o João vendeu as sementes de girassol]

Tipo 2: [[Tópico vender] [Tópico as sementes de girassol]] [Comentário o João vendeu] (mas...)

Tipo 3: [Tópico vender semente] [Comentário o João vende] (mas...)

Articulação Foco-Pressuposição

Tipo 1: [Pressuposição vender o João vendeu] [Foco as sementes de girassol]

Tipo 2: [Pressuposição vender as sementes de girassol o João vendeu] (mas...)

Tipo 3: [Pressuposição vender semente o João vende] (mas...)

No caso dos Tipos 2 e 3, também é possível ter um elemento focalizado no comentário, como por exemplo, o constituinte [o João].

(71) Articulação Tópico-Comentário

Tipo 2: [[Tópico vender] [Tópico as sementes de girassol]] [Comentário o João vendeu]

Tipo 3: [Tópico vender semente] [Comentário o João vende]

Articulação Foco-Pressuposição

Tipo 2: [Pressuposição vender as sementes de girassol] [Foco o João] [Pressuposição vendeu].

Tipo 3: [Pressuposição vender semente] [Foco o João] [Pressuposição vende].

Com base nessa descrição, foi apresentada uma proposta que pretende capturar as oposições tópico-comentário e foco-suposição, utilizando a Estrutura da Asserção de Zubizarreta (1998) e a proposta de Davidson (1967) de

que predicados das sentenças devem conter um lugar extra para o evento. As Estruturas da Asserção das construções com duas instâncias verbais em português são se segue:

(72) Tipo 1

Vender, o João vendeu [_F as sementes de girassol].

A1: vender_e / (∃x) tal que (vendeu (o João, x, e))

A2: vender_e / x (tal que (vendeu (o João, x, e))) = as sementes de girassol

(73) Tipo 2

Vender as sementes de girassol, [_F o João] vendeu.

A1: vender_e as sementes de girassol_y / (∃x) tal que (vendeu (x, y, e))

A2: vender_e as sementes de girassol_y / x (tal que (vendeu (x, y, e))) = o João

(74) Tipo 3

Vender semente, [_F o João] vende.

A1: vender semente_e / (∃x) tal que (vende (x, e))

A2: vender semente_e / x (tal que (vende (x, e))) = o João

Essas Estruturas de Asserção relacionam-se apenas aos casos em que há um constituinte explicitamente marcado como foco no interior do comentário. Os casos em que não há um valor especificado para o foco sentencial, como ocorre principalmente com os Tipos 2 e 3 serão tratados no capítulo 2, como um fenômeno relacionado às coordenadas adversativas que podem seguir essas construções e ao efeito-*mas*, apresentado na introdução.

CAPÍTULO 2

A ORAÇÃO COORDENADA ADVERSATIVA

2.1 APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, tomarei por objeto as orações coordenadas adversativas que podem seguir as construções com topicalização de constituintes verbais, como vemos nos exemplos abaixo:

- (1) Lavar o carro, o João lavou,
- a. **mas** não encerrou
 - b. **mas** não calibrou os pneus
 - c. **mas** calibrar os pneus, ele não calibrou
 - d. **mas** não no fim de semana
- (2) Lavar o carro, o João lavou (**mas**...)

As orações coordenadas adversativas que seguem as construções com topicalização de constituintes verbais são geralmente negativas, como vemos nos exemplos em (1). A oração coordenada adversativa pode estar implícita, como em (2); nestes casos, o *mas* pode ser o único elemento realizado foneticamente.

Essas orações coordenadas, quando estão explícitas, como em (1), estão relacionadas a algum tipo de contrastividade e, quando estão implícitas,

como em (2), geram o que chamei no capítulo introdutório de *efeito-mas*, que é um efeito de expectativa adversativa.

Tendo isso em vista, este capítulo pretende responder a duas questões semântico-pragmáticas:

- Que tipo de contrastividade está relacionado a essas sentenças?
- Por que surge o efeito de expectativa adversativa, quando as coordenadas estão implícitas?
- Por que o efeito-*mas* é anulado na presença de um constituinte focalizado?

2.2 EFEITO DE CONTRASTIVIDADE

O efeito de contrastividade refere-se à leitura “contrastiva” particular que recebem as orações coordenadas que podem seguir as construções com topicalização de constituintes verbais. Nesta seção, examinarei esse efeito a fim de explicitar qual a diferença entre esse tipo de contrastividade e os casos de focalização contrastiva.

2.2.1 Contexto e contraste

Nesta seção, demonstrarei que o contexto é fundamental para a identificação das propriedades das orações coordenadas adversativas explícitas que seguem as construções com topicalização de constituintes verbais. Vamos tomar um caso de focalização contrastiva de verbo *in situ* para compará-lo com

um caso de topicalização de constituintes verbais, a fim de identificar semelhanças e diferenças com relação à questão da contrastividade e do efeito-*mas*.

(3) O João COMPROU essas rosas, **e não roubou.**

(4) Comprar as rosas, o João comprou, **mas não arrumou no vaso.**

Nos dois casos, temos, em negrito, orações coordenadas que possuem algum tipo de contrastividade. Em (3), temos um caso de focalização contrastiva *in situ* mediante proeminência entonacional e, em (4), temos um caso de topicalização de constituintes verbais.

Quando atentamos para a relação semântica entre os elementos [*comprar*] e [*roubar*] em (3), vemos que uma atividade exclui a outra; isto é, se consideramos o mesmo conjunto de rosas *x* e o mesmo sujeito *y* em um mesmo tempo *T*, a afirmação de que *y* comprou *x*, exclui a possibilidade de que *y* roubou *x*. Este é um caso clássico de foco contrastivo e vou tomá-lo como padrão de contraste.

Quando atentamos para a relação semântica entre os constituintes [*comprar as flores*] e [*arrumar no vaso*] em (4), vemos que, neste caso, a ocorrência de uma atividade não exclui a outra; pelo contrário, as duas atividades não só podem coexistir, como compõem naturalmente um conjunto de atividades sucessivas, isto é, quem adquire flores, de um modo geral, coloca-as em vasos. Uma vez que a atividade da oração coordenada adversativa não contrasta e nem se opõe diretamente à atividade na primeira oração coordenada, não é adequado

dizer que elas são contrastivas, no sentido de contraste padrão, considerado há pouco.

A distinção apresentada acima entre contraste padrão e este outro tipo de contraste pode ser clarificada quando tomamos pares de pergunta e resposta.

- (5) a. QC: O João **comprou ou roubou** essas rosas?
b. O João COMPROU essas rosas, **e não roubou**.

Conforme apontado por Zubizarreta (1998: cap.1, nota 4), um dos contextos que pode introduzir foco contrastivo envolve uma disjunção exclusiva, como no exemplo acima¹. Em (5a), a QC possui uma disjunção entre pWq (leia-se p-ou-q), onde $p = [\text{comprou}]$ e $q = [\text{roubou}]$. É importante notar que a conjunção entre $p \& q$ em (6), por exemplo, não é uma questão contextualizadora adequada para uma resposta que contenha foco contrastivo:

- (6) a. QC: O João **comprou e roubou** essas rosas?
b. # O João COMPROU essas rosas, **e não roubou**.

No caso da topicalização de constituintes verbais em português, temos o inverso. A QC adequada contém uma conjunção e não uma disjunção exclusiva:

- (7) a. QC: O João **comprou as rosas e arrumou no vaso**?
b. Comprar as rosas, o João comprou, **mas não arrumou no vaso**.

(8) a. QC: O João **comprou as rosas ou arrumou no vaso**?
b. # Comprar as rosas, o João comprou, **mas não arrumou no vaso**.

¹ Zubizarreta (1998) utiliza o exemplo em (i) para demonstrar que o foco contrastivo não está necessariamente relacionado à informação nova, sendo a distinção entre informação pressuposta e não-pressuposta, portanto, mais adequada para estes casos:

(i) A: Did John eat a hamburger or did John eat a hot dog?
B: He ate a HAMBURGUER.

Os exemplos (7) e (8) mostram que os contextos para focalização contrastiva e topicalização de constituintes verbais são distintos. Utilizarei, nas seções seguintes, esses contextos para examinar os casos em que as coordenadas adversativas estão explícitas.

2.2.2 A proposta

Como vimos no capítulo 1, Zubizarreta (1998) afirma que o foco contrastivo tem dois efeitos: a) nega um valor anteriormente estabelecido e b) introduz um novo valor alternativo na resposta. Esse é o caso, por exemplo, de (9).

- (9) a. QC: O João *roubou* essas rosas?
b. O João COMPROU essas rosas, **e não roubou.**

O valor [*roubou*] introduzido pela pergunta é substituído por [*comprou*] na resposta e a oração coordenada adversativa [*e não roubou*], que segue a oração com focalização contrastiva, possui a negação do valor que foi introduzido pela pergunta.

Minha proposta de análise para as orações coordenadas adversativas que seguem as construções com topicalização de constituintes verbais é que elas também possuem a negação de um valor que foi introduzido pela questão contextualizadora, como vemos no exemplo abaixo:

- (10) a. QC: O João comprou as rosas e *arrumou no vaso*?
b. Comprar as rosas, o João comprou, **mas não arrumou no vaso.**

A oração coordenada adversativa possui a negação de [*arrumou no vaso*]. A principal diferença entre esse tipo de construção com topicalização de constituintes verbais e as construções com focalização contrastiva é que a topicalização não possui nenhum elemento focalizado, ou seja, nenhuma informação não-pressuposta é introduzida pela primeira coordenada, que contém a topicalização de constituintes verbais. Apesar disso, o valor de um constituinte presente na QC é negado pela oração coordenada adversativa. Vamos examinar alguns casos.

2.2.3 Casos gerais com conjunção

Tomemos o seguinte exemplo para tratar dos casos gerais com conjunção no contexto:

- (11) a. QC: O João lavou o carro e calibrou os pneus?
b. Lavar o carro, o João lavou, **mas** não calibrou os pneus.

A QC em (11a) introduz no contexto lingüístico uma conjunção $p \& q$, onde $p =$ [*lavou o carro*] e $q =$ [*calibrou os pneus*]. Em (11b), o constituinte [*lavar o carro*] está topicalizado, o que lhe garante o estatuto de informação pressuposta, e o comentário [*o João lavou*] é um predicado afirmativo com relação ao evento pressuposto; na oração coordenada adversativa, temos um constituinte negativo [*não calibrou os pneus*]. Minha proposta de análise para esses casos é que o efeito de contrastividade da adversativa é gerado por oposição ao contexto

lingüístico, isto é, o constituinte negativo da coordenada opõe-se ao valor afirmativo de q, introduzido pela QC.

Vejam os alguns outros casos com suas respectivas QCs, que podem também ser explicados por negação de um valor anteriormente introduzido pelo antecedente lingüístico.

- (12) a. QC: O João lavou e *encerou* o carro?
b. Lavar o carro, o João lavou, **mas** não encerou
- (13) a. QC: O João lavou o carro e calibrou os pneus?
b. Lavar o carro, o João lavou, **mas** calibrar os pneus, ele não calibrou
- (14) a. QC: O João lavou o carro e a moto?
b. Lavar o carro, o João lavou, **mas** não a moto

A oração coordenada adversativa em (12b) nega explicitamente o valor afirmativo de [*encerou*] que foi introduzido pela QC. Em (13b), a oração coordenada adversativa exibe a topicalização do constituinte [*calibrar os pneus*] e o comentário nega o evento topicalizado. Finalmente, a oração coordenada adversativa em (14b) possui a negação do constituinte [*a moto*]. Todos esses casos possuem no contexto lingüístico antecedente uma conjunção e um dos termos dessa conjunção é negado na sentença que segue a construção com topicalização de constituintes verbais.

2.2.4 O caso dos adjuntos

Outros casos, que também pretendo explicar pela presença de uma conjunção introduzida pela QC, são os casos que envolvem adjuntos, como ilustrado em (15).

- (15) a. QC: O João lavou o carro no fim de semana?
b. Lavar o carro, o João lavou, **mas** não no fim de semana.

Em (15b), temos uma oração coordenada adversativa negativa com um constituinte preposicionado não-argumental. Entretanto, a QC em (15a) não traz aparentemente nenhuma conjunção.

Esses dados parecem ser uma evidência favorável a uma análise davidsoniana (Davidson 1967) que diferencia os argumentos de um verbo de seus adjuntos na Forma Lógica da sentença. Tomemos um exemplo adaptado de Davidson (1967: 105):

- (16) Jones did it slowly, deliberately, in the bathroom, with a knife, at midnight.
Jones fez isso lentamente, deliberadamente, no banheiro, com uma faca, à meia noite.
- (17) Há uma ação x tal que Jones fez x lentamente & fez x deliberadamente & fez x no banheiro & fez x com uma faca & fez x à meia noite.

Segundo Davidson, a forma lógica de uma sentença como (16) deve capturar o fato de que os predicados possuem um número limitado de argumentos, mas não um número limitado de adjuntos. Davidson propõe que essa forma lógica deve ser como (17), em que cada adjunto se coordena ao predicado em questão. Seguindo

uma abordagem davidsoniana, podemos admitir, então, que a QC em (15a) possui a seguinte conjunção expressa em (18a) abaixo:

- (18) a. QC: O João lavou o carro & o fez no fim de semana?
b. Lavar o carro, o João lavou, mas não no fim de semana.

Se isto estiver no caminho correto, não devemos esperar que argumentos possam participar de construções semelhantes, a menos que, a QC introduza a possibilidade de conjunção entre eles e outros argumentos.

- (19) a. QC: O João precisou da bicicleta?
b. *Precisar, ele precisou, mas não da bicicleta.

- (20) a. QC: O João desistiu da viagem?
b. *Desistir, ele desistiu, mas não da viagem.

- (21) a. QC: O João antipatizou com a Maria?
b. *Antipatizar, ele antipatizou, mas não com a Maria.

Como vemos acima, esta previsão é correta. Os PPs argumentais [*da bicicleta*], [*da viagem*] e [*com a Maria*] respectivamente em (19)-(21) não podem figurar nas orações coordenadas adversativas que seguem as construções com duas instâncias verbais. Ao contrário, PPs não-argumentais apresentam um comportamento distinto, conforme evidenciam os exemplos abaixo:

- (22) a. QC: O João precisou da bicicleta **depois da aula**?
b. Precisar, ele precisou, mas não depois da aula.

- (23) a. QC: O João desistiu da viagem **em cima da hora**?
b. Desistir, ele desistiu, mas não em cima da hora.

- (24) a. QC: O João antipatizou com a Maria à **primeira vista**?
b. Antipatizar, ele antipatizou, mas não à primeira vista.

Como vemos em (22)-(24), os PPs não-argumentais [*depois da aula*], [*em cima da hora*] e [*à primeira vista*] podem perfeitamente ocorrer na oração coordenada adversativa que segue as construções com duas instâncias verbais em português². Fato semelhante diferencia DPs argumentais de DPs não-argumentais.

- (25) a. QC: O João lavou o **carro**?
b. * Lavar, ele lavou, mas não o carro.

- (26) a. QC: O João visitou a **Maria**?
b. * Visitar, ele visitou, mas não a Maria.

Como vemos acima, os DPs argumentais [*o carro*] e [*a Maria*] respectivamente em (25)-(26) não podem figurar nas orações coordenadas adversativas que seguem as construções com duas instâncias verbais; já DPs não-argumentais podem, como podemos ver abaixo:

- (27) a. QC: O João lavou o carro **essa semana**?
b. Lavar, ele lavou, mas não essa semana.

- (28) a. QC: O João visitou a Maria **esses dias**?
b. Visitar, ele visitou, mas não esses dias.

² No entanto, não há contraste entre PPs argumentais de verbos bitransitivos e PPs não-argumentais com relação a este fenômeno. Compare (i)-(ii) às seguintes sentenças.

(i) QC: O João ensinou matemática **para a Maria**?

Ensinar matemática, ele ensinou, mas não para a Maria.

(ii) QC: O João doou o fogão **para o orfanato**?

Doar o fogão, ele doou, mas não para o orfanato.

Até o momento, não disponho de uma explicação adequada para esse fato.

Em (27)-(28), os DPs não-argumentais [*essa semana*] e [*esses dias*] podem perfeitamente aparecer nas orações coordenadas. É importante lembrar que, como já vimos, argumentos podem figurar na coordenada adversativa, desde que façam parte da uma conjunção introduzida pela QC³.

- (29) a. QC: O João conversou com a Ana e **com a Maria**?
b. Conversar com a Ana, ele conversou, mas não com a Maria.

- (30) a. QC: O João lavou a moto e **o carro**?
b. Lavar a moto, ele lavou, mas não o carro.

Essas assimetrias encontradas entre argumentos e adjuntos são evidências favoráveis a uma análise davidsoniana e também reforçam minha hipótese de que as orações coordenadas adversativas, quando foneticamente realizadas estão em uma relação de contraste com o contexto antecedente, mais especificamente, em uma relação de negação do valor positivo de um dos termos da conjunção presente no contexto.

2.2.5 Conclusão parcial

Nesta seção foram discutidos casos em que a oração coordenada adversativa que acompanha as construções com topicalização de constituintes verbais está explícita, tendo por objetivo explicar que tipo de contrastividade está relacionada a essas sentenças. A proposta de análise defendida é que o contexto adequado para esses casos possui uma conjunção entre duas proposições ou

³ Para um estudo detalhado sobre esse tipo de construções coordenadas, ver Ximenes (2001).

entre dois constituintes e que o efeito de contrastividade nas coordenadas adversativas surge porque essas orações opõem-se a um valor positivo que está presente no contexto.

2.3 O EFEITO-MAS

Vamos agora examinar a contraparte implícita das orações adversativas que se coordenam às construções com topicalização de constituintes verbais e que corresponde ao que foi apresentado na introdução como efeito-*mas*.

(31) Lavar o carro, o João lavou (mas...)

De fato, o *mas* pode ser foneticamente realizado ou não em uma sentença como (31). Independentemente disso, a oração gera uma expectativa adversativa, uma idéia de que está incompleta. Nesta seção, defendo que o efeito-*mas* é gerado por *implicaturas conversacionais* (Grice:1975); mais exatamente, defendo que as construções com topicalização de constituintes verbais geram implicaturas quando não há nenhum constituinte que possa ser assinalado como foco da sentença.

2.3.1 Cancelamento do efeito-mas

A hipótese que será explorada aqui é que há uma distribuição complementar entre o efeito-*mas* e a presença de um elemento focalizado no comentário das construções com topicalização de constituintes verbais. Nos exemplos abaixo, vemos que o Tipo 3 de topicalização de constituintes verbais,

isto é, o tipo gerado na base, só exhibe o efeito-*mas* se não houver nenhum elemento focalizado no comentário:

(32) Tipo 3: Sem efeito-*mas*

- a. Vender livro, eu tinha um amigo que vendia [_{Foco} *de porta em porta*]
- b. Fazer brigadeiro, eu conheço uma doceira que faz [_{Foco} *todos os dias*]

(33) Tipo 3: Com efeito-*mas*

- a. Vender livro, eu tinha um amigo que vendia (*mas...*)
- b. Fazer brigadeiro, eu conheço uma doceira que faz (*mas...*)

Outros exemplos desta distribuição complementar podem ser notados em sentenças do Tipo 2, isto é, geradas por movimento do constituinte verbal, como as seguintes.

(34) Tipo 2: Com efeito-*mas*

Vender a casa, o João vendeu (*mas...*)

(35) Tipo 2: Sem efeito-*mas*

- a. Vender a casa, foi [_{Foco} *o João*] que vendeu.
- b. Vender a casa, [_{Foco} *O JOÃO*] vendeu.

Em (34), não há nenhum elemento no comentário sobre o qual recaia o foco e, nesse caso, há o efeito-*mas*. Em (35a) e (35b), o sujeito recebe o foco da sentença; no primeiro caso, através de uma construção clivada e, no segundo, por proeminência acentual *in situ*. Nesses casos, o efeito-*mas* não ocorre.

Quando as construções com topicalização de constituintes verbais são negativas, temos mais um curioso exemplo da distribuição complementar entre o efeito-*mas* e a presença de um elemento focalizado no comentário.

- (36) Com efeito-*mas*
a. Tipo 2: Pedir a licença médica, eu não pedi (**mas...**)
b. Tipo 3: Pedir licença, eu nunca pedi (**mas...**)
- (37) Sem efeito-*mas*
a. Tipo 2: Pedir a licença médica, eu NÃO pedi.
b. Tipo 3: Pedir licença, eu NUNCA pedi.

Em sentenças negativas como em (36), em que não há nenhuma proeminência acentual sobre o elemento negativo, temos o efeito-*mas*. Entretanto, se o elemento negativo é focalizado *in situ*, como vemos em (37), o efeito-*mas* é cancelado.

Esta hipótese de distribuição complementar entre o efeito-*mas* e a presença de um elemento focalizado no comentário das construções com topicalização de constituintes verbais é a chave para a análise que pretendo desenvolver a seguir.

2.3.2 *Implicaturas conversacionais*

A fim de explicar como surge o efeito-*mas*, lançarei mão da noção de *implicaturas conversacionais*. A idéia desta seção é mostrar que o efeito-*mas* surge a partir de exploração de uma das máximas da categoria de quantidade, tal qual postulada por Grice (1975).

Grice (1975) examina as condições que governam a conversação, através da formulação de um princípio geral chamado de Princípio de Cooperação e de máximas e submáximas específicas, que produzem resultados de acordo com esse princípio mais geral. O Princípio de Cooperação é formulado nos

seguintes termos: “Faça a sua contribuição conversacional como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (Grice, 1975:45)⁴. Esse princípio pretende capturar a idéia de que diálogos são esforços cooperativos e que cada participante pelo menos reconhece neles um propósito comum ou uma direção mutuamente aceita. Esse propósito comum, segundo Grice, é regulado por quatro categorias, que são quantidade, qualidade, relação e modo, nas quais são incluídas várias máximas, dentre as quais as seguintes.

1. Quantidade: *Faça com que sua contribuição seja tão informativa, quanto requerido (para o propósito corrente do intercâmbio);*⁵
2. Qualidade: *Trate de fazer com que sua contribuição seja verdadeira;*⁶
3. Relação: *Seja relevante;*⁷
4. Modo: *Seja claro.*⁸

Segundo Grice, quando um dos participantes de uma conversação abandona uma máxima, isto é, quando deixa de cumpri-la, mesmo podendo fazê-lo, isso produz uma situação que gera uma *implicatura conversacional*; assim,

⁴ “Make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged.”

⁵ “Make your contribution as informative as is required (for the current purposes of the exchange)”. (p. 45)

⁶ “Try to make your contribution one that is true.” (p. 46)

⁷ “Be relevant.” (p. 46)

⁸ “Be perspicuous.” (p. 46)

implicaturas conversacionais resultam da exploração das máximas conversacionais.

Tendo essas máximas em mente, consideraremos dois contextos que podem introduzir construções com topicalização de constituintes verbais.

- (38) a. QC: O João **comprou as rosas**?
b. Comprar as rosas, o João comprou, (mas...)
- (39) a. QC: O João **comprou as rosas e arrumou no vaso**?
b. Comprar as rosas, o João comprou, (mas...)

A principal diferença entre as QCs acima é que a pergunta em (38a) não introduz uma conjunção no contexto lingüístico, mas a pergunta em (39a), sim. Vamos começar discutindo casos como o de (38).

Conforme foi apresentado na seção anterior, o efeito-*mas* é cancelado se algum constituinte é explicitamente marcado como foco, havendo, portanto, uma distribuição complementar entre a presença de um constituinte focalizado e o surgimento do efeito-*mas*. Assumindo que o foco é uma parte essencial da constituição das sentenças, minha proposta explora a idéia de que, se um participante X de uma conversação deixa de assinalar o foco da sentença, isso se constitui como um abandono da máxima de quantidade. Isto é, ao deixar de declarar qual a informação não-pressuposta da sentença, o participante X está sendo menos informativo do que o requerido. Ao ser apresentado a uma sentença que não traz nenhuma informação não-pressuposta (assumindo o foco é um termo essencial), o interlocutor Y desse falante deduz que X implicitou algo. Essa dedução se dá de acordo com o padrão geral proposto por Grice: não há nenhuma

razão para Y acreditar que X não esteja observando o Princípio de Cooperação ou as máximas conversacionais, pois X poderia simplesmente ignorar a pergunta; além disso, X não está incapacitado de responder por desconhecimento, já que sua resposta sobre o João ter comprado as rosas é claramente afirmativa; entretanto, a ausência de um foco sugere que há uma informação não-pressuposta sobre o ato de o João comprar rosas que X prefere não declarar explicitamente. A suposição de que X não quer declarar algo só é válida se há algo de errado, incompleto ou insatisfatório na tarefa realizada por João ao comprar as rosas. Essa informação implícita pode estar relacionada, dentre outras coisas, ao modo, ao tempo, ao lugar ou a qualquer conteúdo que possa possuir o estatuto de informação não-pressuposta nesse caso. Uma formulação bastante geral para essa implicatura poderia ser expressa do seguinte modo:

(40) IMPLICATURA FOCAL OU DE INFORMATIVIDADE

Há uma informação relevante não-pressuposta, relacionada ao evento em questão, que foi implicada.

Essa formulação mostra-se adequada a várias situações semelhantes.

- (41) a. QC: E aí? Choveu ontem?
b. Chover, choveu (mas...)
- (42) a. QC: O João lavou o carro?
b. Lavar o carro, ele lavou (mas...)
- (43) a. QC: Esse médico trata de coluna?
b. Tratar de coluna, ele trata (mas...)

Algumas interpretações possíveis para (41) são: *foi uma chuva rápida* ou *a chuva foi muito fraca*, o que indicaria que, em duração ou intensidade, a chuva de ontem não satisfaz as propriedades do que se compreende por chuva ou a expectativa relacionada à chuva. Dentre várias, uma interpretação possível para (42) é que o carro não está bem lavado, o que indicaria que a atividade foi realizada incorretamente. Dentre outras possibilidades de interpretação, (43) sugere que tratamento de coluna não é a especialidade do médico em questão e que ele até faz isso, mas de forma imprecisa ou insatisfatória.

Quanto ao contexto em (39), repetido abaixo em (44a), sustento basicamente a mesma proposta: a ausência de um elemento focalizado sugere que há uma informação não-pressuposta que o interlocutor X prefere não declarar explicitamente.

- (44) a. QC: O João **comprou as rosas e arrumou no vaso?**
b. Comprar as rosas, o João comprou, (**mas...**)

Entretanto, há uma diferença quanto à implicatura que é formada quando o contexto possui uma conjunção: a implicatura é relacionada à segunda proposição da conjunção coordenada que foi introduzida pelo contexto lingüístico. Considerando um diálogo entre um interlocutor Y que perguntou a sentença em (44a) e o seu interlocutor X que respondeu a sentença (44b), o que X implica, nesse caso, é que o João não arrumou as rosas no vaso. Para explicar como surge essa implicatura, vou combinar a análise apresentada acima a uma aplicação feita por Lyons (1977) da proposta de Grice (1975). Lyons utiliza a

noção de implicaturas conversacionais para explicar dados do inglês em que a pergunta de A possui uma conjunção entre duas atividades:

- (45) a. A: Have you finished your homework and put your books away?
'Você terminou o seu dever de casa e guardou seus livros?'
b. B: I have finished my homework
'Eu terminei o meu dever de casa'

Em (45), temos na fala de A um contexto provido por uma pergunta que possui uma conjunção, onde $p = [you\ have\ finished\ your\ homework]$ e $q = [you\ have\ put\ your\ books\ away]$. Segundo Lyons, ao ser apresentado ao conjunto $(p \& q)$, o interlocutor deliberadamente assinalou um valor de verdade apenas para p , deixando de assinalar um valor de verdade para o termo q . Nesse caso, também não há nenhuma razão para A supor que B não esteja observando o Princípio de Cooperação ou as máximas conversacionais. Além disso, B sabe que se não atribuir nenhum valor ao q da conjunção apresentada por A, então A pode supor que a proposição q é falsa; ainda assim, B não deu nenhum passo para impedir que A pense que o valor de q é falso. Portanto, B implicou que q é falso.

Consideremos, então, uma versão para o português de (45) envolvendo topicalização de constituintes verbais.

- (46) a. QC: Você terminou o dever de casa e guardou os livros?
b. Terminar o dever de casa, eu terminei (mas...)

No caso da sentença em português, a conjunção da QC é composta por $p = [você\ terminou\ o\ dever\ de\ casa]$ e $q = [você\ guardou\ os\ livros]$. Para analisar esse caso, pretendo utilizar dois ingredientes: a minha proposta de que a resposta

fornecida por B é menos informativa do que o requerido, porque não há nenhum elemento assinalado como foco, e a análise de Lyons de que, ao deixar de assinalar um valor para a proposição q da conjunção, B implica que essa proposição é falsa.

Vamos ver se o primeiro ingrediente é realmente necessário e não redundante. Um modo de testar isso é introduzir um constituinte focalizado na resposta fornecida por B. Se a implicatura permanecer, isso revelará que o primeiro ingrediente é redundante; caso contrário, se a implicatura desaparecer, isso evidenciará que o primeiro ingrediente é necessário para a obtenção da implicatura conversacional. Com isso em mente, consideremos (47):

- (47) a. QC: Você terminou o dever de casa e guardou os livros?
b. Terminar, eu terminei A FAXINA DO MEU QUARTO.

A resposta em (47b) possui um elemento focalizado, [*a faxina do meu quarto*]; nesse caso, a implicatura de que $q = [\textit{guardou os livros}]$ é falso é cancelada. Esse resultado mostra que a implicatura conversacional, também nesse caso, está em distribuição complementar com a presença de um elemento focalizado. Com base nesse resultado, concluo que, casos semelhantes aos de (46) apresentados anteriormente, também são casos de implicaturas focais (ou de informatividade)⁹.

⁹ No caso dos dados do inglês discutidos por Lyons (1977), não há nenhuma indicação quanto à prosódia, nem quanto ao modo como se distribuem o foco e a pressuposição, mas aparentemente a resposta em (i b) apenas retoma informação já apresentada pela QC.

A: Have you finished your homework and put your books away?

B: I have finished my homework.

Consideremos agora outros exemplos e suas respectivas QCs.

- (48) a. QC: O João lavou e encerou o carro?
b. Lavar o carro, o João lavou, (mas...)
- (49) a. QC: O João lavou o carro e calibrou os pneus?
b. Lavar o carro, o João lavou, (mas...)
- (50) a. QC: O João lavou o carro e a moto?
b. Lavar o carro, o João lavou, (mas...)

Aplicando a análise proposta nos casos em que a oração adversativa está implícita, há uma implicatura conversacional gerada pela exploração da máxima de quantidade; isto é, as sentenças em (48b), (49b) e (50b) são menos informativas do que o requerido, pois nenhum valor para o foco foi assinalado e implicitam que o valor da proposição q da conjunção entre $(p \& q)$ é falsa.

2.3.3 Conclusões parciais

Considerando a noção de implicaturas conversacionais de Grice (1975), esta seção examinou o efeito-*mas* como um fenômeno resultante da exploração da máxima de quantidade. Explorei a idéia de que sentenças sem foco, como vários casos de topicalização de constituintes verbais dos Tipos 2 e 3, são menos informativas do que o requerido pela conversação, assumindo que o foco é uma parte essencial da constituição das sentenças.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo examinou as orações coordenadas adversativas que podem seguir as construções com topicalização de constituintes verbais. A relação entre as duas orações coordenadas pode ser expressa do seguinte modo:

- | | | |
|------|--|--|
| (51) | [1ª coordenada],
Lavar o carro, o João lavou, | [mas coordenada adversativa]
mas não encerrou. |
| (52) | [1ª coordenada],
Lavar o carro, o João lavou, | [mas...]
(mas...) |

Quando estão explícitas, como em (51), essas orações coordenadas geram um efeito de contrastividade. A análise proposta para esses casos foi que, dado um contexto que possui a conjunção entre duas proposições ou entre dois constituintes, a oração coordenada adversativa traz um valor negativo para um dos termos pertencentes à conjunção que está presente no contexto.

Quando estão implícitas, como em (52), as orações coordenadas adversativas geram o que foi chamado na introdução de efeito-*mas*, que é um efeito de expectativa adversativa. Após demonstrar que há uma distribuição complementar entre a presença de um foco na sentença e a ocorrência do efeito-*mas*, defendi que o participante de uma dada conversação pode deixar de assinalar um elemento ou constituinte como foco, com a finalidade de explorar a máxima griceana de quantidade. Sentenças sem foco são menos informativas do que o requerido pela conversação, já que o foco é uma parte fundamental da estrutura semântico-pragmática de uma sentença. A exploração dessa máxima dá origem a seguinte implicatura:

(53) IMPLICATURA FOCAL OU DE INFORMATIVIDADE

Há uma informação relevante não-suposta, relacionada ao evento em questão, que foi implicada.

Utilizando essa idéia como ingrediente básico da análise, examinei casos em que a implicatura pode ser mais ou menos direcionada dependendo do contexto em que foi produzida, como nos casos em que o contexto possui uma conjunção, por exemplo.

Em síntese, este capítulo investigou aspectos semânticos-pragmáticos que estão relacionados às construções com topicalização de constituintes verbais; nesse caso, foram examinadas as orações coordenadas que podem seguir essas construções.

No capítulo 3, vamos atentar para os aspectos sintáticos que permitem distinguir três tipos de topicalização de constituintes verbais em português.

CAPÍTULO 3

O CONSTITUINTE VERBAL NA PERIFERIA ESQUERDA

3.1 APRESENTAÇÃO

No capítulo 1, foram apresentadas evidências semântico-pragmáticas de que o constituinte verbal à esquerda, nos três casos abaixo, não corresponde à informação nova, mas à informação pressuposta.

- (1) a. Tipo 1: [*Formatar*] o João formatou o disquete (e não a memória).
b. Tipo 2: [*Formatar o disquete*] o João formatou (mas...)
c. Tipo 3: [*Formatar disquete*] o João sempre formata antes de usar.

Essas evidências me levaram à conclusão de que essas construções devem ser analisadas como casos de topicalização de constituintes verbais. Este capítulo examina a outra face desta discussão, os aspectos sintáticos, a fim de responder às seguintes questões:

- Os constituintes verbais na periferia esquerda são gerados por movimento ou na base?
- Que categoria sintática está na periferia esquerda em cada um dos três tipos de topicalização de constituintes verbais?
- Que projeção sintática abriga os constituintes verbais na periferia esquerda?

3.2 TIPO DE GERAÇÃO SINTÁTICA

Na introdução foram mostrados os resultados de um teste para movimento sintático, utilizando orações relativas. Tomando a geração sintática como um critério, foi possível classificar a topicalização de constituintes verbais em casos gerados por movimento (Tipos 1 e 2) e casos gerados na base (Tipo 3).

Nesta seção, serão apresentados os resultados de outros testes em configurações com ilhas sintáticas e serão discutidas novas evidências para distinguir as construções geradas por movimento das construções geradas na base.

3.2.1 Efeitos de ilha sintática

Ilhas sintáticas são configurações estruturais que inviabilizam o movimento sintático de constituintes para fora de seus limites. Originalmente estudadas por Ross (1967), essas configurações são atualmente tidas como testes clássicos para detectar movimento.

Na seção 0.3.2, foram apresentados os resultados de um teste para movimento, que envolvia orações relativas. Vimos que os Tipos 1 e 2 estão sujeitos a restrições sobre movimento sintático, mas que o Tipo 3 não está sujeito a essas restrições.

- (2) Construção sem ilha sintática
 - a. Tipo 1: Formatar, eu acho que o técnico formatou o disquete (e não a memória).
 - b. Tipo 2: Formatar o disquete, eu acho que o técnico formatou (mas...)
 - c. Tipo 3: Formatar disquete, eu acho que o técnico formata antes de usar.

- (3) Construção com oração relativa
 - a. Tipo 1: *Formatar, eu briguei com [o técnico que formatou o disquete] (e não a memória).
 - b. Tipo 2: *Formatar o disquete, eu briguei com [o técnico que formatou] (mas...)
 - c. Tipo 3: Formatar disquete, eu sempre brigo com [técnicos que formatam antes de usar].

Nesta seção, vou apresentar testes envolvendo duas outras configurações apontadas na literatura como ilhas sintáticas: as estruturas coordenadas e as estruturas com adjuntos¹.

- (4) Construção com estruturas coordenadas
 - a. Tipo 1: *Formatar, o técnico limpou e formatou o disquete (e não a memória).
 - b. Tipo 2: *Formatar o disquete, o técnico limpou e formatou (mas...)
 - c. Tipo 3: Formatar disquete, um bom técnico deve limpar e formatar antes de usar.

- (5) Construção com adjunto
 - a. Tipo 1: *Formatar, o técnico limpou a memória [antes de formatar o disquete] (e não a memória).
 - b. Tipo 2: *Formatar o disquete, o técnico limpou a memória [antes de formatar] (mas...)
 - c. Tipo 3: Formatar disquete, o técnico sempre limpa a memória [antes de formatar]

¹ Ver Ross (1967), Huang (1982) e Chomsky (1986b) dentre outros.

Como podemos ver, os Tipos 1 e 2 são também sensíveis a ilhas sintáticas de estruturas coordenadas e de adjuntos; (4a-b) e (5a-b) mostram que o movimento do constituinte verbal de dentro do domínio dessas ilhas sintáticas resulta em sentenças inaceitáveis. Os resultados para o Tipo 3 mostram que esses casos não estão sujeitos a efeitos de ilha sintática; a aceitabilidade de (4c) e (5c) sugere que os constituintes verbais na periferia sintática não foram gerados por movimento sintático, mas na base.

Esses resultados permitem a classificação da topicalização de constituintes verbais em dois conjuntos: os casos gerados por movimento (Tipo 1 e 2) e os casos gerados na base (Tipo 3). Vamos conhecer outras assimetrias que se coadunam a essa classificação.

3.2.2 *Leitura genérica e imperfectividade*

Uma propriedade relevante que distingue os Tipos 2 e 3 é o requerimento de leitura genérica do argumento que acompanha o verbo na periferia sintática. Retomando abaixo os exemplos apresentados na introdução, temos o seguinte:

- (6) Tipo 3: Configuração com oração relativa
 - a. Emprestar **caneta**, eu tenho [um colega que nunca empresta].
 - b. Doar **roupa** pra **orfanato**, eu conheci [uma senhora que sempre doava no Natal].
 - c. Precisar de **ajuda**, eu conheço [muita gente que precisa, mas não pede].
 - d. Varrer **casa**, eu tenho [uma amiga que varre três vezes por semana].

- (7) Tipo 2: Configuração com oração relativa
- a. * Emprestar **os disquetes**, eu briguei com [o colega que emprestou] (mas...)
 - b. * Doar **o sofá velho** para **o asilo**, eu entrevistei [a senhora que doou] (mas...)
 - c. * Precisar **do microscópio**, eu conversei com [o aluno que precisou] (mas...)
 - d. * Varrer **a nave da igreja**, eu conversei com [a pessoa que varreu] (mas...)

Em (6), a periferia sintática é composta do verbo infinitivo e de NPs nus (sem determinante e sem flexão). Este tipo de argumento possui leitura genérica e, neste caso, a geração na base é possível. Em (7), a periferia sintática é composta do verbo infinitivo e de argumentos plenos e a geração na base não é possível.

Até o momento não disponho de explicação convincente para o fato de a referencialidade dos argumentos internos ser relevante para o licenciamento de constituintes verbais topicalizados gerados na base e deixarei esse aspecto da interface sintaxe-semântica para um trabalho posterior. Utilizarei, no entanto, esse contraste como diagnóstico para a distinção entre os Tipos 2 e 3 de topicalização de constituintes verbais. Todos os exemplos de geração na base, apresentados até aqui, tomam NPs nus como complementos dos verbos infinitivos na periferia sintática, pois esses são os casos mais inequívocos de geração na base. Há, porém, casos de geração na base em que a periferia sintática possui o verbo infinitivo e um argumento pleno. Esses casos compartilham com os casos de NPs nus a propriedade de o DP pleno possibilitar a leitura genérica, como vemos abaixo:

- (8) Tipo 3: DP com leitura genérica em construção com oração relativa
Ler **o jornal**, eu tenho [um amigo que lê todos os dias].

A presença na periferia sintática de DPs que possibilitam leitura genérica articula-se a outra propriedade semântica: a imperfectividade da sentença, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (9) a. Ler o **jornal**, eu tenho [um amigo que lê]
b. *Ler o **jornal**, eu tenho [um amigo que leu] (mas...)

Comparando essas duas sentenças acima vemos que, em (9a), o constituinte [*o jornal*] pode ser compreendido como se referindo à classe de elementos *jornal*. A imperfectividade do predicado no comentário, ligado à leitura genérica do DP, gera a idéia de habitualidade que essa sentença possui. Em (9b), *ler* não pode ser compreendido como habitual, pois o predicado no comentário é perfectivo. A leitura genérica de [*o jornal*] nesse caso não é possível. Uma vez que a leitura genérica está bloqueada e que só podemos gerar na base constituintes com leitura genérica, então o constituinte verbal à esquerda [*ler o jornal*] em (9b) só poderia ser gerado por movimento. Entretanto, a geração por movimento obedece a restrições de localidade e não seria possível por causa da ilha introduzida pela oração relativa. Por esta razão, a sentença em (9b) é inaceitável.

Sentenças similares a (9b) podem, entretanto, torna-se aceitáveis se acrescentamos um adjunto que expresse duração temporal e que, combinado ao verbo, possibilite a leitura imperfectiva, como vemos em (10).

- (10) Ler o **jornal**, eu tenho um amigo que leu durante dez anos (mas...)

Os dados acima se assemelham aos casos de geração na base em português europeu (PE), discutidos por Matos (1992). Nos exemplos abaixo

adaptados de Matos (1992: 195; nota n.33), apresento os julgamentos fornecidos por ela para PE e os julgamentos fornecidos por meus informantes para o PB.

- | | | | |
|------|----|----|--|
| (11) | PE | PB | |
| a. | | | Restrição sobre SN complexo (relativa) |
| | ok | ok | Visitar os amigos, a Maria não conhece [ninguém que visite] |
| b. | | | Restrição sobre SN complexo (completiva nominal) |
| | ok | ok | Visitar os amigos, a Maria lamenta [o fato de ninguém visitar] |
| c. | | | Restrição sobre sujeito sentencial |
| | ok | *? | Visitar os amigos, [[que a Maria visita] é evidente] |
| d. | | | Restrição sobre ilha adjunta |
| | ok | ? | Visitar os amigos, [se a Maria visitar] fico mais tranqüila. |

Uma vez que, em PE, as construções com duas instâncias verbais não manifestam efeitos de ilha, Matos argumenta que o antecedente é gerado na base. Em português brasileiro, vemos que (11a) e (11b) também não estão sujeitas a efeitos de ilha. Conforme discutido anteriormente, a geração na base em português brasileiro está relacionada a dois ingredientes: a leitura genérica dos DPs que acompanham o verbo infinitivo e a imperfectividade da sentença. De fato, os exemplos acima possuem os dois ingredientes. O DP [*os amigos*] pode ter uma leitura genérica e as sentenças acima possuem aspecto imperfectivo². Compare (11a) e (11b) com as seguintes sentenças em (12a) e (12b).

- (12) a. Restrição sobre SN complexo (relativa)
 *Visitar o João, a Maria não conheceu [ninguém que visitou]
 b. Restrição sobre SN complexo (completiva nominal)
 *Visitar o João, a Maria lamentou [a proposta de que ninguém visitasse]

² Não disponho de explicação para o fato de que (11c) e (11d) são marginais em PB, mas são aceitáveis em PE. Uma possível explicação é que essa variação em termos de julgamentos pode estar relacionada ao fato de que [visitar os amigos] pode ser tomado como genérico ou como determinado (específico) dependendo do contexto em que estão inseridos.

Como vemos acima, sentenças similares as de (11a) e (11b), mas com aspecto perfectivo e com um DP que não possibilita leitura genérica, são inaceitáveis em português brasileiro.³

Vejamos agora outra propriedade em que as construções dos Tipos 2 e 3 são distintas.

3.2.3 *Pro-forma verbal no comentário*

Uma assimetria entre os Tipos 2 e 3 está relacionada ao fato de que as duas instâncias do verbo são geradas independentemente em construções com geração na base; mas são elementos não-distintos (isto é, são cópias de um mesmo verbo; ver seção 4.2.2) em construções envolvendo movimento para a periferia esquerda. Vejamos os exemplos abaixo:

- (13) a. Vacinar cachorro, todo veterinário **vacina** (mas...)
b. Vacinar cachorro, eu conheço [um veterinário que **vacina**].
- (14) a. Vacinar cachorro, todo veterinário **faz isso**.
b. Vacinar cachorro, eu conheço [um veterinário que **faz isso**].

A sentença em (13a) é, como vimos, ambígua quanto ao tipo de geração sintática, podendo o constituinte topicalizado ter sido gerado na base ou por movimento. Já a sentença em (13b) não é ambígua e, certamente, temos um caso de topicalização de constituintes verbais gerada na base (Tipo 3), já que a

³ Não apliquei os testes relevantes a falantes de português europeu para identificar se há efeitos de ilha em sentenças perfectivas naquela variedade de português. Deixarei isso para trabalhos posteriores.

construção possui uma ilha sintática (oração relativa). Nesses dois casos, é possível substituir a instância verbal flexionada, que está no comentário, por *fazer isso*, como vimos em (14a) e (14b) acima.

Essa possibilidade revela uma simetria entre as construções do Tipo 3 e os casos de topicalização introduzidos por *quanto a*, como ilustrado em (15), que Ilari (1986:58) discute.

(15) Quanto a tentar matar a sogra, Pedro fez isso cinco vezes, sem sucesso.

Ilari aponta que *quanto a* admite o verbo como tópico, quando o comentário contém o prossintagma *fazer isso*. Atribuo essa simetria entre os casos de topicalização verbal introduzidos por *quanto a* e o Tipo 3 ao fato de que os tópicos introduzidos por *quanto a* em português também são gerados na base, como argumentado por Kato (1998:68).

A possibilidade de substituir a instância verbal flexionada, que está no comentário, por *fazer isso* também pode ser usada como diagnóstico para distinguir a topicalização gerada na base da topicalização gerada por movimento. Como exemplo, tomemos a construção do Tipo 2 abaixo:

(16) Tipo2

- a. Vacinar o Butox, o veterinário **vacinou** (mas...)
- b. *Vacinar o Butox, o veterinário **fez isso** (mas...)

A sentença em (16a) não é ambígua quanto ao tipo de geração sintática, pois o constituinte verbal à esquerda possui o DP pleno [o Butox], nome próprio, que não possibilita leitura genérica. Em (16b), vemos que não é possível

substituir a instância verbal flexionada por *fazer isso*. Outro exemplo pode ser provido por (17) e (18), onde temos verbos bitransitivos:

(17) Tipo 2

- a. Emprestar o livro para a Maria, o João **emprestou** (mas...)
- b. *Emprestar o livro para a Maria, o João **fez isso** (mas...)

(18) Tipo 3

- a. Emprestar livro para criança, o João sempre **empresta** (mas...)
- b. Emprestar livro para criança, o João sempre **faz isso** (mas...)

Em (17b), vemos que não é possível substituir a instância verbal flexionada por *fazer isso*, pois o constituinte à esquerda possui DPs plenos que não possibilitam leitura genérica. Em (18b), vemos que a substituição da segunda instância verbal por *fazer isso* é possível quando os argumentos verbais não são plenos.

Uma vez que a topicalização do Tipo 1 também envolve movimento, não é de se surpreender que essas construções também não permitam *fazer isso* substituindo o verbo flexionado no comentário, como vemos em (19) e (20).

(19) Tipo 1:

- a. Vacinar, o veterinário **vacinou** o cachorro.
- b. * Vacinar, o veterinário **fez isso** com o cachorro.

(20) a. Emprestar, o João **emprestou** o livro para a Maria.

- b. * Emprestar, o João **fez isso** com o livro para a Maria.

Essa assimetria entre Tipos 1 e 2, gerados por movimento, e Tipo 3, gerado na base, pode ser tomada como evidência da independência sintática entre as duas instâncias do verbo, nos casos gerados na base.

Assumindo que a possibilidade de substituir a segunda instância verbal por *fazer isso* esteja relacionada ao tipo de geração sintática da construção, podemos utilizá-la como um teste adicional para distinguir casos gerados por movimento de casos gerados na base em construções como (21) ⁴:

- (21) a. Emprestar o livro, o João emprestou *pra Maria* (e não pra Marta).
b. Emprestar pra Maria, o João emprestou *o livro* (e não a revista).

Essas construções com verbos bitransitivos caracterizam-se por possuir um argumento na periferia esquerda acompanhando o verbo infinitivo e o outro no comentário. O argumento que fica no comentário é focalizado contrastivamente. Aplicando o teste com a pro-forma verbal, obtemos o seguinte:

- (22) a. *Emprestar o livro, o João **fez isso** *pra Maria* (e não pra Marta).
b. *Emprestar pra Maria, o João **fez isso** *com o livro* (e não a revista).

Essas construções também não permitem que a segunda instância verbal seja substituída pela pro-forma verbal, o que indica que as duas instâncias do verbo *emprestar* em (21a) e (21b) não são geradas independentemente.⁵

⁴ Essas construções também são sensíveis a ilhas sintáticas:

- (i) a. *Emprestar o livro, eu conversei com o aluno que emprestou *pra Maria* (e não pra Marta).
b. *Emprestar pra Maria, eu conversei com o aluno que emprestou *o livro* (e não a revista).

⁵ Uma análise possível para a geração sintática desses casos envolve movimento-p (no sentido de Zubizarreta) de um dos argumentos antes do movimento de vP. O argumento que fica *stranded* recebe acento de acordo com a Regra de Acento Nuclear e é interpretado como o foco da sentença.

3.2.4 Casos marginais com verbos não-eventivos

Vamos retomar a discussão sobre os casos marginais de topicalização de constituintes verbais com verbos não-eventivos, que foi abordada na seção 1.3.3. A minha proposta é que esses são casos de geração na base. Duas evidências corroboram essa afirmação. A primeira baseia-se em testes para movimento sintático.

- (23) Construções sem ilha sintática
? Ser inteligente, eu acho que o João é....
*? Estar bêbado, eu acho que o João está...
*? Parecer cansado, eu acho que o João parece...
- (24) Construções com oração relativa
? Ser inteligente, eu tenho só um aluno que é....
*? Estar bêbado, eu tenho só um amigo que está...
*? Parecer cansado, eu tenho só um amigo que parece...

Se os casos marginais com verbos não-eventivos fossem gerados por movimento, deveríamos esperar que as sentenças se tornassem inaceitáveis; entretanto, os casos marginais em (23) não degradam, quando submetidos aos testes com ilhas sintáticas, como mostra (24). Isso é evidência de que esses constituintes não se moveram para a periferia sintática, mas que foram gerados lá e que seu padrão de aceitabilidade é gerado por outros fatores.

Jairo Nunes (c.p.) apontou o seguinte contraste em sentenças com plural e feminino, que tomo como mais uma evidência para geração na base.

- (25) a. ?? Ser inteligente, o menino é....
b. *? Estar bêbado, o convidado está...
c. ? Parecer cansado, o trabalhador parece...

- (26) a. * Ser inteligentes, os meninos são...
 b. * Serem inteligentes, os meninos são...
 c. * Estar bêbada, a convidada está...
 d. * Parecer cansadas, as trabalhadoras parecem...
 e. * Parecerem cansadas, as trabalhadoras parecem...

Em (25), temos casos marginais de topicalização de constituintes verbais com verbos não-eventivos⁶. Em (26), vemos que casos semelhantes aos de (25) tornam-se inaceitáveis por envolverem feminino e plural. Se esses casos em (26) fossem gerados por movimento, deveríamos esperar que eles fossem apenas marginais como os casos em (25), já que o movimento do constituinte verbal carregaria os constituintes adjetivais flexionados para a periferia sintática. Por outro lado, o fato de essas construções com verbos não-eventivos não serem compatíveis com constituintes adjetivais no feminino ou no plural sugere que o verbo e o adjetivo são gerados na base em condições semelhantes aos casos de geração na base com verbos eventivos. Em outras palavras, qualquer que seja a

⁶ Ana Paula Scher (c.p.) me chamou a atenção para verbos modais como *poder*, que possuem uma leitura *raiz* e uma leitura *epistêmica*. Em português, esses verbos estão sujeitos a certas restrições em construções do Tipo 2. Em sua leitura epistêmica, *poder* significa possibilidade e, em sua leitura raiz, *poder* significa permissão ou habilidade. Tomemos como exemplo (i) abaixo:

- (i) a. O João pode vender a casa
 b. Pode chover.

Em (i)a), podemos ter a leitura de que “O João tinha a possibilidade de vender a casa”, ou podemos ter a leitura de que “O João tinha habilidade (ou permissão) para vender a casa”. Em (i)b), somente a leitura de possibilidade está disponível. Em construções com topicalização de constituintes verbais, temos o seguinte:

- (ii) Tipo 2:
 a. Poder vender a casa, o João pode (mas...)
 b. *Poder chover, pode (mas...)

Como vemos acima, a leitura de *possibilidade* é cancelada em (ii)a) e permanece apenas a leitura de *habilidade ou permissão*. Construções em que só a leitura de possibilidade está disponível, como (ii)b), tornam-se inaceitáveis.

Uma hipótese que ainda precisa ser testada é que essas assimetrias estejam relacionadas à atribuição de papel temático externo.

razão que faz com que a geração na base com verbos eventivos tome preferencialmente NPs nus, ela também deve poder ser estendida aos casos de geração na base com verbos não-eventivos, já que elas também parecem tomar sintagmas adjetivais nus, não tolerando adjetivos flexionados.

3.2.5 Conclusões parciais

Esta seção apresentou testes para identificar o tipo de geração sintática dos constituintes verbais à esquerda em construções com duas instâncias verbais em português. Tomando o tipo de geração sintática como um critério, distingi duas grandes classes de construções com duas instâncias verbais em português: a classes das construções geradas por movimento sintático (Tipos 1 e 2) e a classe das construções geradas na base (Tipo 3). Os resultados apresentados nessa seção são um dos alicerces para a proposta de derivação sintática que será apresentada no próximo capítulo.

Vamos agora investigar que categoria sintática se encontra na periferia esquerda em construções com topicalização de constituintes verbais.

3.3 CATEGORIA SINTÁTICA NA PERIFERIA ESQUERDA

Esta seção tem por objetivo investigar qual categoria sintática está na periferia esquerda em cada um dos três tipos de topicalização de constituintes verbais. Para isso, vamos considerar a distinção feita na seção anterior entre topicalização por movimento (Tipos 1 e 2) e topicalização por geração na base (Tipo 3).

3.3.1 Geração por movimento

Os casos de geração por movimento correspondem a dois tipos de topicalização, conforme apresentado na seção 0.3.1:

(27) Posição dos argumentos internos

Tipo 1:

[Tópico Verbo infinitivo] [Comentário Argumento externo + verbo finito + argumentos internos]

Tipo 2:

[Tópico Verbo infinitivo + argumentos internos] [Comentário Argumento externo + verbo finito]

As formulações acima mostram que, na topicalização do Tipo 1, os argumentos internos estão no comentário e, na topicalização do Tipo 2, os argumentos internos estão no tópico seguindo o verbo infinitivo e formando com ele um único constituinte sintático. Essa segmentação também é motivada prosodicamente, pois o tópico é separado do comentário mediante uma “entonação de vírgula”.

Uma propriedade compartilhada pelos Tipos 1 e 2 é que os argumentos externos nunca aparecem no tópico com o verbo infinitivo (formando com ele um único constituinte).

(28) Restrição sobre argumento externo na periferia sintática

Tipo 1:

*[Tópico Argumento externo + verbo infinitivo] [Comentário verbo finito + argumentos internos]

Tipo 2:

*[Tópico Argumento externo + verbo infinitivo + argumentos internos] [Comentário verbo finito]

Nesta seção, serão examinados esses dois tipos de topicalização, a fim de explicar dar conta dessa distribuição dos argumentos internos e externos nessas construções.

3.3.1.1 Tipo 1: movimento apenas do verbo

A minha proposta para o Tipo 1 é que, nesses casos, há o movimento do verbo para a periferia sintática, como mostra (29) abaixo. Conforme será argumentado em 3.4, vou assumir que a posição de pouso é Top°.

(29) Tipo 1: [_{Top°} Emprestar]_i o João emprestou_i o livro para a Maria.

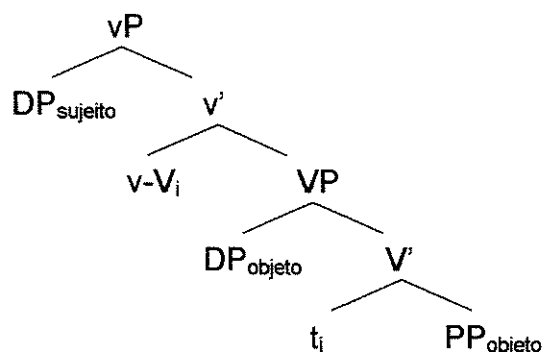


Segundo essa análise, o tópico das construções do Tipo 1 é formado apenas pelo verbo e a instância verbal mais baixa é um vestígio desse movimento, realizado foneticamente por razões que discutiremos na seção 4.2.2.2. A análise de que apenas o verbo se move, explica por que nunca há argumentos, externos ou internos, na periferia sintática em construções do Tipo 1.

3.3.1.2 Tipo 2: movimento de vP

Para analisar casos de topicalização do Tipo 2, vamos considerar verbos bitransitivos e sua estrutura argumental. Assumindo uma representação em termos de conchas larsonianas (Larson 1988, 1990; Hale e Keiser 1993; Chomsky 1995), teremos o seguinte:

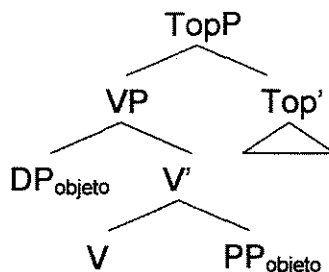
I) Estrutura de verbos bitransitivos



A minha proposta de análise para a topicalização do Tipo 2 é que essa construção envolve movimento de vP para a periferia esquerda. Vou assumir que esse movimento é para [spec, TopP], deixando a discussão sobre a periferia esquerda para a seção 3.4. Essa proposta suscita duas questões: a) Que evidências descartam a hipótese de que o que é movido é para a periferia sintática é apenas a projeção de VP?; b) Por que o sujeito nunca é lexicalmente realizado se o que é movido é todo o constituinte verbal?; e c) por que não é uma projeção maior que vP?

Começando pela primeira questão, a hipótese de que o que é movido para TopP é apenas a projeção de VP é facilmente descartada por não capturar a ordem linear em que os argumentos de verbos bitransitivos aparecem na periferia sintática. Vejamos a representação abaixo:

II) VP movido para TopP



Se assumirmos que há uma projeção de VP (e não uma projeção de vP), a estrutura resultante será como (30):

- (30) a. * **agasalhos doar para o orfanato**, as pessoas doaram (mas...)
 b. * **o livro emprestar para a Maria**, o João emprestou (mas...)

Os exemplos em (30a-b) mostram que se movemos apenas a projeção de VP para a periferia sintática esquerda, a ordem linear obtida será [DP_{objeto} + Verbo infinitivo + PP_{objeto}], que é inaceitável.

Quando assumimos que todo o constituinte verbal se move para a periferia esquerda, explicamos a ordem linear nos casos de verbos intransitivos⁷.

- (31) a. [_{TopP} t_k doar_j agasalhos t_j para o orfanato] as pessoas_k doaram.
 b. [t_k emprestar_j os livros t_j para a Maria] o João_k emprestou.

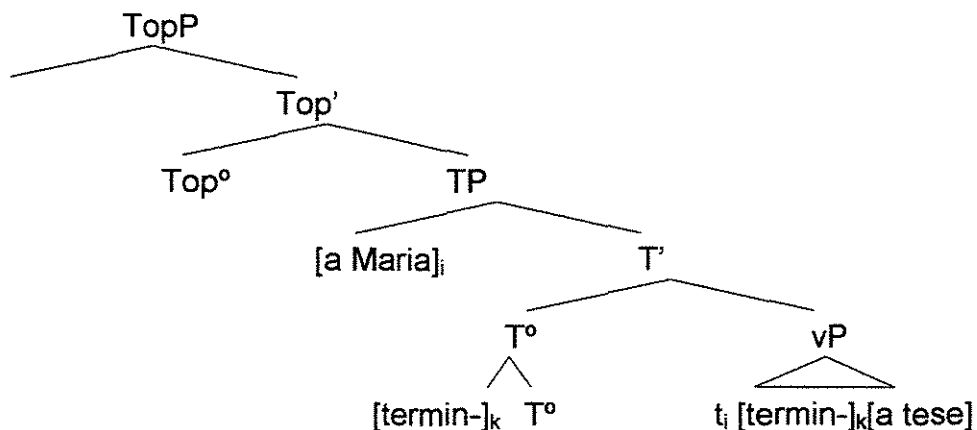
Outra questão que se coloca é explicar por que o sujeito nunca é lexicalmente realizado. Para isso, vamos tomar as seguintes representações de

⁷ Para simplificar a apresentação, utilizarei a notação da teoria de movimento por vestígios deixando a discussão da teoria de movimento por cópia e da origem das duas instâncias do verbo para o capítulo 4.

dois passos sintáticos contíguos na derivação da seguinte sentença.

(32) Terminar a tese, a Maria terminou (mas...)

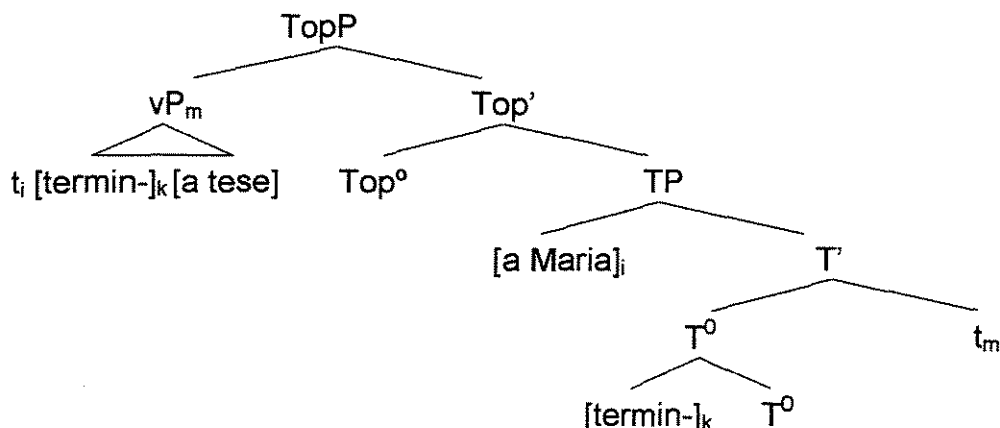
III) Antes do movimento de vP



Como vemos na estrutura acima, o núcleo verbal [*termin-*] move-se para T° e o DP [*a Maria*] move-se para o especificador de TP antes do movimento de vP para a periferia sintática⁸. No passo seguinte, o vP é movido para o especificador de TopP:

⁸ Para os fins deste capítulo, vamos assumir que o núcleo verbal é base nua, sem flexão.

IV) Depois do movimento de vP



O vP na periferia sintática possui apenas o vestígio de [a Maria] (um caso de *remnant movement*) e, por esta razão, o sujeito não é lexicalmente realizado⁹.

⁹ Construções com verbos inacusativos, que não projetam argumento externo, são compatíveis com o movimento apenas do verbo (Tipo 1) ou o movimento do VP (Tipo 2). Ambos são compatíveis com o fato de que o argumento interno não acompanhará o verbo na periferia esquerda.

- (i) a. $_{Top^{\circ}}$ nascer, o bebê_k nasceu t_k.
 b. [$_{TopP}$ nascer t_k], [$_{TP}$ o bebê_k [$_{VP}$ nasceu t_k]]

Em (i)a), há o movimento apenas do verbo e, em (i)b), há o movimento do VP. Utilizando a notação da teoria de movimento por vestígio, vemos que, em (i)b), há o movimento do VP carregando o verbo e o vestígio do argumento [o bebê], por isso o sujeito não será foneticamente realizado.

Nos casos em que o argumento interno não se move para T, temos construções não ambíguas entre Tipo 1 e Tipo 2:

- (ii) Nascer, nasceu *uma menina*.
 (iii) Nascer uma menina, nasceu (mas...)

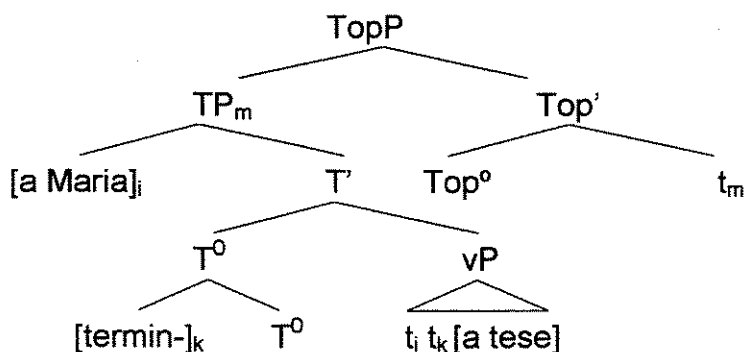
Além dos verbos inacusativos, são ambíguos entre Tipo 1 e Tipo 2 os verbos inergativos e os verbos com objetos nulos (ON), conforme mostram respectivamente os pares em (iv) e (v).

- (iv) a. $_{Top^{\circ}}$ trabalhar, o João_k t_k trabalhava.
 b. [$_{TopP}$ t_k trabalhar], [$_{TP}$ o João_k [$_{VP}$ t_k trabalhava]].
 (v) a. $_{Top^{\circ}}$ lavar, o João_k t_k lavou *pro* (mas...)
 b. [$_{TopP}$ t_k lavar ON], [$_{TP}$ o João_k [$_{VP}$ t_k lavou ON]] (mas...).

Finalmente, resta explicar por que o constituinte à esquerda não é uma projeção maior que vP. O principal argumento também é dado em termos de ordem linear e de impossibilidade de termos o sujeito acompanhando o verbo infinitivo. Se a projeção movida para a periferia sintática esquerda fosse um TP ou uma posição ainda maior, teríamos à esquerda a seguinte seqüência [DP_{sujeito} + Verbo + DP_{objeto}], conforme mostram a sentença em (30) e sua representação arbórea em (V):

- (33) A Maria terminou a tese?
 Sim. [_{pressuposição} A Maria terminou a tese]

V) Movimento de TP



Essa representação é adequada para uma sentença, que codifique apenas informação pressuposta, com o sujeito na periferia sintática e com apenas uma instância verbal flexionada. Este certamente não é caso das construções com duas instâncias verbais.

Outro argumento favorável à hipótese de que a categoria à esquerda não é uma projeção maior que vP, foi apontado por Carlos Mioto (c.p.), que

chamou a atenção para a impossibilidade de termos a negação acompanhando o verbo infinitivo. Os dados relevantes são os seguintes:

(34) *Não terminar a tese, a Maria não terminou (mas...)

Assumindo que NegP é uma categoria mais alta que vP, a impossibilidade de termos a negação acompanhando o verbo infinitivo sugere que o movimento foi realizado por uma categoria inferior a NegP.

Retomando: a) evidências relacionadas à ordem linear dos constituintes topicalizados provêem evidências de que o que é movido para a periferia sintática nos casos de topicalização do Tipo 2 é uma projeção de vP; e b) o sujeito nunca é lexicalmente realizado no tópico, nos casos de topicalização do Tipo 2, pois ele se move para o especificador de TP, antes do movimento do constituinte verbal.

3.3.2 *Geração na base*

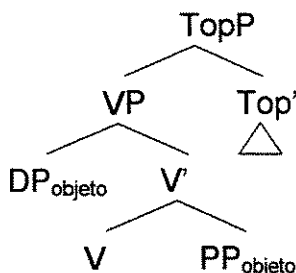
A topicalização gerada na base suscita questões semelhantes às que foram propostas para a topicalização do Tipo 2 com relação à categoria que está na periferia esquerda. Construções com verbos bitransitivos, de modo semelhante ao que vimos na seção 3.3.1.2 para o Tipo 2, fornecem evidência para a discussão acerca da categoria sintática que está na periferia esquerda em construções do Tipo 3.

Considerando uma sentença como (35) abaixo, o que se pretende investigar é se a categoria gerada na base é um VP, um vP, ou outra como IP ou um CP.

(35) **Doar roupa para orfanato**, as pessoas doam nessa época do ano.

Se assumirmos que o que é gerado na base é apenas um VP, a estrutura resultante deveria ser a seguinte:

VI) Gerado na base: bitransitivo



A hipótese de gerar na base um VP, pode ser imediatamente destacada por não capturar a ordem linear encontrada nas construções com topicalização gerada na base nos casos em que o verbo é bitransitivo.

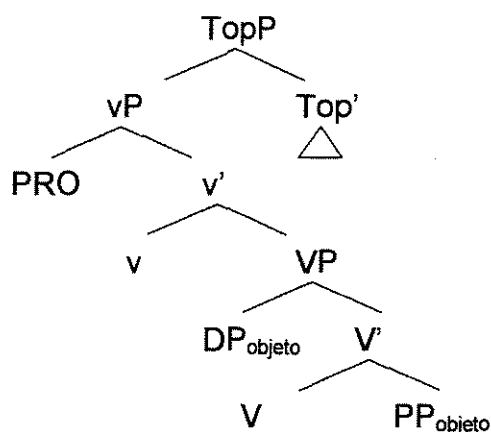
(36) * **roupa doar para orfanato**, as pessoas doam nessa época do ano.

Como podemos ver, a ordem linear resultante é [DP_objeto + Verbo infinitivo + PP_objeto] e essa sequência é impossível em português. Isso é uma evidência de que a categoria gerada na base é maior que VP.

Nesses casos de geração na base há evidência apenas de que a categoria não é um VP, mas o constituinte pode ser um vP, um TP ou um CP. Até o presente momento não tenho evidência independente para escolher entre essas três possibilidades. Como a análise das outras propriedades do Tipo 3 aparentemente independe dessa escolha de projeção, estarei assumindo para

efeitos de exposição que tal projeção é vP e que o especificador de vP é ocupado por um PRO¹⁰, conforme mostra a seguinte representação arbórea.

VII) vP gerado na base



3.3.3 Recapitulação das propostas

Para dar conta da distribuição aparente dos argumentos internos e externo do verbo, propus para a topicalização gerada por movimento que: ou apenas o verbo se move (Tipo 1) ou o vP se move para a esquerda (Tipo 2). Para os casos gerados na base, propus que, pelo menos, um vP é gerado independentemente e concatenado à sentença no especificador da projeção de TopP.

¹⁰ Estou assumindo, seguindo Hornstein (2001:58), que PRO não precisa checar Caso se ele não for obrigatoriamente controlado.

3.4 POSIÇÃO SINTÁTICA NA PERIFERIA ESQUERDA

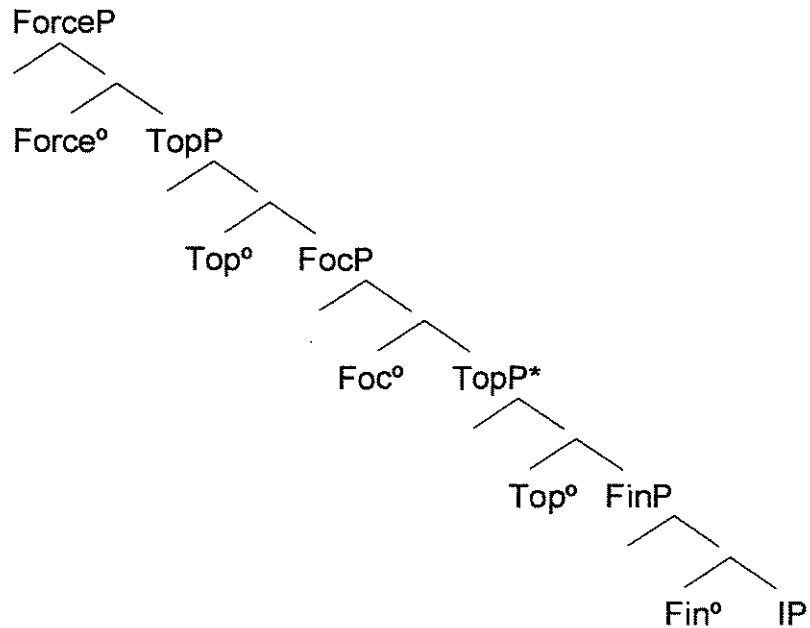
Nesta seção, investigarei propriedades apontadas por Rizzi (1997) que permitem distinguir constituintes topicalizados de constituintes focalizados, tais como: a relação antecedente-resumtivo e a compatibilidade com quantificação. Nas subseções seguintes, estarei dialogando principalmente com estudos de português que têm se dedicado aos constituintes com função de tópico (ver Pontes 1987, Ilari 1986, Kato 1993, 1998, Galves 1993, 1998, Figueiredo Silva 1996, Raposo 1997, Mito 1999, Grolla 2000, Kato e Raposo 1994, entre outros).

3.4.1 Periferia esquerda segundo Rizzi (1997)

Alguns estudos acerca da periferia sintática esquerda em português brasileiro (Mito e Figueiredo Silva 1995, Figueiredo Silva 1996; Mito 1999; Grolla 2000) têm discutido a hipótese de Rizzi (1997) de que a projeção de CP possui uma estrutura complexa, semelhante à representação arbórea seguinte¹¹.

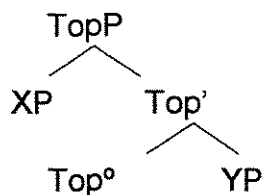
¹¹ O * significa que esta projeção é recursiva.

VIII) Estrutura da Periferia Esquerda



De particular interessante para o estudo das construções com duas instâncias verbais em português são as categorias TopP e FocP do sistema CP. Essas categorias capturam, respectivamente, as articulações tópico-comentário e foco-suposição e, segundo Rizzi (1997), as representações sintáticas dessas articulações são construídas de acordo com o esquema da Teoria X-barra. A articulação tópico-comentário possui a seguinte estrutura:

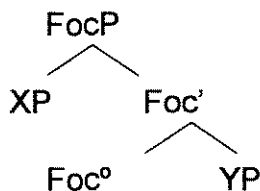
IX) Articulação tópico-comentário



XP = tópico
YP = comentário

Um núcleo Top° é um núcleo funcional do sistema CP, que toma o tópico como seu especificador e o comentário como seu complemento. A articulação foco-suposição possui um esquema X-barra semelhante:

X) Articulação foco-suposição



XP = foco
YP = suposição

O núcleo Foc° também é um núcleo funcional do sistema CP e toma o foco como seu especificador e a suposição como seu complemento.

Rizzi (1997:282) assume que os movimentos sintáticos para essas projeções se dão como *último recurso* (*last resort*), no sentido de que são obrigados para a satisfação de certos requerimentos dos núcleos. Rizzi trata esses requerimentos como critérios (critério de tópico e critério de foco, por

exemplo), pois esses núcleos possuem um importe semântico-pragmático próprio, isto é, determinam a interpretação de seu especificador e de seu complemento, conforme visto nas representações (IX) e (X).

3.4.2 *A proposta*

Minha proposta de análise consiste em dizer que, nas construções do Tipo 1 em português, o verbo se move para o núcleo Top^o e, nas construções do Tipo 2 e 3, o constituinte verbal se move ou é gerado no especificador de TopP.

Seguindo Rizzi (1997), estou assumindo que a projeção de CP possui uma estrutura complexa que comporta, dentre outras, as projeções de tópico e foco e que a motivação para o movimento de constituintes para essas projeções se dá satisfação dos critérios de tópico e foco.

3.4.3 *Relação antecedente-resumptivo*

Uma das propriedades que, segundo Rizzi (1997:289), diferencia tópico de foco é que o tópico pode envolver um elemento resumptivo no comentário, enquanto o foco não pode, como se pode ver em (37) e (38) abaixo:

(37) Tópico:
O cachorro_i, o veterinário vacinou ele_i ontem.

(38) Foco:
*O CACHORRO_i, o veterinário vacinou ele_i ontem (e não o gato).

Nos casos de topicalização dos Tipos 1 e 2, a instância verbal flexionada é um vestígio do movimento (ver proposta na seção 4.2.2) e, portanto,

não é adequado tratá-la como resumptivo. De acordo com a análise apresentada até aqui, deveríamos esperar que as construções do Tipo 3 apresentassem resumptivos.

Como apontado por Kato (1998), há várias estratégias resumptivas em português¹². Os antecedentes podem ter como resumptivos: pronomes, clíticos, epítetos, DPs repetidos ou categorias vazias (cv), conforme mostram os exemplos abaixo adaptados de Kato (1998:68):

- (39) Com pronome
O **Collor**_i, ninguém mais quer ver *ele*_i de novo.
- (40) Com clítico
O **Collor**_i, ninguém mais quer vê-*lo*_i de novo.
- (41) Com epíteto
O **Collor**_i, ninguém mais quer ver o *safado*_i de novo.
- (42) Com DP repetido
O **Collor**_i, ninguém mais quer ver o *Collor*_i de novo.
- (43) categorias vazias (cv)
O **Collor**_i, ninguém mais quer ver *cv*_i de novo.

Com respeito à relação antecedente-resumptivo, a topicalização do Tipo 3 se comporta como vemos abaixo:

- (44) Com pronome
a. [Engraxar sapato]_i eu juro que não faço **isso**_i nunca mais.

¹² Ver Cinque (1990) para uma distinção entre CLLD (*Clitic Left Dislocation*) que envolve um clítico resumptivo coreferencial ao tópico e *left dislocation* que envolve um pronome resumptivo não-clítico em línguas românicas.

- (45) Com clítico
a. [Engraxar sapato]_i eu juro que não vou fazê-lo_i nunca mais.
- (46) Com categorias vazias
a. [Engraxar sapato]_i eu juro que não faço cv_i nunca mais.
- (47) Com verbo repetido
a. [Engraxar sapato]_i eu tenho [um amigo que jura que não **engraxa**_i nunca mais].

Confirmando as expectativas, a topicalização do Tipo 3 é compatível com essas várias estratégias, o que é mais uma evidência em favor da hipótese de que esses constituintes estão topicalizados.

3.4.4 Compatibilidade com quantificação

Em português, alguns sintagmas quantificados como *poucos*, por exemplo, não podem ser topicalizados. Kato (1998:67) aponta isso com relação a sentenças como (48) abaixo.

- (48) a. **Os meninos**_i, eles_i preferem assistir o jogo.
b. * **Poucos meninos**_i, eles_i preferem assistir o jogo.

Um paradigma semelhante é encontrado para os DPs argumentais que acompanham o verbo na periferia esquerda nos casos de topicalização do Tipo 2.

- (49) a. Cumprimentar **os alunos**, o professor cumprimentou (mas..)
b. *Cumprimentar **poucos alunos**, o professor cumprimentou (mas..)

Esse resultado fornece evidência para a hipótese apresentada em 1.3.3 de que a topicalização de constituintes verbais do Tipo 2 é um caso de topicalização múltipla (embora gerada por um único movimento), uma vez que

individualmente o argumento que acompanha o verbo apresenta as mesmas propriedades que os demais constituintes nominais com função de tópico.

Considerando essas propriedades que Rizzi (1997) aponta como características dos constituintes topicalizados, concluo que TopP é a categoria que abriga os constituintes verbais topicalizados em português.¹³

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo, apresentaram-se evidências sintáticas para a hipótese de topicalização de constituintes verbais em português. Primeiramente, foi

¹³ A topicalização de constituintes verbais em português é compatível com topicalização múltipla e também com constituintes focalizados na periferia sintática esquerda, como vemos em (i).

- (i) a. [_{TopP} A Maria] [_{TopP} cuidar da vida dela] ela não cuida (mas...)
b. [_{TopP} Vender a casa] foi [_{FocP} A MARIA] que vendeu.

Em princípio, a presença de um constituinte periférico interveniente deveria bloquear o movimento de constituintes para a projeção mais alta de TopP, causando efeitos de Minimalidade Relativizada (MR). Seguindo uma sugestão de Jairo Nunes (c.p.), defendo que dados como esses exibem um comportamento semelhante ao de certos advérbios na periferia esquerda em italiano (Rizzi 2001).

- (ii) a. **Rapidamente**, i tecnici hanno (***probabilmente**) risolto ____ il problema.
'Rapidly, the technicians have probably resolved the problem'.

- b. **Rapidamente**, i tecnici (***non**) hanno risolto il problema.
'Rapidly, the technicians have (*not) resolved the problem'.

Como vemos em (ii), advérbios intervenientes e a negação bloqueiam a presença do advérbio *rapidamente* à esquerda. Entretanto, se o advérbio foi mencionado no discurso imediatamente precedente, nem a negação, nem outro advérbio bloqueiam sua presença à esquerda, como mostra (iii) abaixo:

- (iii) A: Credo che i tecnici abbiano rapidamente risolto entrambi i problemi.
'I believe that the technicians have rapidly solved both problems'

B: Ti sbagli: **Rapidamente**, i tecnici hanno **probabilmente** risolto IL PRIMO PROBLEMA, ma non il secondo, che era più difficile.

'You are wrong: rapidly, the technicians have probably resolved the first problem, but not the second, which was more difficult'.

Qualquer que seja a explicação para o desaparecimento do efeito de minimalidade em construções com advérbios que são retomados do contexto precedente, ela também deve poder ser estendida à topicalização de constituintes verbais gerados por movimento, pois, como vimos, esse tipo de topicalização sempre retoma o contexto precedente.

estudado o tipo de geração sintática dos constituintes verbais à esquerda. Os Tipos 1 e 2 são gerados por movimento, estando sujeitos a restrições semânticas e restrições sobre movimento e o Tipo 3 é gerado na base, estando sujeito apenas a restrições semânticas. Em seguida, discuti uma generalização relacionada à categoria sintática da periferia esquerda para casos gerados por movimento: ou temos apenas o verbo na periferia sintática (Tipo 1) ou há um vP (Tipos 2 e 3) (dependendo da estrutura argumental do verbo em questão). Finalmente, foram discutidas evidências sintáticas para a topicalização de constituintes verbais: como relação referente-resumptivo e a compatibilidade com quantificação.

CAPÍTULO 4

AS DUAS INSTÂNCIAS VERBAIS

“Tudo o que move é sagrado e remove as montanhas com todo cuidado [...]”

Beto Guedes e Ronaldo Bastos

4.1 APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, apresentarei minha proposta de análise para a realização de duas instâncias verbais nas construções com topicalização de constituintes verbais em português. Há, em princípio, duas perguntas que precisam ser respondidas:

- Como surgem as duas instâncias verbais nas construções com topicalização de constituintes verbais?
- Por que as duas instâncias verbais são distintas quanto à flexão?

Este capítulo obedece à seguinte sequência de apresentação. Inicialmente, tratarei da proposta de derivação sintática para a topicalização gerada na base. Em seguida, apresentarei a proposta para a topicalização gerada por movimento, propondo que os Tipos 1 e 2 são casos de múltipla realização

fonética de cópias verbais. Finalmente, discutirei hipóteses para morfologia flexional verbal a fim de tentar explicar por que as duas instâncias são distintas quanto à flexão.

4.2 DERIVAÇÃO SINTÁTICA

4.2.1 Topicalização gerada na base (Tipo 3)

Esta seção discute os casos de topicalização de constituintes verbais do Tipo 3. Minha hipótese para o surgimento das duas instâncias verbais nestes casos é que, já na numeração, há duas instâncias distintas do mesmo verbo. Considerem uma sentença como (1) abaixo com a numeração simplificada N em (2), assumindo nos moldes de Chomsky (1993) que os verbos já estão plenamente flexionados quando são tomados do léxico¹.

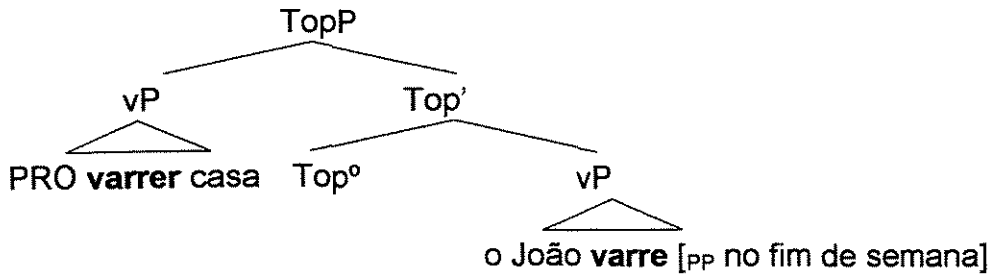
(1) **Varrer** casa, o João **varre** [_F no fim de semana].

(2) N = {Top₁, Foc₁, T₂, v₂, **varre**₁, **varrer**₁, o₂, João₁, casa₁, PRO₁, em₁, fim₁, de₁, semana₁}

A proposta de derivação sintática para (1) é que o vP que possui o verbo infinitivo é gerado independentemente e concatenado ao especificador de TopP para a satisfação do Critério de Tópico, seguindo Rizzi (1997).

¹ Para facilitar a exposição, estou omitindo as projeções de ForceP, FocP e FinP que compõem o sistema proposto por Rizzi (1997) para a periferia esquerda e estou omitindo as projeções de AgrP e TP.

I) Topicalização por geração na base



Por esta análise, devemos esperar que não haja nenhuma relação sintática direta entre o verbo infinitivo na periferia esquerda e o verbo finito mais à direita. Uma evidência dessa independência foi apresentada na seção 3.2.3, em que vimos que os casos de topicalização do Tipo 3 podem ter o verbo mais à direita substituído por *fazer isso*:

(3) **Varrer casa, o João faz isso** [_F no fim de semana].

O fato de os dois verbos envolvidos nas construções do Tipo 3 serem completamente independentes poderia ser utilizado também para explicar por que a instância mais alta e a instância mais baixa possuem flexões distintas; isto é, já que os verbos são independentemente gerados, não há nada que os obrigue a ter as mesmas formas flexionais. Entretanto, uma pergunta permanece em aberto: por que a instância verbal mais alta é necessariamente infinitiva? Ora, se o que é gerado na base é um vP, como vimos na seção 3.3.2, nada nos impediria de ter um verbo com formas flexionais idênticas às do verbo à direita ou ainda um verbo

com formas flexionais inteiramente distintas das formas da instância verbal mais baixa. Isso, porém, é impossível como vemos nos exemplos abaixo em (4a-d):

- (4) a. * **Varre** casa, o João **varre** [_F no fim de semana].
b. * **Varreu** casa, o João **varreu** [_F no fim de semana].
c. * **Varrendo** casa, o João **varreu** [_F no fim de semana].
d. * **Varrido** casa, o João **varreu** [_F no fim de semana].

Vou interpretar esses fatos como um requerimento da projeção de Tópico, ou seja, esta projeção só aceita projeções de verbos infinitivos. Até o presente momento, não disponho de nenhuma explicação para o fato de que, em construções geradas na base, o verbo na periferia esquerda deve estar no infinitivo, mas utilizarei essa constatação, na seção 4.3.3, quando apresentarei uma proposta de análise para explicar por que duas ocorrências do verbo possuem flexões distintas.

4.2.2 *Topicalização gerada por movimento*

Para a topicalização de constituintes verbais dos Tipos 1 e 2, que são gerados por movimento, a resposta à pergunta de como surgem as duas instâncias verbais e qual a relação entre elas deve ser inteiramente diferente. Para responder a esta questão, lançarei mão da teoria de movimento por cópia (Chomsky 1993), mais especificamente da implementação feita por Nunes (1995, 1999, 2000), que tem se mostrado adequada para explicar casos de realização de cópias múltiplas em várias línguas.

Esta seção está dividida do seguinte modo: primeiramente, será apresentada a implementação de Nunes (1995, 1999, 2000) para a teoria de movimento por cópia; em seguida, apresentarei minha proposta de análise para a topicalização gerada por movimento de verbo e, depois, a proposta para a topicalização gerada por movimento de vP.

4.2.2.1 Teoria de movimento por cópia

Segundo Chomsky (1993:202), o vestígio de um elemento movido é, na verdade, uma cópia deste elemento, apagada por um princípio de PF nos casos de movimento aberto, mas que permanece em LF fornecendo o material necessário para que o elemento movido seja interpretado em seu local de origem. A implementação da teoria de movimento por cópia elaborada por Nunes (1995) toma por base o *LCA* (Axioma de Correspondência Linear) de Kayne (1994) em que a ordem linear dos itens lexicais é determinada por relações de c-comando assimétrico entre os constituintes de uma sentença. À primeira vista, a teoria de movimento por cópia parece ser incompatível com um sistema como o *LCA*, pois gera incoerências internas que impossibilitariam a linearização da estrutura. Tomemos um exemplo extraído de Nunes (1999:305).

(5) $[_{TP} \text{John}^i [_T T [_{VP} \text{was} [_{VP} \text{kissed John}^i]]]]$

Assumindo-se que as cópias de *John* em (5) são não-distintas, *John* c-comanda assimetricamente e é c-comandado assimetricamente por ele mesmo, violando a *condição de irreflexibilidade* de uma ordem linear. Nunes argumenta,

então, que para que haja a linearização, é necessário que o material repetido seja apagado antes da operação *Linearizar*. Isto se dá através da operação *Redução de Cadeias*, que atua especificamente sobre os elos de uma cadeia. A formulação da operação é a seguinte (tradução minha):

(6) Redução de Cadeias

Apague o menor número de constituintes de uma cadeia não-trivial CH que seja suficiente para que CH seja mapeada em uma ordem linear de acordo com o LCA.

Assim, eliminando-se o material repetido, a estrutura em (5) pode ser mapeada pelo LCA e linearizada, como podemos ver em (7).

(7) Johnⁱ was kissed Johnⁱ

Quanto à eliminação das cópias excedentes, uma pergunta que se coloca é por que geralmente as cópias mais baixas é que são apagadas e não a cabeça da cadeia, como podemos ver em (8).

- (8) a. John was kissed.
b. *was kissed John.

Nunes propõe que a otimalidade de apagamento dos elos de uma cadeia está condicionada à eliminação de traços formais no componente fonológico. Segundo Nunes, esses traços são [-interpretáveis] em PF e devem ser eliminados antes de PF. A formulação da operação é a seguinte (tradução minha):

(9) Eliminação de Traços Formais

Dada a sequência de pares $\sigma = \langle (F,P)_1, (F,P)_2, \dots, (F,P)_n \rangle$ tal que σ é o output de *Linearizar*, F é um conjunto de traços formais e P é um conjunto de traços fonológicos, apague o menor número de traços de cada conjunto de traços formais a fim de que σ satisfaça a Interpretação Plena em PF.

Assumindo que operações de checagem tornam traços [-interpretáveis] invisíveis em LF tanto quanto em LF, Nunes argumenta que a derivação esquematizada em (10a) é o resultado ótimo, pois é mais econômica que (10b).

- (10) a. Johnⁱ-CASO was kissed Johnⁱ-CASO
 b. Johnⁱ-CASO was kissed Johnⁱ-CASO

Em (10a) há uma operação de apagamento que elimina a instância mais baixa de *John* e nenhuma operação de eliminação de traços formais é requerida para eliminar o traço de Caso da instância mais alta de *John* pois esse traço já foi checado e se tornou invisível. A estrutura em (10b) é menos econômica que (10a), pois ela requer uma operação de apagamento para eliminar o traço de Caso da instância mais baixa de *John*.

Finalmente, chegamos à questão de como surgem cópias múltiplas foneticamente realizadas. A noção de *reanálise morfológica* é o ponto central de todas as análises de Nunes (1999, 2000) para a realização fonética de cópias múltiplas. Reanálise morfológica é o processo em que dois núcleos passam a ser analisados pela Morfologia como uma só palavra. Assumindo que o LCA não se aplica à estrutura interna das palavras (Chomsky 1995), núcleos reanalisados morfológicamente tornam-se invisíveis para o LCA.

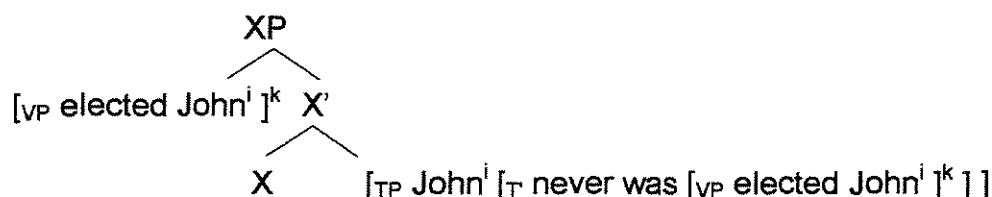
Esta proposta de Nunes faz a previsão de que apenas núcleos ou, pelo menos, elementos que funcionam como palavras fonológicas podem sobreviver à redução de cadeias e descarta a possibilidade de que constituintes plenos (sobretudo constituintes complexos) possam igualmente sobreviver.

Um último aspecto do sistema de Nunes (2000) que será relevante para minha discussão está relacionado a movimento de remanescente (*remnant movement*). Consideremos uma sentença como (11) e sua derivação em (12).

(11) ... and elected, John never was.

- (12) a. $[_{TP} \text{ never was } [_{VP} \text{ elected John }]]$
 b. $[_{TP} \text{ John}^i [_{T'} \text{ never was } [_{VP} \text{ elected John}^i]]]$

II) Movimento de remanescente em Nunes (2000)



Assumindo com Chomsky que os elos de uma cadeia são definidos em termos de irmandade, duas cadeias são formadas na derivação da sentença em (11): a cadeia CH_1 em (13a) e a cadeia CH_2 em (13b).

- (13) a. $CH_1 = ((\text{John}^i, T'), (\text{elected}, \text{John}^i))$
 b. $CH_2 = (([\text{elected John}^i]^k, X'), (\text{was}, [\text{elected John}^i]^k))$

A partir da cadeia em (13a), a operação de Redução de Cadeias instrui o componente fonológico a apagar a cópia de *John* que é irmã de *elected*; como há dois elementos que correspondem a esta descrição, os dois são apagados e obtemos o resultado em (14).

- (14) $[_{XP} [_{VP} \text{ elected } \text{John}^i]^k [_{X'} X [_{TP} \text{ John}^i [_{T'} \text{ never } [\text{was } [_{VP} \text{ elected } \text{John}^i]^k]]]]]]$

cópia de [*elected John*] que é irmã de *was* e obtemos o resultado final em (15):

(15) $[_{XP} [_{VP} \text{elected John}^i]^k]_{X'} X [_{TP} \text{John}^i [_T \text{never} [\text{was } [_{VP} \text{elected John}^i]^k]]]]$

Tendo esse quadro em mente, podemos agora travar uma discussão sobre como surgem as duas instâncias verbais nos casos de topicalização gerados por movimento.

4.2.2.2 Topicalização por movimento de verbo (Tipo 1)

Nesta seção, vou propor uma análise para a topicalização por movimento do verbo, fazendo uma extensão da análise de Nunes (2000) para a *clivagem de predicados* em vata, que é também um fenômeno que envolve duas instâncias de um mesmo verbo. O exemplo abaixo foi extraído de Koopman (1984:38):

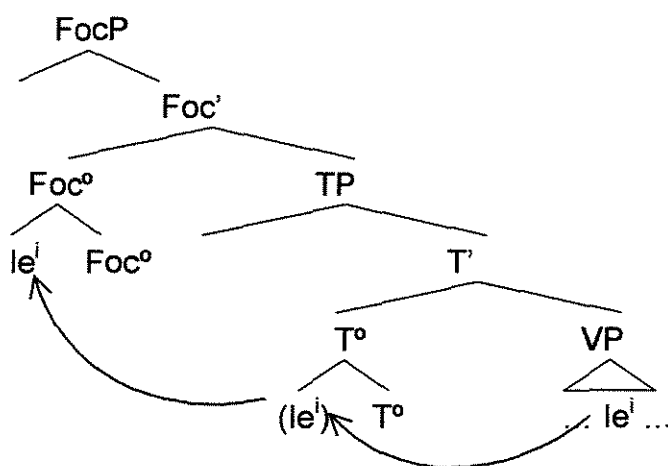
(16) a. le à le sàkà
eat we eat rice
'We are really EATING rice.' ou 'We are EATING rice.'

Os casos com duas instâncias do mesmo verbo em vata assemelham-se à topicalização por movimento do verbo em português, pois são geradas por movimento sintático e apenas o verbo (sem argumentos) se encontra na periferia sintática. Esses casos diferem dos casos de português quanto a duas propriedades: a) o verbo na periferia sintática em vata é focalizado, enquanto em

português o verbo na periferia sintática é topicalizado; e b) em vata, as duas instâncias verbais são idênticas.

Nunes (2000) analisa a clivagem de predicados em vata com um caso de realização fonética de cópias múltiplas. Consideremos a representação da sentença em (16) adaptada de Nunes (2000).

III) Clivagem de predicados em vata



A proposta de Nunes é que o segmento verbal em Foc⁰, resultante do movimento por excorporação² do verbo para Foc⁰, é reanalisado pela Morfologia como uma palavra, fazendo com que o verbo movido se torne invisível ao LCA. Isso por sua vez faz com que os únicos elos visíveis para o LCA sejam as duas cópias mais baixas. A operação de Redução de Cadeia então apaga a cópia

² Observe que utilizando a Teoria de Movimento por Vestígios, a excorporação do núcleo deixa um vestígio dentro da palavra, violando a integridade lexical da mesma e gerando uma sentença mal-formada. Entretanto, Nunes (2001) defende que, assumindo a Teoria de Movimento por Cópia, o movimento de núcleo por excorporação é legítimo, pois a cópia deixada garante a integridade lexical da palavra.

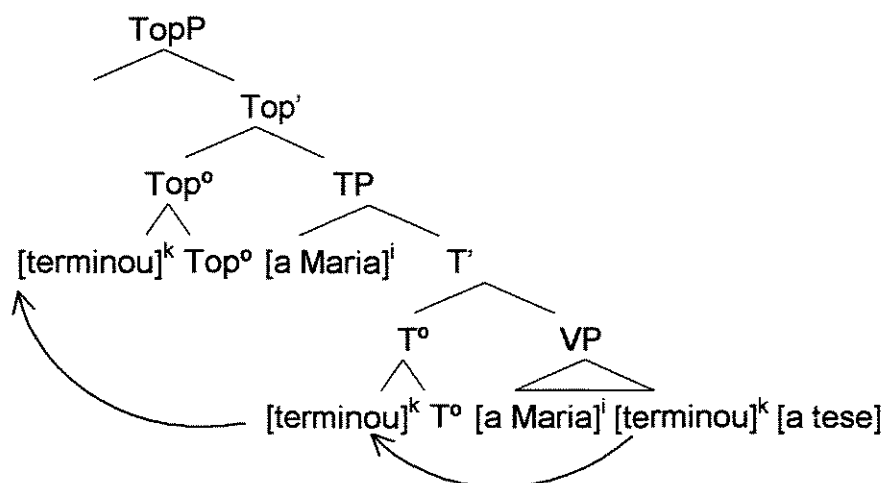
dentro de VP e a sentença é linearizada com as duas cópias mais altas de /e foneticamente realizadas.

Para a análise da topicalização gerada por movimento do núcleo verbal para Top° em português, pretendo utilizar uma análise semelhante a essa proposta para o vata. Vamos tomar uma sentença com topicalização do Tipo 1 como (17) com a numeração simplificada N em (18), em que figura apenas uma instância verbal. Estou, para os fins desta seção, assumindo a hipótese lexicalista adotada em Chomsky (1993) de que os verbos são tomados plenamente flexionados do léxico, deixando a discussão da morfologia para a próxima seção.

(17) **Terminar**, a Maria **terminou** A TESE.

(18) $N = \{Top_1, T_1, \text{termin-ou}_1, a_2, Maria_1, tese_1\}$

IV) Topicalização por movimento de núcleo



Como vemos acima, a instância verbal à esquerda resulta do movimento do núcleo verbal para Top^0 , por exorporação, como sugere a análise de Nunes (2000) para o vata. Proponho que nessa posição *terminou* e Top^0 são reanalisados morfológicamente como uma palavra. A reanálise morfológica torna a instância verbal mais alta invisível ao LCA. Assim, a instância verbal intermediária que está em T^0 passa a ser a instância verbal mais alta visível ao LCA e é realizada por participar em mais relações de checagem.

Há apenas um detalhe que escapa a essa análise, quando aplicada ao português: se as duas instâncias verbais são cópias, deveríamos esperar que elas fossem idênticas, inclusive quanto à flexão e, no entanto, elas não são. Vamos deixar este ponto em aberto até a seção que trata da morfologia flexional verbal.

4.2.2.3 Topicalização por movimento de vP (Tipo 2)

A proposta de análise para a topicalização por movimento de vP (Tipo 2) que vou propor dialoga com a análise de Nunes (2000) para o japonês e o coreano. A realização fonética de cópias verbais múltiplas em japonês e coreano também está relacionada a casos de clivagem de predicados, segundo a descrição feita por Nishiyama e Cho (1997). Nestes casos, entretanto, o que se move para a esquerda é um constituinte mais pesado e não apenas um núcleo verbal. Os dados relevantes podem ser vistos nos seguintes exemplos:

(19) Nishiyama e Cho (1997: 463)³

a. Japonês

John -ga computer -o kat-ta-koto-wa kat-ta
-Nom -Acc buy-T-koto-Con buy-T

b. Coreano

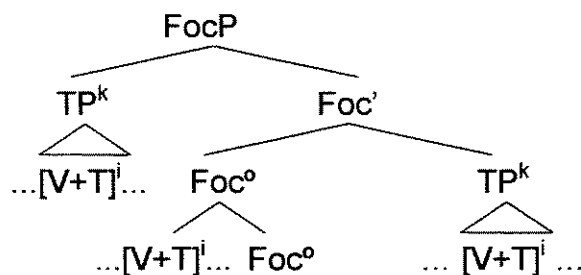
John -i computer -lul sa-ss-ki-nun sa-ss-ta
-Nom -Acc buy-T-ki-Con buy-T-M

Ambos: 'Indeed, John bought a computer, (but...)'

Os casos de ocorrência de duas instâncias verbais em japonês e coreano compartilham com a topicalização de constituintes verbais em português seguramente uma propriedade: a instância verbal mais à esquerda possui maior complexidade morfológica do que a instância verbal mais à direita. Além disso, a julgar pela glosa fornecida por Nishiyama e Cho (1997), estes casos em japonês e coreano também geram um *mas* implícito como alguns casos de topicalização em português.

Nunes (2000) propõe a seguinte estrutura para os dados em (19):

V) Clivagem de predicados em japonês/coreano



Para dar conta de dados de Japonês e Coreano, como (19). Nunes combina suas propostas de *reanálise morfológica* e *movimento de remanescente*.

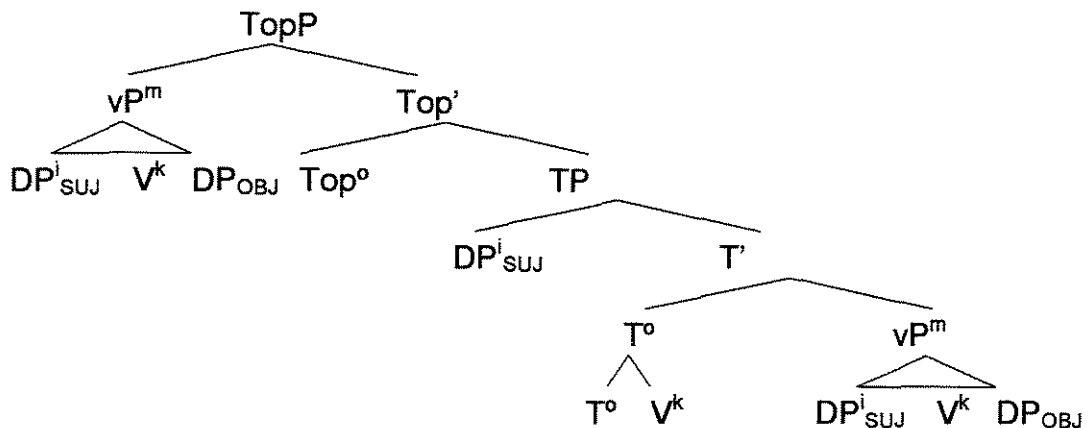
³ Em que: T = Tempo Con = Partícula contrastiva M = modo

Na representação acima, duas cadeias são formadas: a cadeia CH₁ de [V+T]ⁱ que se move para Foc^o e cadeia CH₂ de TP, que se move para o especificador de TopP. Nunes propõe que os dois segmentos em Foc^o são reanalisados pela Morfologia como uma palavra; assim, a cópia de [V+T]ⁱ que está adjungida ao Foc^o torna-se invisível ao LCA e a cadeia CH₁ = ([V+T]ⁱ, [V+T]ⁱ) não precisa ser reduzida, pois ela possui apenas um elo visível ao LCA. A redução da cadeia de TP vai, então, eliminar a cópia de TP mais baixa. Isso permitirá que o complexo [V+T] apareça duplicado em japonês e coreano.

Os casos de topicalização por movimento do constituinte verbal em português (Tipo 2) impõem desafio à extensão de uma análise como essa, utilizada para o japonês e coreano. Vamos ver as razões, tomando a representação arbórea seguinte para a sentença em (20).

(20) Terminar a tese, a Maria terminou (mas...)

VI) Topicalização de vP em português



Imediatamente, podemos descartar a possibilidade de que o constituinte no especificador de TopP seja reanalisado morfológicamente como uma palavra, pois, como vimos, somente núcleos podem sofrer esse processo.

À primeira vista, a análise proposta por Nunes (2001) para o japonês e coreano deveria funcionar também para o português. Nesse caso, a cópia intermediária está no núcleo de T^0 , como vimos na representação em (VI) acima. Se os dois segmentos em T^0 são reanalisados pela Morfologia como uma palavra, a cópia de V^k que está em T^0 se tornaria invisível ao LCA e a cadeia $CH = (V^k, V^k)$ não precisaria ser reduzida, pois ela possuiria apenas um elo visível ao LCA. A redução da cadeia gerada pelo movimento de vP para TopP eliminaria a cópia de vP mais baixa e isso geraria as duas instâncias verbais.

Um problema para essa análise é que se o núcleo verbal e T^0 podem ser reanalisados como uma única palavra, isso faz a previsão errada de que em uma sentença sem topicalização de constituintes verbais, também teríamos duas instâncias do verbo, já que em português o verbo se move para T.

(21) O João doou (*doou) a mesa para o orfanato.

Ainda que a reanálise morfológica fosse opcional, seria inteiramente estipulativo afirmar que ela só ocorre em casos em que há topicalização de constituinte verbal.

Uma possibilidade que pretendo explorar é a de que o núcleo Top^0 requer a modificação da instância verbal que está em seu especificador, tornando-a distinta de sua cópia mais baixa. Assim, o modo como as duas instâncias

verbais são obtidas, só poderá ser explicado conjuntamente com a proposta para a morfologia flexional verbal.

4.3 MORFOLOGIA FLEXIONAL VERBAL

Nesta seção, examinarei três hipóteses para a morfologia flexional na Teoria de Princípios e Parâmetros: a hipótese lexicalista padrão, adotada no Programa Minimalista (Chomsky 1993, 1995); a hipótese de atribuição da flexão, adotada na Teoria de Regência e Ligação; e ainda a hipótese da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993). Vou enfatizar a questão da morfologia flexional verbal, pois meu objetivo é explicar por que as duas instâncias do mesmo verbo são distintas nas construções com topicalização de constituintes verbais geradas por movimento.⁴

4.3.1 Hipótese Minimalista-lexicalista

Chomsky (1993) dá um tratamento estritamente lexicalista à morfologia verbal, assumindo que o verbo é tomado já plenamente flexionado do léxico e a relação entre a estrutura interna do verbo e a sintaxe se dá através de checagem de traços. Neste sistema, o verbo apresenta uma forma como a seguinte:

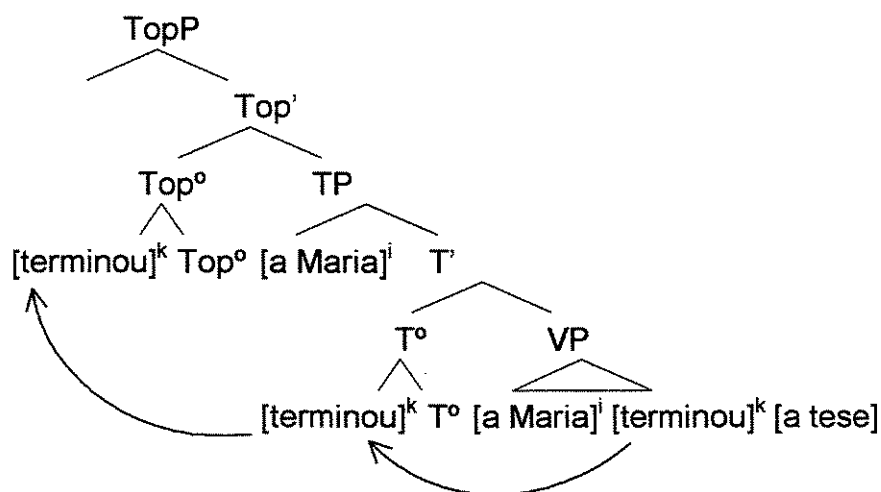
- (22) $V = (\alpha, \text{Infl}_1, \text{Infl}_2, \dots, \text{Infl}_n)$; onde $\alpha = (R, \text{Infl}_1, \text{Infl}_2, \dots, \text{Infl}_n)$, sendo R= raiz e Infl= traços flexionais

⁴ Uma discussão preliminar da relação entre movimento sintático, flexão verbal e as hipóteses de atribuição e checagem de traços pode ser encontrada em Bastos (2001b).

Segundo Chomsky, PF só “vê” α e α possui internamente traços flexionais. Ao entrar na derivação, o verbo realiza movimento para Infl^o a fim de checar os traços que não são interpretáveis, isto é, os traços flexionais externos à α .

Vamos considerar as estruturas propostas na seção anterior para os Tipos 1 e 2 de topicalização de constituintes verbais, seguindo a hipótese lexicalista. Começemos pelo Tipo 1, em que há o movimento do núcleo verbal.

VII) Hipótese de checagem de traços e o Tipo 1

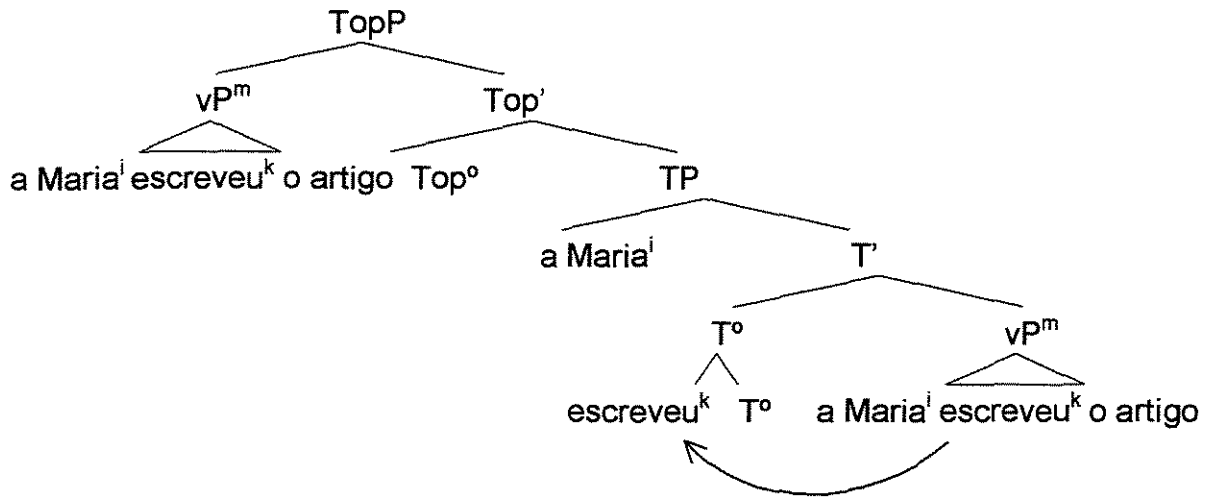


Ao final da derivação sintática e após o apagamento das cópias excedentes, as duas instâncias verbais que restariam, assumindo a hipótese de checagem, seriam idênticas. Esse resultado, como sabemos, não é aceitável.

(23) * Terminou, a Maria terminou a tese.

Para a topicalização do Tipo 2, teremos um resultado igualmente problemático, conforme mostra a representação arbórea abaixo:

VIII) Hipótese de checagem de traços e o Tipo 2



O *output* fornecido após o apagamento das cópias excedentes também possui duas instâncias verbais idênticas.

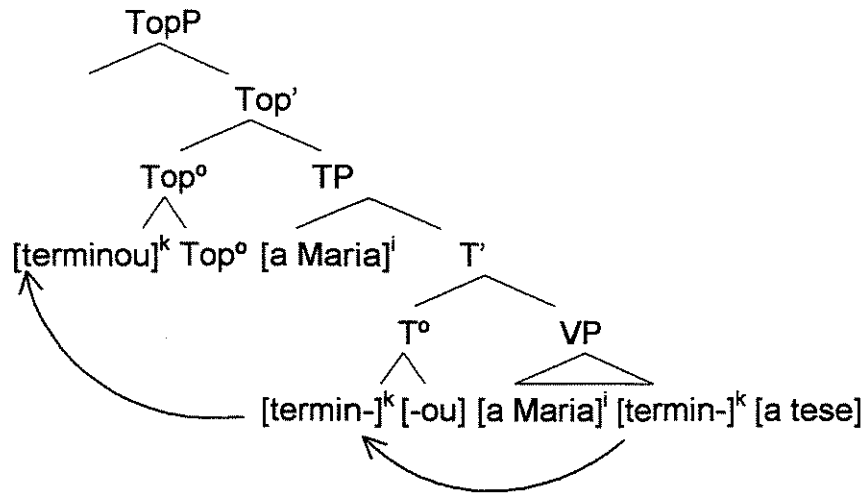
(24) **Escreveu o artigo*, a Maria *escreveu* (mas...)

Como sabemos, este resultado com duas instâncias verbais idênticas não é o desejado. Isso significa que, assumindo uma hipótese estritamente lexicalista, não poderemos obter cópias verbais com flexões distintas.

4.3.2 Atribuição da Flexão

Uma hipótese diferente era assumida em versões anteriores da Teoria de Princípios e Parâmetros: a atribuição da flexão. Em línguas com movimento de verbo para T, a forma verbal nua se movia a fim de receber a flexão verbal. Seguindo essa hipótese, obteríamos o seguinte para a topicalização de constituintes verbais do Tipo 1.

IX) Hipótese de atribuição da flexão e o tipo 1



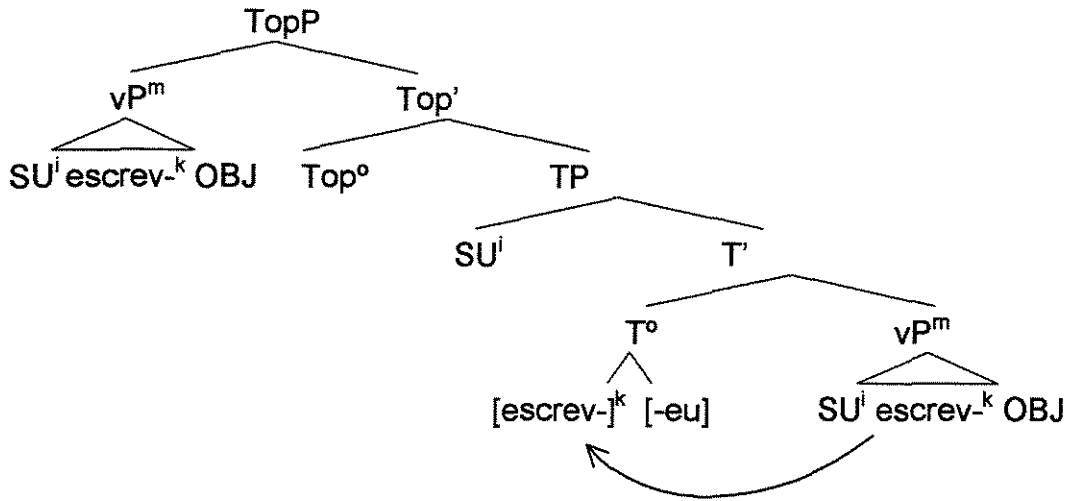
Ao final da derivação sintática e após o apagamento das cópias excedentes, as duas instâncias verbais que restariam, assumindo a hipótese de atribuição, seriam: uma sem flexão, pois foi movida por excorporação (seguindo a análise de Nunes (2000) para o vata), e a outra flexionada.

(25) *Termin-, a Maria terminou a tese.

Esse resultado, como já sabemos, também não é aceitável, pois português possui restrições morfológicas (e fonológicas) sobre a realização de bases verbais nuas.

Para a topicalização do Tipo 2, teremos um resultado igualmente problemático, conforme mostra a representação arbórea abaixo:

X) Hipótese de atribuição da flexão e o tipo 2



O resultado obtido após o apagamento das cópias excedentes é o seguinte:

(26) * *Escrev-* o artigo, a Maria *escreveu*...

Adotando essa hipótese (à la GB) de que o verbo recebe a flexão em T^o, também não teríamos o resultado adequado. A instância mais baixa receberia a flexão, mas a instância mais alta ainda seria uma base nua, que viola os padrões morfológicos verbais em português.

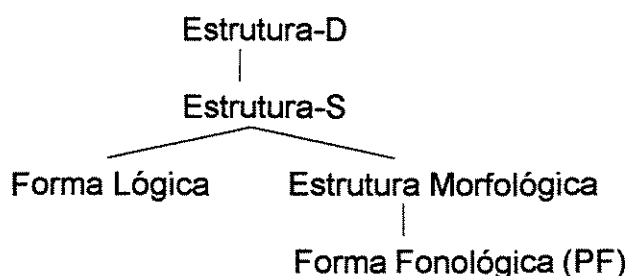
4.3.3 Morfologia Distribuída

A hipótese da Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993) defende que o que tradicionalmente tem sido chamado de Morfologia não está concentrado em um único componente da Gramática, mas está, sim, distribuído entre componentes diferentes. Para a Morfologia Distribuída, a atribuição de traços

fonológicos para o feixe de traços morfossintáticos tem lugar depois da sintaxe e, portanto, essa atribuição não cria, nem determina os elementos manipulados pela sintaxe.

A Morfologia Distribuída adota como arquitetura do sistema computacional a proposta geral da versão *GB* da Teoria de Princípios e Parâmetros, acrescentando entre a sintaxe e a fonologia, uma estrutura chamada de Estrutura Morfológica, conforme o diagrama abaixo:

XI) Localização da estrutura morfológica



A proposta de que há um “lugar” para a morfologia entre a sintaxe e a fonologia, onde dentre outras coisas pode haver atribuição de feixes de traços parece ser promissora para explicar os casos de topicalização de constituintes verbais em português.

4.3.4 Proposta

Minha proposta para a topicalização de constituintes verbais gerados por movimento combina aspectos das três hipóteses apresentadas anteriormente. Seguindo Chomsky (1995), assumo que a derivação sintática parte de uma

numeração, que é um multiconjunto de itens lexicais, mas proponho que, em português, o que é tomado do léxico é apenas uma base verbal, sem flexão⁴. Seguindo a hipótese de atribuição de traços, essa base verbal se moverá para T° para receber a flexão⁵. Como vimos anteriormente, após a sintaxe e após o apagamento das cópias excedentes, teremos o seguinte:

- (27) a. Tipo 1: * *Escrev-*, a Maria *escreveu o artigo*.
b. Tipo 2: * *Escrev-* o artigo, a Maria *escreveu...*

Seguindo Halle e Marantz (1993), defendendo que, entre a sintaxe e a fonologia, há um “lugar” para a morfologia, onde se processam fenômenos morfossintáticos e morfofonológicos⁶. Ao receber estruturas como (27a-b), a morfologia pode “corrigir” a ausência de flexão de base verbal nua, atribuindo-lhe a flexão. A forma inserida seria o infinitivo, uma forma *default* em português. Entretanto, a hipótese de que o infinitivo é uma forma *default* não pode funcionar como ingrediente único para explicar a ocorrência de duas instâncias verbais em português. Uma pergunta que imediatamente se coloca é: por que a morfologia corrigiria esses casos e não outros?

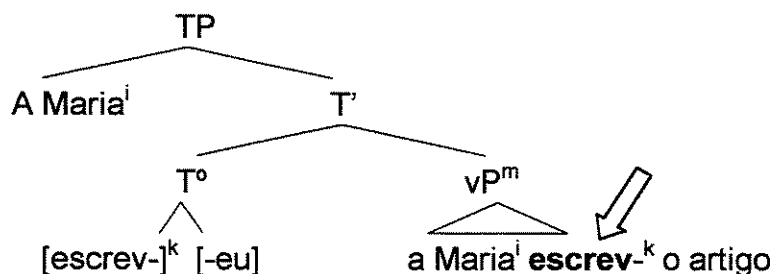
Consideremos a cópia verbal assinalada na representação em (XII), tendo em mente que as cópias são não-distintas.

⁴ Zocca (2001), que estuda casos de elipse em português brasileiro, também propõe que o que é tomado do léxico é apenas uma base verbal.

⁵ Lasnik (1995, 1999) propõe que os mecanismos de checagem de traços e de atribuição de afixos podem coexistir e utiliza essa hipótese para dar conta de diferenças entre o francês e o inglês em relação a casos de elipse.

⁶ A proposta de Nunes (1995, 1999, 2000) prevê também um “lugar” para a morfologia nessa posição.

XII) Sentença sem dupla ocorrência verbal



Se o infinitivo é uma forma default em português e se ele pode ser inserido para evitar a violação de padrões morfológicos verbais, então, por que o infinitivo nunca é inserido na cópia verbal assinalada em (XII)?

(28) A Maria escreveu (*escrever) o artigo

A inaceitabilidade de (28) sugere que a hipótese de que o infinitivo é uma forma *default* não pode, por si só, dar conta de todos os fatos relacionados à dupla ocorrência verbal em português⁷. Além da inserção da flexão, temos que considerar propriedades específicas dos núcleos da periferia sintática esquerda, a saber, os núcleos que compõem o sistema CP podem ter requerimentos “quase morfológicos”, segundo afirma Rizzi: “movimento sintático (...) é o “último recurso” no sentido exato de que ele deve ser obrigado pela satisfação de certos requerimentos quase-morfológicos de núcleos” (Rizzi 1997:282). Assumindo isso,

⁷ Filomena Sândalo (c.p.) sugeriu que o infinitivo pode ser uma forma não-especificada, tomada do léxico. As mesmas razões que descartam a inserção de uma forma *default* como explicação única e suficiente para a geração de duas instâncias verbais, podem ser estendidas à hipótese de o infinitivo ser uma forma não-especificada. As previsões diferentes que as duas hipóteses fazem não foram ainda testadas.

o movimento para satisfazer o critério de Tópico é necessário para satisfazer requerimentos de núcleo de tópico. Minha proposta consiste em dizer que o núcleo de tópico possui uma restrição: só aceita o argumento *evento* se este estiver na forma infinitiva.

Conforme vimos em (27), entretanto, tanto no Tipo 1 quanto no Tipo 2, a projeção de Tópico recebe uma base nua. Ora, a presença dessa base nua no domínio mínimo do núcleo de Top viola não só a restrição do tópico, mas também a restrição morfofonológica sobre a realização fonética de bases nuas em português.

Se isso está no caminho correto, as construções com topicalização de constituintes verbais geradas por movimento geram um impasse. O movimento de verbo ou de vP é necessário para satisfazer o Critério de Tópico, mas a base verbal nua viola uma restrição morfológica do núcleo. Para satisfazer as duas condições, a morfologia atribui a forma de infinitivo.

Ao receber a flexão, a cópia mais alta se torna invisível ao LCA, possibilitando que mais de uma cópia possa ser foneticamente realizada. Essa proposta possui duas vantagens: a) provê uma motivação para a reanálise morfológica de V^0 -Top⁰ na topicalização do Tipo 1; e b) explica por que a instância verbal mais alta, nas construções do Tipo 2 também é realizada.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentei minha proposta de análise para a realização de duas instâncias verbais nas construções com topicalização de constituintes verbais em português. Com respeito à relação entre as duas instâncias verbais, ofereci respostas distintas para os Tipos 1 e 2, gerados por movimento, e para o Tipo 3, gerado na base.

Para os casos de topicalização de constituintes verbais gerados por movimento, propus que as duas instâncias do verbo são cópias no sentido da teoria de movimento por cópia (Chomsky 1993; Nunes 1995, 1999, 2000) e que esses casos devem ser analisados como realização fonética de cópias múltiplas. Para os casos de topicalização de constituintes verbais gerados na base, propus que não há nenhuma relação sintática entre as duas instâncias verbais.

Com relação ao fato de que as duas instâncias verbais são distintas quanto à flexão, propus que a projeção de tópico só aceita argumentos do tipo *evento* se eles estiverem na forma infinitiva; isto é, base nuas no domínio mínimo de Top violariam uma restrição morfológica do núcleo. Para corrigir esse resultado, a morfologia insere a flexão verbal de infinitivo, o que torna a cópia mais alta invisível ao LCA e permite a linearização da sentença com mais de uma cópia.

CONCLUSÃO

Esta dissertação tomou por objeto construções caracterizadas por duas instâncias do mesmo verbo em português brasileiro. Defendi que esses casos devem ser analisados como topicalização de constituintes verbais, que podem ser classificados em três tipos.

Com base na descrição das estruturas de tópico-comentário e foco-pressuposição dessas construções, foi possível estabelecer que o constituinte verbal à esquerda nos três tipos corresponde à informação pressuposta (e não à informação nova ou contrastiva). Os dados relevantes são os seguintes:

- (1) Tipo 1: Vender, o João vendeu AS SEMENTES DE GIRASSOL.
Tipo 2: Vender as sementes de girassol, O JOÃO vendeu.
Tipo 3: Vender semente, O JOÃO vende.

Um dos argumentos utilizados para descartar a possibilidade de que os constituintes verbais à esquerda correspondam à informação nova ou contrastiva é que a presença de constituintes focalizados, fora da periferia sintática, garante que os constituintes à esquerda não sejam o foco, assumindo-se que há apenas

um foco por sentença (Zubizarreta 1998, Rizzi 1997, dentre outros). Outras evidências são providas pelo fato de as sentenças com duas instâncias verbais não funcionarem como respostas adequadas aos contextos (questões contextualizadoras) que introduzem o foco sentencial, tanto o apresentacional, quanto o contrastivo.

Assim, as oposições tópico-comentário e foco pressuposição das construções com duas instâncias verbais articulam-se como esquematizado abaixo:

(2) Articulação Tópico-Comentário

- Tipo 1: [Tópico Vender] [Comentário o João vendeu as sementes de girassol].
Tipo 2: [[Tópico Vender] [Tópico as sementes de girassol]] [Comentário o João vendeu]
Tipo 3: [Tópico Vender semente] [Comentário o João vende]

Articulação Foco-Pressuposição

- Tipo 1: [Pressuposição Vender o João vendeu] [Foco as sementes de girassol].
Tipo 2: [Pressuposição Vender as sementes de girassol] [Foco o João] [Pressuposição vendeu].
Tipo 3: [Pressuposição Vender semente] [Foco o João] [Pressuposição vende].

Para capturar as oposições tópico-comentário e foco-pressuposição, foi utilizada a noção de Estrutura da Asserção de Zubizarreta (1998), combinando-a à proposta de Davidson (1967) de que os predicados das sentenças devem conter um lugar extra para o evento. Minha proposta de análise consiste em dizer que o argumento evento é um argumento topicalizável em português. Os exemplos abaixo mostram a representação semântica que propus para os três tipos de topicalização:

(3) Tipo 1

Vender, o João vendeu [_F as sementes de girassol].

A₁: vender_e / (∃x) tal que (vendeu (o João, x, e))

A₂: vender_e / x (tal que (vendeu (o João, x, e))) = as sementes de girassol

(4) Tipo 2

Vender as sementes de girassol, [_F o João] vendeu.

A₁: vender_e as sementes de girassol_y / (∃x) tal que (vendeu (x, y, e))

A₂: vender_e as sementes de girassol_y / x (tal que (vendeu (x, y, e))) = o João

(5) Tipo 3

Vender semente, [_F o João] vende.

A₁: vender semente_e / (∃x) tal que (vende (x, e))

A₂: vender semente_e / x (tal que (vende (x, e))) = o João

No Tipo 1, apenas o evento está topicalizado. No tipo 2, temos um caso de topicalização múltipla, em que o argumento evento e os demais argumentos do verbo estão juntos na periferia sintática. A argumentação para defender essa representação para o Tipo 2 está relacionada ao fato de que os sintagmas quantificados que não podem aparecer topicalizados em português, como *poucos*, por exemplo, também não podem ser o argumento do verbo em construções do tipo 2.

(6) Cumprimentar os alunos, o professor cumprimentou (mas...)

* Cumprimentar **poucos** alunos, o professor cumprimentou (mas...)

Quanto às construções do tipo 3, os casos de verbo + NP nu foram representados como um único evento, seguindo a proposta de Saraiva (1996, 1997) de que esses são casos de incorporação semântica e sintática dos objetos diretos ao verbo.

As Estruturas de Asserção apresentadas acima relacionam-se apenas aos casos em que há um constituinte explicitamente marcado como foco no interior do comentário. Entretanto, há casos em que nenhum constituinte é assinalado como foco. Nesses casos, as construções com topicalização de constituintes verbais geram o efeito de contrastividade ou o efeito-*mas*; ambos relacionados às orações coordenadas adversativas que podem seguir as construções com topicalização de constituintes verbais.

Quando estão explícitas, essas sentenças coordenadas geram um efeito de contrastividade que possui características distintas do foco contrastivo.

(7) Foco contrastivo

- a. QC: O João *roubou* essas rosas?
- b. O João COMPROU essas rosas, **e não roubou**.

(8) Topicalização de constituintes verbais

- a. QC: O João comprou as rosas e *arrumou no vaso*?
- b. Comprar as rosas, o João comprou, **mas não arrumou no vaso**.

O contexto adequado para o surgimento do efeito de constrastividade possui uma conjunção entre duas proposições ou entre dois constituintes e as coordenadas adversativas opõem-se a um valor positivo que está presente no contexto. A principal diferença entre esse tipo de construção com topicalização de constituintes verbais e as construções com focalização contrastiva é que a topicalização não possui nenhum elemento focalizado, ou seja, nenhuma informação não-pressuposta é introduzida pela primeira coordenada que contém a topicalização de constituintes verbais. Apesar disso, o valor de um constituinte presente na QC é negado pela sentença coordenada adversativa.

Quando estão implícitas, as sentenças coordenadas adversativas geram o efeito-*mas* que é um efeito de expectativa adversativa. Defendi a proposta de que o participante de uma dada conversação pode deixar de assinalar um elemento ou constituinte como foco; essa atividade torna a sua participação conversacional menos informativa do que o esperado. Uma vez que o foco é uma parte fundamental da estrutura semântico-pragmática de uma sentença, a ausência dele viola uma máxima de quantidade (Grice 1975). A exploração dessa máxima dá origem a seguinte implicatura conversacional:

(9) IMPLICATURA FOCAL OU DE INFORMATIVIDADE

Há uma informação relevante não-pressuposta, relacionada ao evento em questão, que foi implicada.

Utilizando essa idéia como ingrediente básico da análise, examinei casos em que a implicatura pode ser mais ou menos direcionada dependendo do contexto em que foi produzida como, por exemplo, nos casos em que o contexto possui uma conjunção.

Lançando mão de critérios sintáticos como o tipo de geração e a categoria sintática na periferia esquerda, classifiquei os casos de topicalização em três subtipos:

- Tipo 1: topicalização por movimento de verbo;
- Tipo 2: topicalização por movimento de vP;
- Tipo 3: topicalização gerada na base.

Seguindo Rizzi (1997), assumi que a projeção de CP possui uma estrutura complexa que comporta, dentre outras, as projeções de tópico e foco e que a motivação para o movimento de constituintes para essas projeções se dá satisfação dos critérios de tópico e foco. Considerando propriedades que Rizzi (1997) aponta como características dos constituintes topicalizados, conclui que TopP é a categoria que abriga os constituintes verbais em português. Essas propriedades são as seguintes: o constituinte verbal periférico corresponde à informação pressuposta; nos casos gerados na base, o constituinte verbal estabelece uma relação antecedente-resumptivo com um elemento presente no comentário; e, nos casos em que os argumentos acompanham o verbo na periferia sintática, esses argumentos não são compatíveis com certos sintagmas quantificados que não podem aparecer em construções com topicalização em português.

À luz de todas essas propriedades, apresentei derivações sintáticas para os três tipos de topicalização de constituintes verbais. Para os casos de topicalização de constituintes verbais gerados na base, propus que, já na numeração, há duas instâncias do mesmo verbo e que, portanto, não há nenhuma relação sintática entre as duas ocorrências do verbo. Nesses casos, um constituinte verbal que contém pelo menos um vP é gerado independentemente e concatenando à sentença no especificador de TopP para satisfazer o critério de tópico.

Para os casos de topicalização de constituintes verbais gerados por movimento, a proposta de análise consiste em dizer que as duas instâncias do

verbo são cópias no sentido da teoria de movimento por cópia (Chomsky 1993; Nunes 1995, 1999, 2000) e que os Tipos 1 e 2 devem ser analisados como realização fonética de cópias múltiplas.

Na topicalização do Tipo 1, a instância verbal periférica é gerada pelo movimento do núcleo verbal para Top^o. Nessa posição, ocorre a reanálise morfológica desses dois segmentos e a instância verbal mais alta torna-se invisível ao LCA. Assim, a instância verbal intermediária, passa a ser a instância verbal mais alta visível ao LCA e é realizada por ter participado de mais operações de checagem.

Para a topicalização do Tipo 2, propus que o núcleo verbal se move para T^o e que o vP se move para o especificador de TopP. O modo como as duas instâncias verbais são obtidas, nesses casos, entretanto, só pode ser explicado conjuntamente com a proposta apresentada para a morfologia flexional verbal.

Minha proposta para a morfologia flexional verbal é que, em português, o que é tomado do léxico é apenas uma base verbal, sem flexão. Após a sintaxe e após o apagamento das cópias excedentes em construções com duas instâncias verbais, temos o seguinte:

- (10) a. Tipo 1: * **Escrev-**, a Maria **escreveu** o artigo.
b. Tipo 2: * **Escrev-** o artigo, a Maria **escreveu**...

Para satisfazer requerimentos específicos do núcleo de tópico, propus que a morfologia insere a forma de infinitivo a fim de solucionar o seguinte

impasse: o critério de tópico precisa ser satisfeito, mas o núcleo verbal que pode satisfazê-lo viola um de seus requerimentos.

Ao receber a flexão, a cópia mais alta se torna invisível ao LCA, possibilitando que mais de uma cópia possa ser foneticamente realizada. Essa proposta possui duas vantagens: a) provê uma motivação para a reanálise morfológica de V^0 - Top^0 na topicalização do Tipo 1; e b) explica por que a instância verbal mais alta nas construções do Tipo 2 também é foneticamente realizada.

BIBLIOGRAFIA

- ABELS, K.** (2000) *Multiple Copies Meet Russian Predicate Clefts*. Ms., University of Connecticut, Storrs.
- BASTOS, A. C.** (2000) Clivagem de Predicados: diferentes estratégias em Língua Portuguesa (trabalho apresentado na XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste). Ms, Salvador, UFBA.
- BASTOS, A. C.** (2001a) Cópias verbais não-idênticas? *Revista do XLVIII Seminário do GEL* (publicado em CD-ROM). Assis, UNESP.
- BASTOS, A. C.** (2001b) Movimento Sintático, Flexão Verbal e as Hipóteses de Atribuição e Checagem de Traços (trabalho apresentado no XLIX Seminário do GEL). Ms, Marília, UNESP.
- CASTRO, V. S.** (1994) Um caso de repetição no português. *Cadernos de estudos lingüísticos* 27: 85-101, Campinas.
- CHO, E. e NISHIYAMA, K.** *Yoruba Predicate Clefts in a Comparative Perspective*. (Trabalho apresentado na 28ª Conferência de Lingüística Africana). Ms.
- CHOMSKY, N.** (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

- CHOMSKY, N.** (1986a) *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. Praeger, New York.
- CHOMSKY, N.** (1986b) *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, N.** (1993) A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: Hale & Keyser *The View from Building 20*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, N.** (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CINQUE, G.** (1990) *Types of A' Dependencies*. Mit Press, Cambridge, Mass.
- DAVIDSON, D.** (1967) The Logical Form of Action Sentences. *Essays on Actions and Events*.
- DEKYDTSPOTTER, L.** (1992) The syntax of predicate cleft. IN: NELS Proceedings.
- FIQUEIREDO SILVA, M. C.** (1996) A estrutura da frase em português brasileiro. In: *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 37-86.
- GALVES, C.** (1993) O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. In Roberts, Ian & Kato, Mary (orgs.) *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. Unicamp.
- GALVES, C.** (1998) Tópicos e sujeitos, Pronomes e Concordância no Português Brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (34): 19-31.
- GRICE, H. P.** (1975) Logic and conversation. In: P. Cole and J. L. Morgan. *Syntax and Semantics*. V.3. New York, Academic Press. 41-58.
- GROLLA, E. B.** (2000) A Aquisição da Periferia Esquerda da Sentença em Português Brasileiro. Dissertação de Mestrado, IEL/Unicamp, Campinas, SP.

- HALE, K. e KEYSER, S. J.** (1993) On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: Hale & Keyser (eds.) *The view from building 20*. Cambridge, Mass., MIT Press.
- HALLE, M. e MARANTZ, A.** (1993) *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. Cambridge, Mass.: MIT Press. p. 111-176.
- HORNSTEIN, N.** (2001) *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Malden, Mass., Blackwell.
- HUANG** (1982) Logical relations in Chinese and the theory of grammar. Doctoral dissertation. MIT, Cambridge, Mass.
- ILARI, R.** (1986) *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas, Ed. Unicamp.
- KÄLLGREN, G. e PRINCE, E.** (1989) Swedish VP-Topicalization and Yiddish Verb-Topicalization. In: *Nordic Journal of Linguistics*, (12): 47-58.
- KATO, M.** (1993) Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica. In: I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro – Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- KATO, M.** (1998) Tópicos como Alçamento de Predicados Secundários. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (34):67-76.
- KATO, M. e RAPOSO, E.** (1994) European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions. Ms, UNICAMP/UCSB.
- KAYNE, R.** (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KOCH, I. G. V.** (1997) *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, contexto.
- KOOPMAN, H.** (1984) *The Syntax of Verbs*. Dordrecht: Foris Publications.

- LARSON, R.** (1988) On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, 19: 335-391.
- LARSON, R.** (1990) Double objects revisited: Reply to Jackendoff. *Linguistic inquiry* 21, 589-632.
- LARSON, R. e LEFEBVRE, C.** (1991) Predicate Clefting in Haitian Creole. *NELS* 21, 247-261.
- LASNIK, H.** (1995) A note on pseudogapping. In *Papers on minimalist syntax, MIT working papers in linguistics* 27, ed. Rob Pensalfini and Hiroyuki Ura, 143-163. MITWPL, Department of Linguistics and Philosophy, MIT, Cambridge, Mass.
- LASNIK, H.** (1999) *Minimalist analysis*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publisher.
- LUMSDEN, J. e LEFEBVRE, C.** (1990) Predicate Cleft Constructions and Why They Aren't What You Might Think. *Linguistic* 28.4: 761-783.
- LYONS, J.** (1977) Context, style and culture. *Semantics*. V.2. Cap. 14. P. 592-606.
- MATOS, M. G.** (1992) Construções de elipse do predicado em português. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- MIOTO, C.** (1999) *CP no PB*. (Trabalho apresentado no Encontro da ANPOLL). Ms, São Paulo, USP.
- MIOTO, C. e FIGUEIREDO SILVA, M. C.** (1995) Wh que = Wh é que? *DELTA*, n.11, Vol 2:301-311.
- NISHIYAMA, K. e CHO, E.** (1997) Predicate Cleft Constructions in Japanese and Korean: The Role of Dummy Verbs in TP/VP-Preposing. *Japanese/Korean Linguistics*. Stanford: CSLI Publications.

- NUNES, J.** (1995) *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. Doctoral dissertation. University of Maryland at College Park.
- NUNES, J.** (1999) Linearization of chains and phonetic realization of chain links. In Epstein, D. & Hornstein, N. (eds.) *Working Minimalism*. MIT Press, Cambridge Mass, 217-249.
- NUNES, J.** (2000) *Linearization of chains and sideward movement*. Ms., UNICAMP.
- PONTES, E.** (1987) *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas, Pontes.
- PRINCE, E. F.** (1981). Topicalization, focus movement and Yiddish-movement. In *Berkeley Linguistics Society*, 249-264.
- PRINCE, E. F.** (1998) On limits of Syntax, with Reference to Left-Dislocation and Topicalization. *Syntax and Semantics*, V.29. [San Diego]: Academic Press.
- RAPOSO, E.** (1997) *Toward a Unification of Topic Constructions*. University of California, Santa Barbara, ms.
- RIZZI, L.** (1990) *Relativized Minimality*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- RIZZI, L.** (1997) "The fine structures of left periphery". In L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*. 281-337. Kluwer Academic Publishers.
- RIZZI, L.** (2001) Locality and left periphery. (Palestra apresentada no Instituto de estudos da linguagem). Campinas, UNICAMP.
- ROSS, J. R.** (1967) *Constraints on Variables in Syntax*. Doctoral dissertation, MIT.
- SARAIVA, M. E. F.** (1997) *"Buscar menino no colégio" a questão do objeto incorporado em Português*. Campinas, Pontes.

XIMENES, C. (2001) Coordenação de preposição e formação de palavra no componente fonológico (trabalho apresentado no XLVIX Seminário do GEL).

Ms, Marília, UNESP.

ZOCCA, C. (2001) O que não está lá? um estudo sobre Morfologia Flexional em Elipses (trabalho apresentado no XLVIX Seminário do GEL). Ms, Marília,

UNESP.

ZUBIZARRETA, M. L. (1998) *Prosody, Focus and Word Order*. Massachussetts:

MIT Press.

